

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**EDNA MORGANA BRASIL DA SILVA**

**JOGADORA MARTA E O DRIBLE NO MACHISMO: UM ESTUDO DO DISCURSO  
JORNALÍSTICO SOBRE AS MULHERES NO ESPORTE**

**CAXIAS DO SUL**

**2020**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**EDNA MORGANA BRASIL DA SILVA**

**JOGADORA MARTA E O DRIBLE NO MACHISMO: UM ESTUDO DO DISCURSO  
JORNALÍSTICO SOBRE AS MULHERES NO ESPORTE**

Monografia de Conclusão de Curso para  
obtenção de grau de Bacharel em  
Comunicação Social – Habilitação em  
Jornalismo na Universidade de Caxias do  
Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ma. Marliva Vanti  
Gonçalves

**CAXIAS DO SUL**

**2020**

**EDNA MORGANA BRASIL DA SILVA**

**JOGADORA MARTA E O DRIBLE NO MACHISMO: UM ESTUDO DO  
DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE AS MULHERES NO ESPORTE**

Monografia de Conclusão de Curso para  
obtenção de grau de Bacharel em  
Comunicação Social – Habilitação em  
Jornalismo na Universidade de Caxias do  
Sul.

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Marliva Vanti Gonçalves

Universidade de Caxias do Sul –UCS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Luiza Cardinale Baptista

Universidade de Caxias do Sul –UCS

---

Prof. Me. Jacob Raul Hoffmann

Universidade de Caxias do Sul –UCS

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me guiado durante a minha trajetória e por ter colocado pessoas boas no meu caminho que torceram por mim, mesmo quando parecia que a graduação seria só um sonho. Agradeço à minha família. E especialmente à minha mãe Eva, que me inspira e me motiva todos os dias.

Agradeço ao meu namorado Willian, que me incentivou, ajudou e teve paciência durante este momento de minha vida. Aos meus amigos e colegas, que foram importantes durante a minha graduação. À minha melhor amiga, Tainara, que sempre me apoiou e incentivou nos meus sonhos, me empoderando, quando necessário.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Marliva Vanti Gonçalves, por toda compreensão, dedicação e comprometimento, mesmo durante os momentos mais difíceis. A todos que me inspiraram, me confortaram e acreditaram em mim, muito obrigada.

## RESUMO

O tema desta monografia deu origem ao objetivo geral, que é analisar o discurso utilizado pelos programas esportivos de televisão no que se refere à igualdade de gênero, a partir da carreira da jogadora de futebol, Marta. Além disso, a pesquisa teve como questão norteadora “Como o discurso utilizado pelos programas esportivos da televisão expõe as questões de gênero, a partir da jogadora de futebol, Marta?”. A base teórica deste estudo é composta por assuntos como jornalismo, televisão, feminismo, com suas histórias e conceitos; além de um capítulo dedicado à jogadora Marta. Foram analisadas cinco reportagens jornalísticas de televisão, que são os objetos de estudos da pesquisa. Os métodos utilizados são a Análise de Conteúdo, a partir de Laurence Bardin (2011) e a Análise de Discurso, a partir de Ruth Amossy (2018). Com a finalização do estudo, foi possível verificar o resultado obtido que indica que o discurso jornalístico não está livre de possuir preconceito.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Televisão. Jornalismo Esportivo. Feminismo. Marta.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2 JORNALISMO.....</b>	<b>16</b>
2.1 JORNALISMO E JORNALISTA.....	16
2.2 JORNALISMO ESPORTIVO .....	19
<b>3 TELEVISÃO .....</b>	<b>23</b>
3.1 A TELEVISÃO NO BRASIL.....	23
3.2 A NOTÍCIA NA TV . .....	28
3.3 TELEJORNALISMO ESPORTIVO E ESPETÁCULO TELEVISIVO.....	29
<b>4 FEMINISMO .....</b>	<b>32</b>
4.1 A HISTÓRIA DO FEMINISMO .....	32
4.2 A MULHER NO ESPORTE .....	38
4.3 IMPRENSA FEMININA E A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO.....	41
<b>5 MARTA: A RAINHA DO FUTEBOL.....</b>	<b>44</b>
5 HISTÓRIA DE VIDA.....	44
5 O ARQUÉTIPO FEMININO.....	47
<b>6 METODOLOGIA .....</b>	<b>49</b>
6.1 DECUPAGEM DO CONTEÚDO .....	50
6.2 ANÁLISE DO CONTEÚDO E ANÁLISE DE DISCURSO.....	64
6.2.1 ANÁLISE DOS RECORTES DO ESPORTE ESPETACULAR.....	64
6.2.2 ANÁLISE DOS RECORTES PROGRAMA HORA UM.....	67
6.2.3 ANÁLISE DOS RECORTES NO MUNDO DA BOLA.....	69
6.2.4 ANÁLISE DOS RECORTES DO BATE-PAPO ESPORTIVO.....	72
6.2.5 ANÁLISE DOS RECORTES DO GLOBO ESPORTE.....	73

<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>89</b>
ANEXO I.....	90
ANEXO II .....	91
ANEXO III.....	92
ANEXO IV.....	93
ANEXO V.....	94
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>95</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O tema da presente monografia é a análise do discurso sobre as questões de gênero, utilizado pelos programas esportivos na televisão brasileira, a partir da carreira da jogadora de futebol, Marta. A escolha do tema justifica-se pela importância do discurso utilizado, como potencializador de reprodução de ideias, e não apenas no jornalismo esportivo. Para isso, observou-se se a narrativa utilizada combina com o papel do jornalista de instigar o debate, contribuindo para a igualdade de gêneros. Observou-se ainda se a crescente presença das mulheres no futebol feminino reflete na maneira como esse fato é apresentado para o público.

Para a pesquisa, a carreira de Marta é a base, já que ela é uma das futebolistas com grande destaque no esporte. Tem-se como objetivo principal, analisar as características do discurso utilizado pelos meios de comunicação, em programas televisivos sobre o esporte, como inclusivo ou dispersivo. Além disso, conhecer a luta pela inserção e reconhecimento das mulheres no futebol, entendendo que isso só se tornou possível, por meio do movimento feminista. Movimento esse, que luta pelos direitos de igualdade entre homens e mulheres.

Sendo assim, a questão norteadora pretende responder a seguinte questão: “Como o discurso utilizado pelos programas esportivos da televisão expõe as questões de gênero, a partir da carreira da jogadora de futebol, Marta?”

A comunicação passou a existir a partir de uma carência humana pela interação. “A necessidade de conhecimento levou o homem a um desafio: a conquista de meios mais eficientes para a propagação e o intercâmbio de informações” (PATERNOSTRO, 2006, p.19). Esse desafio começa por meio da conquista da atenção das pessoas.

E é o jornalista o profissional responsável por propagar as informações. Juarez Bahia (1990 p. 9) entende que jornalismo é “apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação”. Ao dizer que o jornalismo conjuga pensamento e ação, entende-se que é a partir do que é apresentado à sociedade que formam-se opiniões, conceitos e julgamentos. Por isso, a narrativa torna-se tão relevante, já que é a partir dela que surgem as ideias e conceitos individuais e coletivos.

Por serem o elemento fonte desta análise os produtos audiovisuais, a televisão se torna o campo de estudo. Um breve conhecimento da história da TV é indispensável para compreensão do assunto desta monografia.

Fundamentada nas imagens, a televisão surgiu no mundo em meados de 1920, somente em preto e branco. Segundo Machado (2000), o sistema de televisão em cores, para o comércio, foi apresentado algum tempo mais tarde, em 1966. Já as imagens, com origem muito mais remota, de acordo com Marcondes Filho (1998), existem desde a Pré-História, há mais de 40 mil anos, como uma forma do homem representar as coisas que almeja para si, utilizando elementos visuais.

Porém, a televisão só foi chegar ao Brasil na década de 1950, em 18 de setembro, 30 anos depois do seu surgimento, período esse, de crescimento industrial do país. Implementada pelo jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, a televisão brasileira, em seus primórdios, possuía um discurso muito parecido com o do rádio, isso porque ainda não havia desenvolvido uma linguagem própria.

Mas, diferente do rádio, que era o principal veículo de comunicação da época, a TV não requer descrição ou narração; a imagem precisa vir acompanhada de um texto que a complemente e não a descreva, já que a interpretação sobre ela cabe ao telespectador, conforme explica Paternostro (2006). De certa forma, ela tem relação com o pertencimento. “A televisão, por sua vez é pensada como uma instituição social e agente mediador entre a sociedade e o receptor, a qual produz agregação social e cultural, dando às pessoas a sensação de fazerem parte de uma coletividade” (DUARTE; CASTRO, 2006, p. 33).

Para organizar a programação, a televisão dividiu os programas em três conceitos explicados por Souza (2015) como: categoria, gênero e formato. Segundo o autor, as categorias são divisões, ‘gavetas mentais’, do que é o programa e o que se deseja oferecer. Portanto, as categorias podem ser: entretenimento, informação, educação, publicidade e outros. É a partir da divisão por categoria, que o gênero do programa irá ser definido.

No caso do gênero, Souza (2015, p. 32) define como um “conjunto de espécies que apresentam certo número de caracteres comuns”. Ou seja, o gênero contempla a ordem e a estrutura em que o programa irá ser apresentado. Já o formato refere-se às características gerais do programa. Souza (2015) entende que o formato na televisão é o que vai definir, realmente, como vai ser o programa. Dessa forma, todos os conceitos estão correlacionados, pois um programa em determinada categoria

pode ter mais de um gênero em um formato. Chama-se a esse movimento de inter-relação de hibridismo.

Essa questão leva a televisão, com facilidade, ao conceito de Infotainment, que nada mais é do que a união de duas categorias: informação e entretenimento. Juntas, formam uma nova categoria. Dejavite (2006) direciona essa nova característica para o jornalismo, pois além de informar, deve também entreter. A autora coloca essa junção como uma necessidade para o bom profissional de jornalismo, na sociedade contemporânea.

O jornalismo esportivo contém as características definidas por Dejavite e, portanto, situa-se na categoria de Infotainment, conceito explorado no segundo capítulo dessa monografia. Foi no Rio de Janeiro, no começo do século XX, que os jornais começaram a abrir mais espaço para o futebol. Mas esse esporte já existe no Brasil há muitos anos, de acordo com o jornalista de futebol Máximo (1999)<sup>1</sup>: desde 1895. Foi o ano em que Charles Miller retornou ao Brasil, depois de estudar na Europa, trazendo consigo uma bola e conhecimentos sobre a prática esportiva. Por essa razão, Miller é considerado até os dias atuais, como "pai do futebol" no Brasil.

Na TV Record, em 1953, iniciam-se as primeiras transmissões de jornalismo esportivo. O programa era uma "Mesa Redonda" e consistia em discutir e mostrar partidas de futebol. Atualmente, este é um esporte muito popular no Brasil; administrado na TV como um show, um espetáculo. Coelho (2004) destaca que, muitas vezes, se perde a noção do que é show e do que é jornalismo. A verdade é que, segundo a teoria da linguagem do espetáculo de Debord (1991), a televisão não pode fugir do espetáculo, pelo motivo de que a imagem é uma representação do real e a televisão vive dela.

Apesar de sua longa existência, o acesso e a aceitação das mulheres no futebol aconteceu de modo tardio. Durante os anos de 1941 até 1979, as mulheres brasileiras eram proibidas de jogar futebol. Somente após muitas lutas do movimento feminista é que elas asseguram seu direito de participar do esporte. É claro que, durante esses anos de proibição e nos anos em que se seguiram, as mulheres que ousavam praticar o esporte eram julgadas e criticadas.

O movimento feminista é relativamente jovem, surgindo em meados do século XIX, reclamando direitos básicos das mulheres como o direito ao voto, que no Brasil

---

<sup>1</sup> MÁXIMO, J.(1999). **Memórias do futebol brasileiro**. Estudos avançados, 13(37), 179-188. Disponível em: [www.revistas.usp.br/eav/article/view/9493](http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9493). Acesso em: 29 out. 2019.

só foi conquistado em 1932. A mulher, agora, está em muitos lugares, falando e fazendo muitas coisas, que antes ou eram proibidas ou vistas como incomuns. “Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70” (COELHO, 2004, p. 24).

Se for levado em consideração que a primeira Copa do Mundo Feminina só foi disputada em 1991, mais de 60 anos depois que ocorreu a Copa masculina em 1930, pode-se pensar que esse fato contribuiu para que o ambiente futebolístico excluísse as mulheres, ou não as reconhecesse de forma igual.

Para o desenvolvimento da monografia, um estudo mais aprofundado é necessário, devido ao fato de muitos conceitos serem abordados. Portanto, a pesquisa foi dividida em seis capítulos, sendo a presente introdução o primeiro capítulo.

O segundo capítulo aborda o jornalismo e explora o jornalismo esportivo. Nesse mesmo capítulo, o conceito de imagem e imaginário foi introduzido para compreender-se melhor como os valores se estabelecem pelo imaginário, já que Machado (2003) o define como uma construção social. O autor entende que o imaginário é uma educação dos nossos sentidos, ou seja, diz respeito à construção de pensamento. No segundo capítulo também fala-se sobre o telejornalismo esportivo e o espetáculo televisivo. Nesse contexto, o telejornalismo esportivo e o futebol aparecem como um grande espetáculo apresentado pela televisão.

No terceiro capítulo, o tema principal é a mulher; o surgimento e a história do feminismo. Reflete-se sobre o desenvolvimento da cultura do machismo de modo que o preconceito se coloca apenas como resultado da cultura e dos padrões da sociedade. Nesse capítulo também mostram-se as matérias utilizadas como objeto de estudo.

A história de vida da jogadora Marta e sua relação com a mídia é apresentada no capítulo 4. Ela é uma das personagens mais retratadas no meio, por suas inúmeras conquistas como jogadora.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa está no quinto capítulo. Aqui também surgem os estudos do psicólogo Carl Jung (2016) sobre os arquétipos. Para realizar o estudo do discurso jornalístico sobre as mulheres no futebol, a pesquisadora adotou como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica é toda a base que vai sustentar as ideias apresentadas no projeto. Elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet (GIL, 2018, p.28).

O caráter deste trabalho monográfico é o de uma pesquisa qualitativa. Para Bardin (2011), a pesquisa qualitativa acontece de forma mais dedutiva sobre acontecimentos específicos e, portanto, é de certa forma variável. É diferente da pesquisa quantitativa, que se baseia na frequência que os elementos aparecem e leva em conta números e dados estatísticos.

Esta monografia, ao ter enfoque qualitativo, propõe analisar as características do discurso jornalístico sobre as questões de gênero nos programas esportivos. Desse modo, possibilita a reflexão a respeito do assunto tema. Com relação ao método, será feita a Análise de Conteúdo, baseada em Laurence Bardin (2011) e a posterior Análise de Discurso, utilizando como autora de referência, Ruth Amossy (2018). AC é uma forma de chegar até a AD, por isso é a análise mais técnica e funcional. Já a AD é para possibilitar o caminho para a reflexão.

No projeto de monografia, realizado anteriormente, foram separados os objetos de estudos empíricos. Eles são três produtos audiovisuais que consistem em:

Matéria especial “O futebol feminino no Brasil”, com duração de 12 minutos. Essa matéria foi exibida no programa da Rede Globo de Televisão, Esporte Espetacular, no dia 19 de maio de 2019. O conteúdo geral aborda a história do futebol feminino no Brasil.

Reportagem “Marta é eleita a Melhor Jogadora do Mundo pela sexta vez”, com duração de três minutos e 45 segundos, exibida pela Rede Globo, no Programa Hora Um da notícia no dia 25 de setembro de 2018. O conteúdo aborda a Premiação dos Melhores do Mundo pela FIFA.

Mesa-redonda “Qual o futuro do futebol feminino no Brasil?” Este programa tem 16 minutos de duração. Consistiu em um debate exibido no YouTube pelo canal TV Brasil. O material foi publicado no dia 26 de junho de 2019. Refere-se aos resultados da Copa do Mundo de Futebol Feminino.

Reportagem “Recorde de Marta, Seleção da FIFA e disputa acirrada no Brasileirão” com duração de 4 minutos e 49 segundos, exibida no programa Bate-papo esportivo, durante o Jornal da Globo, no dia 24 de setembro de 2018.

Reportagem “Figurinhas da Copa de Futebol Feminino estão esgotadas nas bancas”. Matéria exibida pelo Globo Esporte RS, da RBS TV, com duração de cinco minutos, exibida em 03 de junho de 2019.

Bardin (2011) divide a Análise de Conteúdo em três fases, sendo a primeira a pré-análise ou a coleta dos materiais que serão analisados. Ao escolher, também contribui-se para formular as hipóteses e os objetivos do tema de pesquisa. Para o estudo dos materiais, alguns livros e artigos vão ser bases para elucidar conceitos. Sendo assim, pretende-se abordar o surgimento do jornalismo esportivo e também, como o discurso de gênero utilizado para tratar do futebol, influencia esse discurso. Na pré-análise, para o desenvolvimento do projeto desta monografia, foi necessário estabelecer hipóteses. Os objetivos que sustentam a pesquisa comprovam ou não as hipóteses, a partir do resultado que o estudo mostra. As hipóteses que foram estabelecidas são:

HA - A mulher tem espaço em programas esportivos da televisão apenas para manter a aparência de igualdade de gênero.

HB- O “endeusamento” das mulheres no futebol apenas comprova a desigualdade de gênero e o machismo da sociedade.

HC - A mulher pode praticar futebol e falar sobre ele, desde que tenha um especialista homem para confirmar o que ela faz ou diz.

HD - As mulheres estão quebrando tabus no meio esportivo, mesmo que aos poucos, lentamente, ao longo da história.

HE - Os movimentos feministas contribuem para que as mulheres conquistem espaços, e na área do jornalismo esportivo também houve resultados favoráveis.

Para responder estas hipóteses, os objetivos específicos desse estudo foram desenvolvidos. Eles abrangem o aprofundamento em áreas como a televisão, o futebol, o feminismo e o jornalismo. Os objetivos que a pesquisa visa alcançar foram definidos ainda no projeto de pesquisa e contemplam a compreensão da narrativa utilizada pela televisão, a fim de entender os processos do jornalismo esportivo em relação às questões de gênero, no futebol. A seguir, os objetivos específicos:

- a) Compreender a narrativa televisual.
- b) Compreender historicamente e caracterizar o jornalismo esportivo.

- c) Perceber, a partir do movimento feminista, o que é considerado machismo no esporte.
- d) Entender o conceito de cultura e de que forma o preconceito de gênero se inclui no processo.
- e) Analisar se o discurso jornalístico no esporte trata as mulheres com igualdade em relação aos homens.
- f) Compreender a contribuição do feminismo para o processo de inserção das mulheres no esporte, em especial no futebol.

A segunda fase é a exploração do material coletado e comporta a aplicação do conteúdo adquirido na primeira fase. Fez-se a escolha do tempo e dos trechos utilizados de cada material, definindo um recorte entre três a cinco minutos para cada objeto de estudo.

Foi feita a decupagem desses trechos e estabeleceram-se categorias para sustentar a análise. Nesta pesquisa, a atenção esteve voltada para as seguintes questões:

- a) O conteúdo do discurso jornalístico em termos de:

**Texto:** enfatizando os termos utilizados pelos jornalistas; o tom da fala e as expressões faciais e gestuais;

**Imagens:** enfatizando os planos e movimentos de câmera.

A terceira e última fase é a de análise dos resultados obtidos nas fases anteriores, ou seja, a interpretação, do material coletado e explorado. Logo, pela interpretação, pode-se observar se as hipóteses pesquisadas foram ou não confirmadas.

A Análise de Discurso é um método de pesquisa que estuda a linguagem e as consequências do discurso.

De acordo com Amossy (2018), é perceber que todo discurso, seja consciente ou não, traz algum tipo de impacto. Portanto, a análise observa como o discurso age sobre o outro. A AD considera que o discurso é heterógeno, pois ela surge do contexto histórico e ideológico.

Ao analisar-se a linguagem, depara-se com os arquétipos, que são apresentados pelo psicanalista Carl Jung (2016). De acordo com o autor, os arquétipos originam-se no inconsciente coletivo e eles são um padrão e uma estrutura de pensamento que todas as pessoas têm no inconsciente. Esses padrões

do inconsciente servem para julgarmos e avaliarmos as ações e o modo como as outras pessoas se apresentam.

No caso desta pesquisa, as mulheres e como são vistas pela sociedade, em especial no esporte - futebol, tem relação com a construção da imagem da capacidade feminina. Se no imaginário coletivo a mulher é vista como a figura da princesa, indefesa e delicada, custa-se a acreditar que elas podem fazer algo que é mostrado e introjetado socialmente como uma especialidade masculina.

Portanto, ao aplicar os métodos de Análise de Conteúdo e Análise de Discurso pretende-se refletir sobre as respostas encontradas e assim, passar ao capítulo de considerações finais, visando contribuir para o debate sobre a causa feminina e o papel que o jornalismo e seus profissionais representam.

Por fim, a pesquisadora acredita que é primordial para o jornalista estar inteirado das mudanças de comportamento social, compreendendo de que forma não propagar discursos equivocados, que estimulem ou influenciem comportamentos machistas. Deve-se lutar para que a profissão procure, cada vez mais, ser inclusiva em relação às diferenças dentre as pessoas. Se o jornalista conhece a história dos movimentos, os motivos e as causas, o discurso se torna consciente e com propósito. Então, ele não tem como ignorar as narrativas que corroboram com o machismo, seja no meio esportivo, no audiovisual, ou na sociedade como um todo.

## 2 JORNALISMO

Neste capítulo, é contextualizada a história do jornalismo, bem como o papel do jornalista.

“Ao jornalista cabe mostrar os vários ângulos da questão e resgatar o papel dos primórdios: a fim de melhor comunicar, o jornalista deve colocar a notícia na melhor forma – in-formar” (MENDONÇA, 2008, p. 14). E para informar, o jornalismo utiliza a notícia. Para complementar o capítulo, é apresentado também o jornalismo esportivo, seu surgimento e os desafios da profissão de jornalista.

### 2.1 JORNALISMO E JORNALISTA

Segundo Marcondes Filho (2014), o termo comunicação diz respeito à relação do homem com o mundo e com as coisas. O ato de informar a sociedade com veracidade e clareza de acordo com o interesse público é a principal função do jornalista, porém, não é a sua única função.

De acordo com Barbeiro e Simons (2019), a atividade realizada pelo jornalista é social e, portanto, contribui para o desenvolvimento da democracia. Desse modo, a responsabilidade e a importância da profissão são elevadas. A informação transmitida pela imprensa é um direito que tem como base o artigo XIX da Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>2</sup>.

Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras (ONU, 1948).

Marcondes Filho (2009) entende que o jornalismo se desenvolveu durante a Revolução Francesa<sup>3</sup>, mas, de acordo com o autor, um século antes já existiam jornais. O jornalismo surgiu então, a partir da destituição do sistema absolutista, em que o rei detinha o poder absoluto; também quando as Igrejas pararam de deter todo

---

<sup>2</sup> Direitos Humanos. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139423> Acesso em: 11 abr. 2020.

<sup>3</sup> A Revolução Francesa de 1789 foi um movimento impulsionado pela burguesia europeia, pelos camponeses e pelas massas urbanas que viviam na miséria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/revolucao-francesa/> Acesso em: 29 mar. 2020.

o conhecimento e foram criadas as universidades e as pessoas passaram a ter acesso a documentos e o direito à pesquisa, ou seja, acesso às informações.

O autor divide a história do jornalismo em quatro fases. A primeira fase inicia em 1789 e vai até a metade do século XIX, denominada pelo autor de “iluminação”. Isso porque, até então o jornalismo era apenas direcionado para a “alta sociedade”. A partir da Revolução Francesa, passou a ter outros interesses e a expor tudo aquilo que, antes, era mantido em segredo para a maior parte da sociedade.

Nesse período, o jornalismo passou a se profissionalizar e deixou de ser artesanal. De acordo com Bahia (2009), no Brasil a imprensa foi inaugurada em 1808, quando começou a circulação do *Gazeta do Rio de Janeiro*. Nos Estados Unidos, dois jornais importantes que surgiram são o *The New York Times* (1851) e o *The Guardian* (1850). O jornalismo era político e literário, e as redações defendiam as bandeiras políticas.

Nessa época do jornalismo literário, os fins econômicos vão para segundo plano. Os jornais são escritos com fins pedagógicos e de formação política. É também característica do período a imprensa partidária, na qual os próprios jornalistas eram políticos, e o jornal, seu porta-voz (MARCONDES FILHO, 2009, p. 19).

Já a segunda fase surgiu a partir do desenvolvimento tecnológico na metade no século XIX até 1900. Segundo Marcondes Filho (2009), é nesse momento que algumas características se desenvolvem e se mantem até hoje. Características como a procura da notícia, “o furo” de reportagem, a matéria dada em primeiro lugar em relação à concorrência, bem como a atualidade e a neutralidade. O jornalismo precisou se autossustentar e então começaram as propagandas publicitárias.

Ainda no século XX aconteceu a terceira fase do jornalismo. Nesse momento, as campanhas publicitárias apareciam em grande quantidade nos jornais. O objetivo era obter lucro e as notícias iam sendo colocadas entre as propagandas, o que o autor define como “imprensa de negócios”. Durante a terceira fase do jornalismo surge um importante veículo de comunicação, a televisão. No ano de 1920 a televisão surge no mundo e no Brasil, décadas depois, em 1950. A história da televisão é abordada de forma mais aprofundada no próximo capítulo deste trabalho de pesquisa.

A quarta fase iniciou por volta de 1970 e é caracterizada por Marcondes Filho (2009) como jornalismo da era eletrônica que, com suas evoluções, é a fase que chega até os dias atuais. Essa fase é marcada pelo avanço tecnológico. Com o progresso, os custos das redações são reduzidos e uma quantidade menor de pessoas é necessária para trabalhar, deixando as redações com poucos profissionais para atuar como jornalistas.

O modo de fazer jornalismo é revolucionado mais uma vez com a chegada da internet<sup>4</sup>, que no Brasil acontece em 1988. A internet abriu espaço para um novo fazer jornalístico com o surgimento dos portais de notícias. Segundo Ferrari (2003), o primeiro site jornalístico no Brasil surgiu em 1995, o *Jornal do Brasil*.

Essa transformação do modo de comunicar leva ao termo convergência, definido por Jenkins (2013). Para o autor, “cultura da convergência” é o caminho que as informações passam a ter a partir da internet, quando a mesma notícia é divulgada em diversas plataformas.

Segundo Jenkins (2013, p. 30), a convergência é a “transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos”. Ele defende a participação do público na produção de conteúdo o que, de certo modo, tira o telespectador do lugar de mero receptor para que interaja com as formas comunicativas nas diferentes plataformas.

As notícias são veiculadas a partir de fatos que acontecem na sociedade, porém nem todo fato se transforma. Para definir o que é ou não notícia é preciso que, além de fato, seja também de relevância pública. “Para os jornalistas, os assuntos são considerados relevantes à medida que interessam um grande número de pessoas, quando causam impacto ou afetam a vida dos cidadãos” (BACELLAR; BISTANE, 2005, p. 41). E essa característica de noticiabilidade se aplica a todos os veículos de comunicação.

Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A

---

<sup>4</sup> A internet surgiu no Brasil em 1988, inicialmente para estudantes e funcionários de universidades e instituições de pesquisa. Em 1995 passou a ser disponibilizada para o público em geral. Em 1997 houve o início do processo de comercialização do acesso privado à Internet e o país passou a ter 150 mil usuários, o que representou um crescimento de três vezes o número de em relação ao ano de 1994. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5be0d57f5fde664d948d9c2cbc80b619.PDF>. Acesso em: 23 nov. 2019.

essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p. 13).

Sendo assim, Bacellar e Bistane (2005) complementam que uma notícia pode se originar de forma tradicional, por fontes oficiais, por exemplo, mas também de uma denúncia anônima ou até mesmo de um boato. “A reportagem é a alma, a essência do jornalismo. Apurar e divulgar notícias, contar uma boa história, que seja verdadeira, que tenha sido bem checada” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 19).

Além disso, Barbeiro e Simons (2019) explicam que sempre foi função do jornalista pautar, apurar, redigir, editar e diagramar as notícias, seguindo certa rotina. Porém, com o avanço das tecnologias, em que novos fatos surgem a todo o momento e tudo é publicado no virtual, é necessária correção e atualização das notícias nos diversos veículos de comunicação.

## 2.2 JORNALISMO ESPORTIVO

A história do jornalismo esportivo no Brasil é ligada à história do esporte. Segundo Coelho (2004), no início do século XX o esporte mais popular no Brasil era o remo. Mas, mesmo sendo o mais popular, não tinha grande destaque na mídia. Isso muda com a ascensão do futebol no país.

De acordo com o jornalista Máximo (1999), a história do país com o futebol não é totalmente clara. O que se tem é muitos boatos, mas, de fato, o que é documentado é que Charles Miller, filho de ingleses, após retornar de seus estudos na Europa, trouxe o futebol para São Paulo em abril de 1895. Por isso, ele é considerado até os dias de hoje, “o pai do futebol brasileiro”.

Nesse começo, o futebol não era popular e nem bem visto pelos meios de comunicação. Acreditava-se que não se tornaria algo relevante. Em São Paulo, no ano de 1910, havia páginas destinadas aos esportes no jornal *Fanfulla*, fato que o autor considera de grande importância para o esporte. Coelho (2004) aponta que o momento em que o esporte se tornou uma “febre” no país foi em 1925, quando o Brasil já era Bicampeão Sul-Americano de Futebol.

A primeira grande conquista da Seleção Brasileira foi em 1919, contra o Uruguai e depois, em 1922 contra o Paraguai. De acordo com o autor, a primeira narração esportiva nacional do rádio, aconteceu em 1938 pela Rádio Clube do Brasil,

na Copa do Mundo na França. A partida Brasil x Polônia resultou em vitória da equipe brasileira por 6X5 e colocou o país nas quartas-de-final pela primeira vez na história.

Durante muito tempo, o jornalismo esportivo enfrentou preconceito, pois de acordo com Coelho (2004), os diários de esporte poderiam interessar apenas a quem possuía menor poder aquisitivo, que não podiam investir. Além disso, existia uma visão equivocada em relação à profissão de jornalista esportivo; de que ela era fácil e que bastava gostar de esporte para escrever ou falar sobre o assunto.

Fundamental mesmo é gostar da atividade jornalística em si, gostar de buscar informação, de escrever, ou de ambas as coisas. Sem isso ninguém sobrevive no jornalismo, não só no esportivo. Se você conseguir aliar esse gosto ao seu assunto preferido, tanto melhor. Caso contrário, não será o fim do mundo. Bons jornalistas podem se transformar em bons jornalistas esportivos, porém maus jornalistas serão sempre maus jornalistas, no esporte ou em qualquer outra editoria (UNZELTE, 2009, p. 07).

Coelho (2004) explica que em 1927 o futebol já era paixão nacional e que todos queriam saber sobre o esporte, mas os jornais ainda dedicavam espaços pequenos ou poucas colunas para abordar o assunto. Em 1940, colunistas como Mário Filho e Nelson Rodrigues falavam sobre esporte, mas a forma de escrita era a crônica, que envolvia muita paixão e mexia com o emocional dos leitores.

O principal desafio do jornalista esportivo, segundo o autor é superar o preconceito de ter se especializado para falar de esporte. Isso porque, em alguns momentos, é valorizada a opinião de um comentarista que é atleta, pela sua experiência profissional no esporte.

Esse comentário não leva em conta nenhum pré-conhecimento técnico ou teórico. Apesar do livro de Coelho ser datado do ano de 2004, 16 anos depois, isso ainda acontece, já que em diversos momentos em competições importantes, grandes canais de televisão colocam como comentaristas, grandes nomes de ex-atletas do esporte. Por serem do ramo, os ex-jogadores, possuem popularidade entre o público.

Porém, o fato de um atleta vivenciar a prática esportiva não o torna automaticamente apto a trazer informação jornalística de qualidade. Barbeiro e Simons (2019) falam justamente sobre como a formação acadêmica para um jornalista é importante, por todo o conhecimento que é adquirido na academia para se fazer um bom trabalho. “A prática do (bom) jornalismo esportivo é, antes de tudo, a prática do próprio jornalismo, de suas técnicas e de seus conceitos mais sagrados

(e consagrados), como a objetividade e a imparcialidade” (UNZELTE, 2009, p. 9, grifos do autor).

Mas Rossi (1980) questiona e reflete sobre a questão da objetividade e a respeito da isenção. Para o autor, a objetividade é apenas um mito, pois ao ser o mediador da matéria, o jornalista é uma pessoa que tem suas próprias opiniões e visões de mundo de acordo com sua vivência e por isso, não consegue ser totalmente isento ou como o autor se refere, não consegue ser um “profissional asséptico”.

Afinal, não há como ignorar que 99% dos jornalistas esportivos torcem por uma determinada equipe – e seria ingenuidade acreditar que, ao vestirem a armadura de jornalistas, eles se desfaçam de suas paixões pessoais e consigam comentar uma partida de sua equipe apenas com os dedos que batem nas teclas da máquina de escrever e não com o coração, feliz ou amargurado, do torcedor vencedor ou vencido (ROSSI, 1980, p. 11).

Barbeiro e Simons (2019) ainda destacam que consideram como jornalistas apenas quem tem o diploma adquirido pela graduação, apesar deste não ser obrigatório para o exercício da profissão. Em 2009 os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) votaram e decidiram que o diploma de jornalista não era necessário para exercício do profissional. O diploma era obrigatório desde 1967.

De 1980 até o começo dos anos 1990, de acordo com Barbeiro e Rangel (2006), o jornalismo esportivo se focava na precisão, o que fazia com que o esporte parecesse quase “frio”. Mas os autores explicam que, atualmente, a TV adota um estilo jornalista-personagem, em que o jornalista se envolve com as matérias e é tão protagonista quanto o atleta.

Segundo Coelho (2004), em 1999 aconteceu o grande *boom* da internet no jornalismo esportivo. Antes disso já existiam alguns portais como a *Lance!* (1997) e o UOL (1994). Mas foi em 1999 que grandes jornalistas começaram a ir para o meio digital. Nesse mesmo ano, surgiu o site da PSN, empresa de TV a cabo que atingia toda a América Latina; depois dela, surgiram muitos outros sites sobre jornalismo esportivo.

Barbeiro e Rangel (2006) criticam o modo como é feito o jornalismo esportivo, pois de acordo com os autores, os veículos utilizam apenas o factual, ou seja, os treinos, datas e placares de jogos. Além disso, é bastante comum os veículos

reproduzirem conteúdos iguais em diferentes plataformas. Os autores indicam aos jornalistas utilizar a criatividade para fugir do trivial nas matérias.

Para eles, um bom jornalista esportivo faz perguntas diferentes aos entrevistados e escreve de modo que qualquer pessoa, conhecedora do esporte ou não, consiga compreender. Coelho (2004) também fala que se a matéria proporcionar ao público um nível mais profundo de reflexão, ela, conseqüentemente, irá atrair tanto pessoas que gostam de esportes quanto as que não conhecem ou não costumam consumir esse tipo de conteúdo. “Reportagem não é apenas notificação de um fato. É necessário detalhamento, a escolha de ângulo ainda não explorado, procurar descobrir o possível impacto daquelas informações no tema tratado” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.21).

Os escritores acreditam que a entrevista é a melhor maneira de inovar no jornalismo esportivo brasileiro. Mas, comentam que em sua maioria as entrevistas são previsíveis. Complementam, advertindo que o jornalista, ao estar entrevistando, precisa ter consciência de que está representando o público que gosta de esporte. E que uma pergunta bem formulada instiga o público e pode gerar o tão exclusivo e desejado “furo” de reportagem.

### 3 TELEVISÃO

Este capítulo é destinado a contar a história da televisão no Brasil, apresentando suas fases, transformações e o telejornalismo esportivo, espetáculo de grande público na TV.

Fundamentada nas imagens, a televisão surgiu no mundo em meados de 1920 somente em preto e branco. O sistema de TV em cores, para o comércio, foi apresentado somente em 1966. De fato, a televisão só foi chegar ao Brasil em 1950, em 18 de setembro, 30 anos depois do seu surgimento.

A televisão é um veículo muito importante e sua chegada gerou uma necessidade de mudança também para o jornalismo. Sua ascensão forçou os demais veículos que já existiam a se reinventarem.

#### 3.1 A TELEVISÃO NO BRASIL

A chegada da televisão no Brasil foi marcada pelo período de crescimento industrial do país. Implementada pelo jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, a televisão brasileira, em seus primórdios, possuía um discurso muito parecido com o do rádio, isso porque ainda não havia desenvolvido uma linguagem própria. Inclusive, era completamente ao vivo.

Mas, diferente do rádio, que era o principal veículo de comunicação da época, a TV não requer descrição ou narração; a imagem precisa vir acompanhada de um texto que a complemente, e não a descreva, já que a interpretação sobre ela cabe ao telespectador, conforme explica Paternostro (2006).

De certa forma, a televisão tem relação com o pertencimento. “A televisão, por sua vez é pensada como uma instituição social e agente mediador entre a sociedade e o receptor, a qual produz agregação social e cultural, dando às pessoas a sensação de fazerem parte de uma coletividade” (DUARTE; CASTRO, 2006, p. 33).

A TV brasileira passou por diversas fases ao longo dos anos. Marcondes Filho (1994) considera que a primeira fase da televisão ocorreu de 1950 até o final da década de 1970. Foi um período de descobertas e também de críticas à TV, que foram se desenvolvendo sobre o grande alcance que ela possuía e a influência que

gerava. Já para Mattos (1990), a primeira fase é a “Elitista” e vai de 1950 até 1964. Apenas quem tinha muito dinheiro podia comprar um aparelho de televisão.

Três anos após o surgimento da TV no Brasil, iniciou-se o jornalismo esportivo na televisão. Em 1953, na TV Record, houve a transmissão de uma “Mesa Redonda”, modelo utilizado nas rádios até os dias de hoje, adaptado para a televisão.

A segunda fase, na visão de Mattos (1990), iniciou um pouco antes do que Marcondes Filho (1994) considera o final da primeira fase: 1964 até 1975, período da Ditadura militar no Brasil<sup>5</sup>. Essa fase ele chama de “Populista”, em que começaram a surgir os programas de auditório, também quando o poder militar controlava e censurava os meios de comunicação.

A década de 1960 foi muito importante para a TV, quando surgiram os equipamentos de videoteipe. De acordo com Paternostro (2006), a possibilidade de gravar os programas foi um avanço tecnológico e a primeira emissora que utilizou esse recurso foi a TV Tupi de São Paulo no dia 21 de abril de 1960. O programa gravado foi a festa de inauguração de Brasília, exibido em várias cidades. Conforme a autora, o VT causou uma revolução na televisão, por permitir sequencia de imagens, cortes e montagens inovadores.

Para confirmar a importância dessa década para a televisão, foi justamente em 1965 que ocorreu o surgimento das Organizações Globo, no Rio de Janeiro, empresa criada pelo jornalista Roberto Marinho e considerada, hoje, uma das maiores redes de televisão no mundo. No dia 1º de setembro de 1969, a Globo colocou no ar o Jornal Nacional, que até os dias de hoje é transmitido para todo o Brasil.

Em 1972, o crescimento tecnológico permitiu mais uma inovação, a era da televisão em cores no Brasil. Segundo Paternostro (2006), a primeira emissora a utilizar o recurso no país foi a TV Difusora de Porto Alegre, que transmitiu em cores a inauguração da Festa da Uva<sup>6</sup>. Em 1973, a TV Globo exibiu a primeira novela em cores: *O Bem Amado*.

De 1975 a 1985 ocorreu o que Mattos (1990) classifica como a terceira fase, denominada por ele como “Desenvolvimento Tecnológico”. É nessa fase que os

---

<sup>5</sup> A Ditadura militar no Brasil aconteceu no ano de 1964 até 1985. Durou 21 anos e estabeleceu a censura à imprensa, restrição aos direitos políticos e perseguição policial aos opositores do regime. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/ditadura-militar-no-brasil/>. Acesso em: 27 abr. 2020.

<sup>6</sup> A Festa Nacional da Uva acontece em Caxias do Sul a cada dois anos, celebrando o imigrante e a cultura italiana. Disponível em: <https://www.guiadecaxiasdosul.com/agenda/pode-ir-tambem/2021-02-12%7C2021-02-28/festa-nacional-da-uva-caxias-do-sul-1184>. Acesso em: 28 abr. 2020.

militares começam a perder o poder. Marcondes Filho (1994) considera, a partir dos anos 1980, como a segunda fase da televisão. Segundo ele, foi uma época marcada por novos sistemas eletrônicos, mas principalmente pela característica de representação. O autor afirma que a TV não apresentava mais o mundo e nem transmitia mais nada, mas passou a fabricar e simular o mundo. Nesse momento aconteceria uma fragmentação dos públicos, porque a televisão passava a ser plural.

Já a quarta fase ocorreu entre 1985 até 1988. Foi a “Fase de Transição e da Exploração Internacional”, um período de transição política e que foi marcado pela Constituição de 1988<sup>7</sup> que foi elaborada após o período de Ditadura e, dentre os direitos assegurados, proibia a censura.

Após estas quatro etapas, teve início a fase que Mattos (1990) define como “Fase da Multiplicidade da Oferta”, quando começaram as primeiras experiências da TV por assinatura, que de fato estava sendo comercializada em 1995. Em 1991 a GloboSat programadora e operadora da Rede Globo, transmitia o sinal via satélite. Segundo Paternostro (2006) a GloboSat tinha um diferencial que era programar seus canais, oferecendo maior variedade para o público.

A TV por assinatura foi considerada um avanço revolucionário para a televisão no Brasil, conforme Paternostro (2006), já que é a partir dela que os telespectadores puderam optar pelo que desejavam assistir. Mattos (1990) diz ainda que, de 1996 a 1998 ocorreu uma grande ascensão da televisão, pois muitas pessoas puderam adquirir aparelhos televisores devido ao Plano Real<sup>8</sup>.

Quase junto com a TV por assinatura também chegou a internet ao país. Em 1988 houve um avanço na propagação de informações, e conseqüentemente, no jornalismo. “A internet, com notícias *online*, é uma aliada pois atualiza quem está na redação durante a produção do jornal” (BACELLAR; BISTANE, 2008, p. 48, grifo das autoras). A internet revolucionou a televisão mais uma vez, e permitiu novas maneiras para o fazer jornalístico. Isso levou à próxima fase da televisão, definida por Mattos (2010) como a da “Convergência e da Qualidade Digital”.

---

<sup>7</sup> Constituição de 1988. O documento foi elaborado pela Assembleia Nacional Constituinte e é o texto-base que determina os direitos e os deveres entre políticos e os cidadãos no Brasil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 26 abr. 2020.

<sup>8</sup> IANONI, Marcus (2009). Plano real foi o programa brasileiro de estabilização econômica que promoveu o fim da inflação elevada no Brasil, situação que já durava aproximadamente 30 anos. **Políticas públicas e Estado: O plano real**. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452009000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452009000300009). Disponível em: 10 dez. 2019.

A última fase da televisão brasileira é definida por Mattos (2010) como a fase da “Portabilidade, mobilidade e interatividade digital”. De acordo com o autor, essa fase que ocorreu a partir de 2010 é um novo momento vivenciado pela televisão, já que começaram a surgir novas mídias.

De acordo com Marcondes Filho (1994, p. 8), o ser humano assiste à televisão como um costume antigo, em busca de respostas e principalmente, através das imagens, que são encantadoras e fazem ligação com outras realidades. Isso significa que a televisão trabalha com o poder do imaginário.

O conceito de imaginário é definido por Machado (2003) como uma construção social, que vai se modificando ao longo do tempo. Segundo ele, o imaginário, contrariando a lógica do senso comum, é algo concreto e está ligado à nossa realidade, totalmente relacionado com o nosso cotidiano. Para Maffesoli (2001, p.2)<sup>9</sup>, “(...) o imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável”.

Machado (2003) explica o imaginário como uma espécie de educação dos nossos sentidos, uma percepção; e é também por meio dele que o ser humano estabelece seus valores. Mas essa percepção não acontece de maneira racional, e sim, se constitui em forma instintiva de existir, seja individualmente ou em um grupo. Maffesoli (2001) também aborda o imaginário como realidade. Além disso, o autor descreve o imaginário como uma “aura” ou atmosfera que caracteriza um povo.

O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual (MAFFESOLI, 2001, p.9).

Desse modo, pode-se refletir que o imaginário é a sensação que a representação por meio da imagem causa em cada um; as imagens fazem uma ponte entre o real e o imaginário, reforçando uma ideia. “Não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado” (MAFFESOLI, 2001, p.3).

---

<sup>9</sup> MAFFESOLI, Michael. **O imaginário é uma realidade**. Revista Famecos. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395#>. Acesso em: 30 mar. 2020.

A televisão apresenta, em especial no jornalismo, uma representação da realidade. "(...) a TV não precisa inventar nada. Ela pode, apenas com a seleção de imagens reais, criar uma realidade mais forte do que a que de fato aconteceu" (ROSSI, 1980 p. 16). Essa realidade é apresentada através de um gênero, o telejornal. De acordo com Curado (2002), o telejornal é um programa que existe para informar os fatos do momento, que tenham importância para o público.

De acordo com Paternostro (2006), o primeiro telejornal brasileiro foi o Imagens do Dia, da TV Tupi de São Paulo. Ele estriou em 1950. E dez anos depois, em 1960, a autora define como o ano da consolidação da televisão no Brasil. Isso porque naquela época, a TV assumiu a publicidade e o seu papel comercial, com o objetivo de alcançar o público e sobreviver como veículo. "A fim de receber uma maior quantidade de anúncios, a televisão, começou a direcionar seus programas para grandes audiências, aumentando assim, seus lucros" (MATTOS, 2010, p.31).

Souza (2015) explica que os programas são divididos a partir de três conceitos: categoria, gênero e formato. Segundo o autor, as categorias são divisões, "gavetas mentais" do que é o programa e o que ele deseja oferecer. Portanto, e segundo o autor, as categorias podem ser: entretenimento, informação, educação, publicidade e outros. É a partir da divisão de categorias, que o gênero do programa é definido.

No caso do gênero, Souza (2015, p. 32) o entende como "conjunto de espécies que apresentam certo número de caracteres comuns". Ou seja, o gênero contempla a ordem e a estrutura em que o programa irá ser apresentado. Já o formato refere-se às características gerais do programa. Souza (2015) entende que o formato na televisão é o que vai definir como vai ser realmente o programa. Dessa maneira, todos os conceitos estão correlacionados, pois um programa em determinada categoria pode ter mais de um gênero em um formato. Chama-se a esse movimento de inter-relação de hibridismo.

Isso leva ao próximo conceito: o Infotainment, definido por Dejavite (2006). Como dito na introdução desta monografia, Infotainment é a união de duas categorias: informação e entretenimento. Souza (2001, p.30) também fala sobre isso, mas sem usar o termo de Dejavite: "(.) em suma, qualquer que seja a categoria de um programa de televisão, ele deve sempre entreter e pode também informar. Pode ser informativo, mas deve também ser de entretenimento."

Além disso, Dejavite (2006, p.89) fala sobre o preconceito que o entretenimento sofre em relação à informação no jornalismo: e que isso não muda em questão de relevância: “(...) Infotimento é sinônimo de jornalismo ético, de qualidade e que, por isso, não deve ser tomado como um jornalismo menor por explorar o entretenimento” (DEJAVITE, 2006, p.89).

### 3.2 A NOTÍCIA NA TV

Curado (2002) define três características que são importantes para a notícia na televisão: clareza, precisão e imparcialidade. De acordo com a autora, a informação precisa chegar ao espectador de forma clara sem deixar dúvidas quanto ao significado da notícia. Já a precisão ela considera como essencial e que deve ser um espelho da verdade. Quanto à imparcialidade, é o equilíbrio necessário quando se ouve todos os lados de uma questão.

Paternostro (2006, p. 66) afirma que “(...) Em telejornalismo o texto é escrito para ser falado (pelo locutor) e ouvido (pelo telespectador)”. Por isso, a forma de passar a notícia é diferente dos outros veículos. A autora indica que o texto tenha frases curtas e que deve-se prestar atenção à pontuação e à leitura em voz alta para identificar se o texto está claro e objetivo.

De acordo com Curado (2002), as reportagens na TV normalmente seguem um formato padrão com alguns elementos que podem ser usados mais de uma vez: a chamada da reportagem pelo apresentador (cabeça); o *off*, que é texto narrado pelo repórter onde aparecem as imagens; as sonoras, que são as entrevistas e a passagem ou trecho do repórter em vídeo, explicando algo importante para o desenvolvimento da matéria. Além disso, pensar a imagem e o texto, juntos, é fundamental.

“Em telejornalismo, a preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro” (PATERNOSTRO, 2006, p. 71). A autora também fala sobre o texto complementar a imagem para não se tornar redundante ou acabar com pouca profundidade. Curado (2002, p. 131, grifos da autora) ressalta: “(...) escrever o texto base da reportagem, levando em contas as imagens e entrevistas, e a participação do repórter. Texto e imagem devem estar “casados””.

A escolha das imagens que serão utilizadas é feita no momento da decupagem. Curado (2002) explica que a decupagem é uma avaliação do vídeo

bruto com as imagens e entrevistas. E para a montagem da matéria, necessita de roteirização que, conforme a autora, é o que vai estruturar a reportagem e a sequência de imagens.

Portanto, é essencial que um bom texto para a televisão se una com as imagens e ilustrações, de acordo com as autoras citadas acima. Também deve ser escrito em uma linguagem de fácil compreensão, de forma que nem texto ou imagem deixem margens para dúvidas. O repórter deve levar em consideração que não vai estar com o espectador, para conseguir explicar melhor o que quis informar, ou o que gostaria de mostrar pela imagem representada ou escolhida.

### 3.3 TELEJORNALISMO ESPORTIVO E ESPETÁCULO TELEVISIVO

A televisão, em sua gama de programação, oferece programas diversos para os telespectadores. Um deles é a transmissão focada no jornalismo esportivo, responsável por apresentar grandes espetáculos ao público.

Marcondes Filho (1994) explica que nos anos 1960 e 1970 as transmissões esportivas eram feitas na íntegra e em preto e branco, a câmera seguia a bola, e o telespectador tinha apenas uma vaga noção do que acontecia em campo. Com o avanço da tecnologia permitindo diversos ângulos, planos e enquadramentos, a televisão vai além no futebol e cria um espetáculo à parte. Isso faz com que a televisão tenha certa autonomia e escolha qual campeonato destaca em sua programação, fazendo o espetáculo a seu modo.

O conceito da linguagem do espetáculo é melhor compreendido a partir da teoria crítica da sociedade do espetáculo, de Debord (1991). Para ele, tudo o que fazemos, a partir dos adventos dos veículos de comunicação, tem relação com espetáculo, ou seja, o que antes era vivenciado de verdade, agora não passa de mera representação. Em especial, via imagens da TV.

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, ele é expressamente o sector que concentra todo o olhar e toda a consciência. Pelo próprio facto de este sector ser separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência: e a unificação que realiza não é outra coisa senão linguagem oficial da separação generalizada (DEBORD, 1991, p. 10).

O autor, de acordo com a sua teoria, faz um julgamento do modelo de discurso televisivo, mas, ao mesmo tempo, entende que a televisão não pode fugir disso, porque ao utilizar as imagens (que como destacado anteriormente, não são a realidade, mas uma representação), transforma-as em representação e nesse sentido, a TV nada mais seria do que espetáculo. Para Llosa (2016, p.29), a civilização do espetáculo compreende “(...) um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigentes é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal”.

Ao encontro das afirmações de Debord (1991) e também bastante pessimista, Llosa (2016) diz que o jornalismo tem responsabilidade de trazer à luz os assuntos de interesse público através do noticiário e que, se este não possuir a característica de entretenimento - conceito ligado ao de espetáculo - nos dias de hoje, pode acabar no esquecimento.

Llosa (2016) fala sobre o futebol ser apresentado como um fenômeno e espetáculo de massificação e frivolidade. Conforme o autor, o fenômeno do futebol faz com que percamos a civilidade e voltemos aos tempos primitivos.

Mas, em nossos dias, as grandes partidas de futebol, assim como outrora os circos romanos, servem sobretudo como pretexto e liberação do irracional, como regressão do indivíduo à condição de partícipe da tribo, como um momento gregário em que, amparado no anonimato aconchegante da arquibancada, o espectador dá vazão a seus instintos agressivos de rejeição ao outro, conquista e aniquilação simbólica (e às vezes até real) do adversário. (LIOSA, 2016, p.35, grifos do autor).

Se for observado, o principal protagonista das transmissões esportivas ainda é o futebol. E foi em 1957 que ocorreu a primeira transmissão da Copa do Mundo pela televisão. Com o futebol, a televisão se apropria da linguagem e do conceito de espetáculo, até porque quem acompanha as transmissões de casa, vivencia uma experiência muito diferente daquela de quem está no estádio.

Marcondes Filho (1998, p. 70) exemplifica essa diferença, explicando o fato de que quando o torcedor está no local em que ocorre a partida, ele tem domínio sobre o que está vendo.

O jogo existe independentemente do público e este, encerrado em sua casa, assiste a um espetáculo construído só para câmeras de tevê, como um jogo imaginário, realizado nas gramas de plástico dos cenários televisivos (...) o espetáculo é a linguagem da televisão. E é segundo a lógica do espetáculo

— a única lógica possível à TV — que tudo nela é transmitido”  
(MARCONDES FILHO, 1998, p. 41, grifos do autor).

No caso da TV, ela vai trazer uma representação sobre o que está acontecendo, com closes e revisões; de certa forma, ditando quem é o melhor e o pior em campo ao reprisar lances e focar mais em alguns detalhes e menos em outros.

## 4 FEMINISMO

O presente capítulo da monografia é dedicado às mulheres e sua constante luta por direitos iguais. Apresenta um breve contexto histórico sobre o surgimento do feminismo e o impacto gerado por meio dele para o reconhecimento da mulher como profissional. Foi abordada a imprensa feminista no Brasil, apesar da pouca bibliografia. Isso torna esta discussão ainda mais necessária. Por fim, como são apresentadas as conquistas femininas no meio esportivo.

### 4.1 A HISTÓRIA DO FEMINISMO

“Tanto um homem como uma mulher podem ser inteligentes, inovadores, criativos. Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar” (ADICHIE, 2019, p. 21). Separar, limitar, reduzir o feminino é machismo resultado de uma cultura em que a mulher ainda pode ser considerada inferior ao homem. Santaella (2003) traz o sentido epistemológico da palavra, do latim cultura, significa cultivar o solo. Ou seja, compara a cultura com algo a ser plantado, que vai depender das condições em que está inserida para se desenvolver. Complementando essa definição, Thompson (1998) caracteriza a cultura como um corpo dinâmico, que pode mudar a todo momento conforme os fatores sociais. São costumes herdados por gerações. E justamente por esse motivo, não é fácil mudar o padrão de pensamento de toda uma cultura. Desse modo, com o conceito de imaginário de Machado (2003) pode-se compreender como se origina o preconceito de gênero.

Nesse caso, o machismo surge do imaginário coletivo, ou seja, dos costumes de uma sociedade, que através das ideias que são passadas através de gerações, validam esse comportamento. E ao se tratar de coletivo, entende-se que homens e mulheres podem ter comportamentos machistas, pois ambos estão expostos à construção do pensamento cultural. A diferença é que a mulher que reproduz pensamentos machistas não se beneficia com isso, e o homem sim, já que o machismo coloca o homem em vantagem mediante a mulher. Essa cultura machista pode iniciar desde a infância, por meio do uso de expressões diminutivas e atitudes limitantes relacionadas ao sexo feminino.

Um dos primeiros pensamentos é delimitar cores de acordo com o gênero. Definir azul para meninos, rosa para meninas ou caracterizar fragilidade e

vulnerabilidade para as garotas e força e segurança para garotos, são exemplos de educação machista. “Os brinquedos para meninos geralmente são “ativos”, pedindo algum tipo de “ação” – trens, carrinhos –, e os brinquedos para meninas geralmente são “passivos”, sendo a imensa maioria bonecas.” (ADICHIE, 2019, p. 24, grifos da autora).

De acordo com Beauvoir (2009), na sociedade o sexo masculino é considerado o natural e o positivo, e o feminino sempre é associado à negatividade e à dependência do masculino. Adichie (2019) complementa que as meninas são ensinadas a terem vergonha da condição feminina e por isso, as mulheres crescem e se sentem culpadas e desencorajadas a expor seus desejos. “O problema da questão de gênero é que ela prescreve como *devemos* ser em vez de reconhecer como somos” (ADICHIE, 2019, p. 36, grifo da autora).

Visando mudanças, as mulheres precisaram tomar para si a responsabilidade de transformação de pensamento dessa cultura do machismo. E isso se deu, e ainda se dá, somente com muita luta. Precisaram reclamar o que consideravam seu lugar por direito. E a luta para conquistar os direitos de participar das decisões da sociedade e condições de trabalho só ganhou voz e vez para as mulheres, com o suporte do feminismo.

O feminismo é um movimento que surgiu após a Revolução Francesa (1789) para reivindicar os direitos das mulheres na sociedade e de igualdade como um movimento filosófico, social e político. Feminismo, do latim, “femīna” significa mulher, conceito que surgiu no século XIX. Mas esse desejo de mudar o pensamento em relação às mulheres foi despertado ainda no século XVII, período do Iluminismo<sup>10</sup>, em que se construía um discurso de igualdade na sociedade. É a partir desse discurso que as mulheres passaram a desenvolver o pensamento de reclamar seus direitos como indivíduos.

O movimento das sufragistas é considerado a primeira onda do feminismo. Esse movimento surgiu no final do século XIX e levou as mulheres às ruas, no Reino Unido. Entre os temas de debate, a pauta principal era obter a igualdade em relação aos homens, por direitos, no casamento e na educação, com desejo de adquirir o direito ao voto. Nessa mesma “onda”, surgiu o movimento operário, em que se lutava

---

<sup>10</sup> O Iluminismo, também conhecido como “Século das Luzes”, foi um movimento intelectual europeu surgido na França no século XVII. Possuía um discurso de igualdade que ia contra a nobreza. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/iluminismo/> Acesso em: 30 mar. 2020.

pelos direitos das trabalhistas.

O feminismo ganhou uma grande visibilidade quando uma militante chamada Emily Davison<sup>11</sup> se atirou na frente do cavalo do rei da Inglaterra George V, em 05 de junho de 1913, tentando colocar um broche do movimento no cavalo. Ela foi atropelada e acabou morrendo.

Esse ato político foi tão impactante que é reconhecido até os dias atuais pelo movimento feminista. No Brasil, as pautas eram as mesmas: direitos, casamento e educação, mas com grande foco no direito ao voto que só foi conquistado pelas mulheres brasileiras em 1932 quando o então presidente Getúlio Vargas promulga o projeto de lei.

Nos Estados Unidos, as norte-americanas adotaram uma abordagem de unir a luta pelos direitos das mulheres com a luta dos homens, que brigavam pela abolição da escravidão. Isso fez com que elas aprendessem sobre como organizar movimentos, petições e contribuiu muito para que, mais tarde, a luta se intensificasse.

As mulheres desenvolveram habilidades de captação de recursos e aprenderam a distribuir publicações e a organizar encontros – algumas delas se tornaram poderosas oradoras. Mais importante de tudo, elas se tornaram eficientes no uso da petição, que se revelaria uma arma tática central na campanha pelos direitos das mulheres. Ao organizar petições contra a escravidão, foram compelidas a defender ao mesmo tempo o próprio direito de se envolver em ações políticas. De que outra forma convenceriam o governo a aceitar as assinaturas de mulheres sem direito ao voto a não ser questionando com contundência a validade de seu tradicional exílio da atividade política? Mas, as lutas dos homens ficavam em mais evidência do que a do feminismo e alcançaram antes os objetivos (DAVIS, 2016, p. 55).

Um discurso que foi muito importante nesse período foi o de Sojourner Truth, uma ex-escrava do estado de Nova York, durante a Convenção das Mulheres em Akron, no estado de Ohio. Ela respondia aos provocadores que estavam falando que a mulher dependia do homem, pois era mais fraca. Em sua narrativa, falava sobre o machismo, mas pela primeira vez, abordava o racismo dentro do próprio feminismo: “(...) aquele homem ali diz que as mulheres precisam ser ajudadas em carruagens, levantadas sobre valas e ter o melhor lugar em todos os lugares. Ninguém nunca me

---

<sup>11</sup> Emily Davison foi uma grande militante sufragista inglesa. Nasceu em Blackheath, Morpeth, Northumberland, em 1872. Morreu em Epsom Downs, Surrey, a 5 de junho de 1913. Disponível em: <http://osuicidario.blogspot.com/2012/05/suicida-homenageada-do-dia-emily.html>. Acesso em: 29 mar. 2020

ajuda em carruagens [...] E eu não sou uma mulher?”<sup>12</sup>. Essa fala descreve todas as dificuldades que passou por ser negra e escrava, utilizando a força de seus braços e trabalhando mais do que um homem.

Ainda assim, por ser mulher, e negra ficou invisível diante da sociedade. Truth também despertou outras vertentes e demandas do movimento, já que, a princípio, o feminismo era muito “branco” e, portanto, excludente, o que vai contra a ideia principal de igualdade. O discurso de Truth, quando ela fala sobre força, derruba o estereótipo de “sexo frágil”, termo que é utilizado como argumento machista, que limita e faz a mulher parecer fraca diante ao homem.

Entre os anos 1960 até quase o início dos anos 1980, aconteceu a chamada segunda onda feminista, em que houve uma reflexão sobre o significado de ser mulher; sobre a suposta “essência feminina”. Foi nessa mesma época, que surgiu o questionamento sobre os direitos que as mulheres haviam adquirido na primeira onda. Na maioria dos países, as mulheres haviam conquistado os direitos reivindicados, mas na prática eles não eram respeitados.

Beauvoir (1949) discute em seu livro sobre a predominância masculina. Ela a define como uma série de processos sociais e históricos que criaram a situação da mulher ser vista como o “segundo sexo” ou o “outro sexo”. Conforme a autora, a mulher somente vai conseguir autonomia através do trabalho e é por meio dele que as mulheres, aos poucos, diminuem o espaço entre elas e os homens.

Ao afirmar que o sexo é político, pois contém também relações de poder, o feminismo rompe com os modelos políticos tradicionais, que atribuem uma neutralidade ao espaço individual e que definem como política unicamente a esfera pública, 'objetiva'. Dessa forma, o discurso feminista, ao apontar para o caráter também subjetivo da opressão, e para os aspectos emocionais da consciência, revela os laços existentes entre as relações interpessoais e a organização política pública (ALVES ; PITANGUY, 1991, p. 8, grifo das autoras).

Nos Estados Unidos, Friedan (1971) aborda a questão de a mulher norte-americana ser retratada como uma figura doméstica. A autora questiona o sistema que diz que a essência da mulher é o dever de ser esposa e mãe, adquirindo conhecimento apenas para aprender a cuidar do lar e dos filhos. A essa representação da mulher, a autora denomina como “mística feminina”. Segundo ela,

---

<sup>12</sup> TRUTH, SOJOURNER. **Ain't I a woman?** In: SCHNEIR, Miriam. *Feminism: the essential historical writings*. New York: Vintage Books, 1994. Disponível em: <http://www.historyisaweapon.com/defcon1/aintwomanttruth.html>. Acesso em: 30 mar. 2020.

essa visão norte-americana se dava principalmente com o objetivo de consumo, para vender eletrodomésticos às donas de casa e também como um resgate patriarcal<sup>13</sup>, para que a mulher retornasse a vida privada.

Entende-se como patriarcado, a construção social de que o homem detém o poder e o domínio sobre as mulheres. Além disso, Friedan (1971) aponta essa mística em relação à mulher, como motivo de adoecimento das norte-americanas, que se traduz por meio de ansiedade e depressão. A autora conclui que a educação é a melhor alternativa para reformular essa percepção da mulher como uma figura doméstica.

Precisamos de uma drástica reformulação da imagem cultural da feminilidade, que permita à mulher alcançar a verdadeira maturidade, a plenitude pessoal, sem conflitos e com realização sexual. Uma tentativa em massa precisa ser feita por pais, educadores, ministros, editores de revistas, psicólogos, orientadores, a fim de deter os casamentos prematuros, impedir as jovens de desejarem ser « apenas donas de casa ». Deter insistindo em que pais e educadores concedam desde a infância às meninas a mesma atenção que aos meninos, a fim de que também elas desenvolvam os recursos de personalidade, vontade e os objetivos que lhes permitam descobrir a própria identidade (FRIEDAN, 1971, p. 297, grifos da autora).

Na terceira onda feminista há uma segmentação das causas, um recorte do feminismo, para contemplar e abarcar outras minorias dentro do movimento, de acordo com cada especificidade. Portanto, é nessa onda que o feminismo negro ganha força, bem como o feminismo lésbico, o feminismo trans, entre outros.

O feminismo negro necessitava de uma demanda segmentada, por retratar uma realidade diferente da vivenciada pela mulher branca. De acordo com Davis (2016), a mulher negra era vista como mão-de-obra trabalhadora, e nesse sentido, não havia distinção de gênero: as mulheres negras trabalhavam tanto quanto os homens. Mas, o que mudava era que, além de escravas, elas eram estupradas pelos proprietários de escravos.

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres,

---

<sup>13</sup> O patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, se refere à forma de organização política, econômica, religiosa e social. É quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres. Essas expressões, contemporâneas dos anos 1970, referem-se ao mesmo objeto, designado na época precedente pelas expressões “subordinação” ou “sujeição” das mulheres, ou ainda “condição feminina”. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/teorias-do-patriarcado-7314938c59b> Acesso em: 01 abr. 2020.

elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (DAVIS, 2016, p. 25).

Por essa razão, pelo contexto histórico da mulher negra e suas dores serem diferentes, houve necessidade desse recorte. Aqui, o conceito de dominação masculina tem uma origem na escravidão. “O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros” (DAVIS, 2016, p. 38).

No início dos anos 1990, surgiu um movimento denominado Cyberfeminismo<sup>14</sup>, que era uma forma de expressar o pensamento das mulheres feministas usando as tecnologias para tentar dissolver as questões de sexo e gênero. Um grupo chamado VNS Matrix se destacou em 1991, na era do Cyberfeminismo. O grupo era composto por quatro mulheres australianas - Josephine Starrs, Julianne Pierce, Francesca da Rimini e Virginia Barratt. Elas criaram formas de interação como jogos de computador, instalações de vídeo, eventos, textos e “outdoors”. Utilizando os recursos tecnológicos, as cyberfeministas criticavam em forma de arte o machismo, usando ironia e criatividade, de maneira incisiva e provocativa.

No contexto atual, O Cyberfeminismo contribuiu com o feminismo, já que acreditava no poder da utilização da comunicação virtual. Hoje, a abordagem do movimento feminista é mais realista, enquanto a utilizada pelas cyberfeministas era mais fantasiosa e artística. A partir daí, as mulheres foram atraídas cada vez mais para os ambientes virtuais e começou a chamada quarta onda do feminismo: a da atualidade. Surgiram então *blogs* de ativistas, falando sobre a causa e atraindo o público mais jovem para a luta. Nesse ponto, pode-se citar Jenkins (2009) novamente, com seu conceito de convergência. Afinal, ele fala sobre uma transformação cultural no momento em que os indivíduos passam a buscar informação em diversos locais.

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final (JENKINS, 2009, p 43).

---

<sup>14</sup> EVANS, Claire L. **An Oral History of the First Cyberfeminists**. Motherboard Vice, 2014. Disponível em: [https://www.vice.com/en\\_us/article/z4mqa8/an-oral-history-of-the-first-cyberfeminists-vns-matrix](https://www.vice.com/en_us/article/z4mqa8/an-oral-history-of-the-first-cyberfeminists-vns-matrix) Acesso em: 27 mar. 2020.

No Brasil, pode se destacar a popularização da quarta onda em 2011, por meio da *Marcha das Vadias*<sup>15</sup>. Além disso, as campanhas virtuais adquirem muita força e passam a fazer parte da luta ativa do feminismo. Outro ato com grande envolvimento do público foi o *tuitaço* em 2013, organizado pelo *blog* Marcha Mundial das Mulheres do Rio Grande do Sul, pela legalização do aborto no Brasil e em prol da vida das mulheres. Por isso, a internet é muito importante, pois serve como uma ferramenta de mediação para que as mulheres que antes se sentiam intimidadas, agora possam denunciar atitudes machistas e divulgar seus relatos e depoimentos. Dessa forma, outras pessoas se envolvem e se identificam, podendo demonstrar sororidade<sup>16</sup>.

A sororidade é um termo que se popularizou nos últimos anos. Por isso, “hashtags” e campanhas com demonstrações de apoio rapidamente se propagam e viralizam nas redes sociais, como a que surgiu em 2017 *#Mexeucomumamexeucomtodas*<sup>17</sup> adotada por muitas celebridades brasileiras, o que contribuiu ainda mais para o crescimento e a visibilidade do movimento.

Mesmo que a luta tenha começado ainda no século XVIII, a igualdade de gênero ainda é vista com negatividade. Adichie (2019) faz uma comparação radical. Ela diz que a pessoa, ao se declarar feminista, é quase como ser considerada a favor do terrorismo. Há que se pensar também no entendimento equivocado de que feminismo é o oposto do machismo e, portanto, seria opressor também. Por esse equívoco e pelo fato do machismo ainda ser muito forte e recorrente, a discussão e o debate sobre os direitos femininos precisa acontecer cada dia mais e mais alto. O feminismo, como foi visto durante este capítulo, é a luta pelo reconhecimento das mulheres; de serem vistas como seres humanos iguais na sociedade.

## 4.2 A MULHER NO ESPORTE

---

<sup>15</sup> Marcha das Vadias foi um protesto contra o pensamento de que as vítimas de violência sexual podem ser as principais responsáveis por esses crimes por usarem roupas consideradas “provocantes”. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/diversas/mulheres-de-olho-antigo/04062011-mulheres-com-pouca-roupa-fazem-a-marcha-das-vadias-em-sp/> Acesso em: 01 abr. 2020.

<sup>16</sup> Sororidade é o movimento de empatia entre as mulheres. Disponível em: <https://plan.org.br/o-que-e-sororidade/> Acesso em: 28 mar. 2020.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://epoca.globo.com/sociedade/noticia/2017/04/mexeu-com-uma-mexeu-com-todas.html> Acesso em: 30 mar. 2020

Como visto na história do feminismo, as mulheres, somente com muita luta e perseverança foram conquistando seus espaços e o direito de estarem onde desejassem, inclusive no mercado de trabalho. Mas, assim como nas outras lutas, foi um processo lento.

A análise da condição da mulher no mundo do trabalho não é uma questão de ordem linguística ou meramente gramatical. Ou seja, não se trata, apenas, de ressaltar que além de trabalhadores, existem trabalhadoras na composição da classe. Trata-se de analisar como as mulheres sofrem uma exploração particular, ainda mais intensa do que a dos homens da classe trabalhadora e que isso atende diretamente aos interesses dominantes (CISNE, 2015, p. 25).

No meio esportivo, as mulheres começaram a ter a possibilidade de ingressar nos esportes, como atletas, tardiamente, e mais ainda, a obter respeito em qualquer área esportiva. “Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70” (COELHO, 2004, p. 24).

Segundo Dorfman (2003), a luta das mulheres para pertencer ao esporte, começou desde os primeiros Jogos Olímpicos de Atenas, na Grécia, em 1896. Portanto, essa luta para participar dos jogos durava mais de cem anos. Por isso, o autor destaca a importância do feminismo na causa.

O movimento feminista das décadas de 1960/1970 e, principalmente, a constante e crescente participação feminina no mercado de trabalho fizeram que as mulheres comessem a mostrar-se presentes em todos os campos sociais- e no esporte, competitivo ou não, essa realidade não seria diferente. Pelo contrário, também o esporte e a atividade física e recreativa para mulheres tornaram-se, muitas vezes, fatores para impulsioná-las no sentido de sua liberação (DORFMAN, 2003 p. 25).

De acordo com o autor, nos Estados Unidos as mulheres passaram a “crescer” no esporte na segunda metade do século XIX. E o ciclismo foi uma das modalidades de esporte em que as mulheres mais se destacaram na época. A partir disso, a luta foi se intensificando e a participação das mulheres foi se tornando mais recorrente. Mas, apesar de participarem, não significaria que eram bem vistas, ou reconhecidas pelo seu talento. Dorfman (2003) fala que a partir da Renascença<sup>18</sup>, criou-se um termo para se referir as mulheres: o “belo sexo”. Como o próprio nome diz o gênero é o fator determinante e as mulheres são compreendidas a partir da beleza. No caso do

---

<sup>18</sup> Renascimento foi um movimento artístico e filosófico que despontou na Itália no século XV. O surgimento do Renascimento foi importante para pôr fim à Idade Média, dando início à Idade Moderna. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/caracteristicas-do-renascimento/> Acesso em: 30 abr. 2020.

esporte, as mulheres eram observadas pelos atributos físicos e não pelo talento que possuíam como atletas.

A educação física nas escolas foi o que aproximou as mulheres dos esportes. E no futebol a luta foi ainda mais intensa. Isso porque, no Brasil, de 1941 até 1979 as mulheres eram proibidas de jogar futebol e poderiam ser presas pela prática esportiva. Dizia-se que a prática era muito bruta, não sendo apropriada para o “sexo frágil” e também poderia masculinizar a mulher. Tanto que segundo Eler (2019)<sup>19</sup>, tentou-se aplicar regras diferentes para o futebol das mulheres, como a diminuição do peso e tamanho da bola e a redução do tempo da partida. Em 1983 é que surgiram os primeiros times profissionais do país no Rio de Janeiro e em São Paulo. Mas, o primeiro Campeonato Brasileiro oficial foi acontecer somente em 2013.

A falta de representatividade era tanta que Coelho (2004) comenta ter sido algo curioso quando uma mulher entendia mais de futebol do que um homem. Isso acontece justamente pelo fato de que, culturalmente, as mulheres não deveriam praticar esportes considerados “masculinos”, que exigem força e preparo físico. “Historicamente, procurou-se, de todas as formas, afastar a mulher do esporte, sendo dito e frisado que o corpo dela não podia, não devia, não cabia” (DORFMAN, 2003, p. 66).

Se for levado em consideração que a primeira Copa do Mundo Feminina só foi disputada em 1991, mais de 60 anos depois que ocorreu a Copa masculina em 1930, pode-se pensar que esse fato só contribuiu para que o ambiente futebolístico excluísse as mulheres, ou não as reconhecesse de forma igual.

Segundo dados do Ministério do Esporte, a maioria dos meninos no Brasil começa a praticar esportes a partir dos 5 anos de idade. Para as meninas, esse primeiro contato acontece após os 11. Isso, claro, tende a dificultar o desenvolvimento esportivo delas (ELER, 2019, n.p.).

O futebol feminino no Brasil teve uma guinada, em 2018. A jogadora Marta da Silva, que tem um capítulo desta monografia dedicado a contar sua história, foi eleita pela sexta vez como a melhor jogadora do mundo<sup>20</sup>. Essa conquista coloca a brasileira como maior vencedora do prêmio entre homens e mulheres. Já em 2019, a Confederação Brasileira de Futebol estabeleceu uma nova resolução: os clubes da

---

<sup>19</sup> ELER, Guilherme. **Super Interessante**, 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-vez-do-futebol-feminino/> Acesso em: 01 abr. 2020.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/fifa-the-best-marta-e-eleita-melhor-jogadora-do-mundo.ghtml> Acesso em: 26 mar. 2020.

série A do Campeonato Brasileiro devem ter uma equipe feminina adulta e uma “de base”.

A última Copa do Mundo Feminina, em 2019, na França, teve bastante repercussão. E pela primeira vez, a Rede Globo transmitiu a Copa do Mundo de Futebol Feminino<sup>21</sup>. Desse modo, a Globo torna esse feito histórico e, portanto, esse é mais um marco nas conquistas femininas. Ao mesmo tempo, acentua e reflete os efeitos que o machismo acabou deixando no esporte e, nesse caso em específico, no futebol feminino.

Além disso, as mulheres podem ser inseridas no futebol masculino. A partida disputada pelo Campeonato Brasileiro<sup>22</sup> em 2019, entre Grêmio e Ceará, em Caxias do Sul, contou com a presença da árbitra principal Édina Alves. Essa foi a primeira vez que o time gaúcho foi apitado por uma mulher.

#### 4.3 IMPRENSA FEMININA E A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO

Buitoni (1990) afirma que no século XIX a imprensa feminina não era de fato, feminista, pois os conteúdos destinados às mulheres eram muitos, porém, todos ligados de alguma forma à vida doméstica.

A mulher, então, faz parte da caracterização da imprensa feminina, seja como receptora, e às vezes, como produtora também. Todavia, a circunstância de alguns veículos serem redigidos por mulheres não é uma condição necessária para que os qualifiquemos de femininos. O grande elemento definidor ainda é o sexo de suas consumidoras (BUITONI, 1990, p. 08).

Assim como o feminismo, com a Revolução Francesa surgiram os primeiros jornais feministas. De acordo com a autora, um dos primeiros periódicos feministas franceses foi o *L'Athénée des Dames*. As redatoras do periódico buscavam falar sobre a luta feminista, mas o imperador ordenou que fosse fechado em 1809. Em 1881 apareceu o primeiro jornal das sufragistas, defendendo o direito ao voto da mulher, chamado de *La Citoyenne*.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/globo-transmite-pela-primeira-vez-copa-do-mundo-de-futebol-feminino/> Acesso em: 27 mar. 2020.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/gremio/noticia/2019/10/pela-primeira-vez-na-historia-mulher-apitara-um-jogo-do-gremio-ck1javnom04e101r220xucypr.html> Acesso em: 26 mar. 2020.

No Brasil, o primeiro periódico dedicado à mulher foi O Espelho Diamantino, lançado em 1827. O Sexo Feminino, jornal escrito por Francisca Senhorinha da Motta Diniz, em 1873, tratava de assuntos femininos e direitos das mulheres. Apesar disso, Buitoni (1990) afirma que a maioria do conteúdo feminista que era produzido não diferenciava-se muito da imprensa feminina em geral. Após conquistarem o direito ao voto, a imprensa não evoluiu muito, e se manteve conservadora até a década de 1970, quando, de acordo com a autora, surgiu uma imprensa que reivindicava os direitos femininos de forma mais incisiva. Além de se manterem informadas a serem reconhecidas como atletas, as mulheres queriam poder falar sobre o esporte.

Coelho (2004) conta que existiam mulheres no jornalismo esportivo, mas que não era algo comum. Por isso, as jornalistas ficavam com o esporte amador, que em teoria é mais fácil para “demonstrar conhecimento” esportivo. A primeira mulher a falar de futebol no Brasil foi a jornalista Marilene Dabus<sup>23</sup>, em 1969. Ela ficou conhecida como “a moça do Flamengo”, pelo seu amor declarado ao clube. A jornalista faleceu em janeiro de 2020, tendo atuado como assessora, setorista e vice-presidente de Comunicações do clube.

Mesmo que muitos direitos tenham sido conquistados pelas mulheres, o respeito ainda é uma “bandeira” que precisa ser defendida. As jornalistas sofrem assédio em seus ambientes de trabalho e também em suas redes sociais. Uma matéria especial feita pelo portal UOL, denominada “*Intrusas*” no Gramado<sup>24</sup> aborda essas dificuldades que as profissionais enfrentam no jornalismo esportivo e também faz um breve resumo de programas televisivos que contam com presença feminina.

Em 2018 foi lançado nas redes sociais o manifesto *Deixa ela trabalhar*<sup>25</sup>. Foi uma iniciativa de 52 jornalistas que trabalham com esporte. O manifesto tinha como objetivo lutar contra o assédio moral e sexual sofrido por jornalistas nos estádios, nas ruas e nas redações. No mesmo ano, existiu uma maior participação feminina no jornalismo esportivo, segundo Mendonça (2018, n.p.)<sup>26</sup> “Quase todos os canais da TV

<sup>23</sup> Marilene Dabus. Disponível em: <https://mundorubronegro.com/flamengo/moca-do-flamengo-marilene-dabus> Acesso em: 30 mar. 2020.

<sup>24</sup> “Intrusas” no gramado. Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm> Acesso em: 30 mar. 2020.

<sup>25</sup> O movimento denominado “**Deixa ela trabalhar**” foi uma iniciativa para manifestar protesto contra o assédio as jornalistas. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/deixa-elatrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml> Acesso em: 28 mar. 2020

<sup>26</sup> MENDONÇA, Renata. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/12/27/2018-foi-o-ano-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo/> Acesso em: 30 mar. 2020.

fechada no esporte tiveram vozes femininas narrando jogos em 2018 (ESPN, Fox Sports e Esporte Interativo). As mulheres também passaram a ocupar mais espaços de destaque nos comentários nas mesas de debate na televisão”.

MENDONÇA (2018) reafirma a importância do *#Deixaetrabalhar* para conscientizar as próprias jornalistas que sofrem preconceito no esporte. Portanto, o futebol e as questões feministas estão se encaminhando para uma melhora, mas a luta precisa e deve continuar.

## 5 MARTA: A RAINHA DO FUTEBOL

Este capítulo é dedicado a contar a história de vida da jogadora de futebol Marta Vieira da Silva, bem como sua carreira profissional. A escolha da personagem para esta monografia se deve ao fato de ela ser uma jogadora com muita influência, e pelo papel que representa para tantas mulheres no mundo, a partir das inúmeras conquistas e recordes alcançados ao longo de sua carreira.

Além disso, vai ser explorada a relação da jogadora com a mídia, como são apresentadas suas conquistas e sua vida. Também serão abordados os arquétipos, relacionando-os com a imagem da mulher no esporte e as lutas e desigualdades que elas enfrentam no meio esportivo.

### 5.1 HISTÓRIA DE VIDA

Marta nasceu em Dois Riachos, interior de Alagoas, em 19 de fevereiro de 1986. A jogadora tem uma carreira de conquistas surpreendentes no futebol. Mas, até conquistar respeito ao escolher uma carreira onde a maioria predominantemente é masculina, sua trajetória foi longa e difícil.

Marta vem de uma família de origem humilde. Seu pai abandonou a casa, a mulher e os cinco filhos quando Marta tinha um ano de idade. Nessa época, mulheres não eram bem vindas em campo, e por isso, suas habilidades como atletas eram subestimadas. Dessa forma, sua família desejava impedir que Marta jogasse. Porém, de acordo com a matéria do EIPaís<sup>27</sup>, sua mãe, Dona Tereza, descobriu, horrorizada, que em vez de ir às aulas, Marta ia jogar futebol.

Em um relato para o Museu do Futebol<sup>28</sup>, a jogadora contou que na época em que treinava não tinha campo e sim, alguns espaços de terra batida em que jogava descalça com alguns primos e amigos. Na entrevista, falou que a família achava “anormal” ser menina e jogar futebol e ela precisava se impor para poder jogar. Para Marta, as críticas e brincadeiras serviam como força para continuar lutando pelo que queria.

---

<sup>27</sup> GALLARAGA, Naiara; PIRES, Breiller. ELPAIS: **Marta, a rainha do futebol**. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/04/eps/1559648295\\_962249.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/04/eps/1559648295_962249.html) Acesso em: 11 mai. 2020.

<sup>28</sup> Vídeo com entrevista com a jogadora em que Marta conta um pouco de sua trajetória no esporte. **Museu do Futebol**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XNI4W7EaHYM> Acesso em: 15 mai. 2020.

Aos 13 anos, ela começou a jogar futebol na equipe juvenil do Centro Sportivo Alagoano (CSA), em 1999. Em 2000, surgiu uma oportunidade ir para o Rio de Janeiro e aos 14 anos foi contratada pelo Vasco da Gama. Passou a jogar no futebol profissional. Marta explicou que mesmo estando no profissional, ela não recebia um salário, apenas um auxílio de custo mínimo para que continuasse no Rio. Mas, quando acabou o futebol feminino no Vasco, foi mais uma dificuldade que enfrentou, pois ela não queria voltar para Alagoas.

A opção que encontrou foi jogar em pequenos times por alguns meses. Em 2002, ela jogou no Santa Cruz Futebol Clube de Minas Gerais, onde permaneceu até 2004. No ano de 2003 ela jogou pela seleção brasileira a Copa do Mundo. E a visibilidade da Copa do Mundo abriu as portas para ela jogar na Suécia. Em 2004, Marta assinou com o Umea IK.

Entre os anos de 2006 e 2010, consecutivamente, a jogadora alcançou o impressionante título de melhor jogadora do mundo<sup>29</sup>. Na Copa do Mundo de Futebol Feminino<sup>30</sup> realizada na China, em 2007, Marta marcou o gol mais bonito de toda a competição.

No ano de 2009, Marta anunciou sua transferência para o Los Angeles Sol, dos Estados Unidos. Ela foi a artilheira e levou o clube ao vicecampeonato. No final de 2009, Marta retornou ao Brasil e foi emprestada ao Santos Futebol Clube<sup>31</sup>, também conhecido como Sereias da Vila. Nesse período, se tornou campeã da Copa do Brasil e da Copa Libertadores da América. Depois disso, a jogadora tem passagens por diversos clubes. Em 2015, com 15 gols marcados, Marta se tornou a maior artilheira<sup>32</sup> da história com a camisa da Seleção Brasileira e com a marca de 98 gols. A marca supera a de Pelé, considerado “rei do futebol”, que tem 95 gols. Em 7 de abril de 2017, Marta foi anunciada como a nova contratada do Orlando Pride, dos Estados Unidos, para três temporadas, time em que joga até os dias atuais.

---

<sup>29</sup> Revista Época. **Tudo Sobre Marta.** Publicada em 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tudosobre/noticia/2016/07/marta.html> Acesso em: 10 mai. 2020.

<sup>30</sup> Biografia da jogadora Marta. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/marta/> Acesso em: 10 mai. 2020.

<sup>31</sup> Futebol femininos: **Santos.** Matéria sobre as maiores conquistas do futebol feminino. Disponível em: <https://www.santosfc.com.br/en/futebol-feminino/> Acesso em: 11 mai. 2020.

<sup>32</sup> ESPN. **Marta maior artilheira de Copas.** Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/563554\\_martasupera-pele-e-vira-a-maior-artilheira-da-historia-da-selecao](http://www.espn.com.br/noticia/563554_martasupera-pele-e-vira-a-maior-artilheira-da-historia-da-selecao) Acesso em: 12 mai. 2020.

No ano de 2018, a camisa dez da Seleção Brasileira quebrou mais uma vez um recorde, ao ser eleita pela sexta vez como a melhor jogadora<sup>33</sup> do mundo da FIFA (Federação Internacional de Futebol). Na época, isso a tornou a maior vencedora do troféu entre homens e mulheres. No mesmo ano, a ONU Mulheres apresentou Marta como embaixadora global da Boa Vontade<sup>34</sup>. A jogadora desempenhou o papel de lutar contra o sexismo no esporte, para mulheres e meninas.

A Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, na França, além de ter uma grande repercussão, trouxe mais um número para a “rainha do futebol”. De certo modo, todos somos afetados pelo discurso das mídias e pelos arquétipos do inconsciente coletivo. Mesmo nós, jornalistas, não estamos imunes.

A jogadora marcou um gol contra a Itália, somando o total de 17 gols em Copas, o que a tornou também a melhor artilheira<sup>35</sup> da história do torneio entre homens e mulheres. Marta superou o até então maior artilheiro Miroslav Klose, da seleção alemã, que possui 16 gols em Copas.

Em 2019, a jogadora Marta entrou na lista da ONU Mulheres<sup>36</sup> como destaque mundial entre as 15 mulheres que mais lutaram pelos direitos femininos. Mas, apesar de tantas conquistas e feitos, e de ser muito respeitada, a jogadora ainda sofre com a desigualdade no esporte.

Na Copa do Mundo de 2019, Marta tomou uma atitude drástica e optou por jogar sem patrocínio<sup>37</sup> na chuteira. Com a cor da chuteira preta e com um símbolo rosa, defendeu os direitos iguais no esporte. A decisão aconteceu devido aos contratos que os patrocinadores ofereceram serem muito inferiores aos do futebol

---

<sup>33</sup> Globo Esporte. **Marta conquista pela sexta vez o título de melhor jogadora de futebol do mundo.** Disponível em:

<https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/fifa-the-best-marta-e-eleita-melhorjogadora-do-mundo.ghtml> Acesso em: 13 mai. 2020.

<sup>34</sup> ONU Mulheres. **Marta como embaixadora da Boa vontade.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onumulheres-anuncia-jogadora-marta-como-embaixadora-global-da-boa-vontade/> Acesso em: 10 mai. 2020.

<sup>35</sup> Globo Esporte. **Recorde alcançado por Marta como maior artilheira em Copa do Mundo.** Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/e-recorde-marta-supera-klose-ese-torna-a-maior-artilheira-em-copas-do-mundo.ghtml> Acesso em: 13 mai. 2020.

<sup>36</sup> ONU Mulheres. **Marta aparece em sétimo lugar em lista da ONU Mulheres como destaque mundial na luta pelos direitos femininos.** Disponível em: <https://avozdacidade.com/wp/onu-mulheres-poe-marta-vieira-da-silva-entresuas-15-personalidades-em-2019/> Acesso em: 10 mai. 2020

<sup>37</sup> UOL Esporte. **A jogadora Marta em protesto joga sem patrocínio na chuteira na Copa do Mundo de 2019.** Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/06/14/por-opcao-marta-joga-sem-patrocinio-esportivo-e-carrega-recado-em-chuteira.htm> Acesso em: 14 mai. 2020

masculino. Por isso, no momento em que marcou o gol de pênalti contra a Austrália, ela comemorou pedindo igualdade no esporte.

Uma matéria realizada pelo blog Dribladoras<sup>38</sup> apontou que o valor do salário que a craque recebeu durante um ano inteiro equivale ao salário de apenas três meses do jogador do Palmeiras, Borja, atualmente emprestado para o Junior Barranquilla. Esse dado serve para mostrar a desvalorização do futebol feminino, já que Marta é seis vezes a melhor jogadora do mundo. E a comparação feita é com um jogador padrão e não com aqueles que são considerados de “alto escalão” no esporte masculino.

Em um de seus discursos para a ONU Mulheres, a jogadora contou como percebeu que as mulheres podem transformar o mundo, ao retornar a sua cidade natal na primeira vez em que conquistou o prêmio de melhor jogadora do mundo.

Quando cheguei lá, era quase meia-noite e a cidade inteira estava na rua. Entrei em um caminhão de bombeiros e as pessoas estavam aplaudindo e acenando. Eu não podia acreditar que eram as mesmas pessoas que, apenas alguns anos antes, me xingaram, me excluíram de campeonatos de meninos e disseram à minha mãe que ela deveria me proibir de praticar um esporte feito para homens. Naquela noite, percebi o poder de mulheres e meninas no esporte para mudar o mundo (VIEIRA.ONU Mulheres, 2020)<sup>39</sup>.

No ano de 2020 a escola de samba “Inocentes de Belford Roxo” homenageou a trajetória da camisa dez brasileira no enredo “Marta do Brasil: chorar no começo para sorrir no fim”<sup>40</sup>. O nome do enredo é uma referência à declaração<sup>41</sup> feita pela jogadora depois da eliminação da equipe brasileira na Copa do Mundo de Futebol Feminino, na França, em 2019. A fala emocionada da jogadora pedia para que valorizassem o esporte feminino e as gerações futuras.

## 5.2 O ARQUÉTIPO FEMININO

<sup>38</sup> Dibradoras. **Desigualdade nos salários e investimentos no futebol masculino e feminino**. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/04/02/marta-ganha-em-1-ano-oque-borja-recebe-em-3-meses-o-que-explica/> Acesso em: 14 mai. 2020.

<sup>39</sup> ONU Mulheres. **Relato de Marta sobre transformação provocada pelas mulheres**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/artigo-mulheres-e-meninas-no-esporte-podem-mudar-o-jogo-global/> Acesso em: 13 mai. 2020.

<sup>40</sup> Escola de samba que homenageou Marta em 2020 com samba enredo. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/marta-inocentes-belford-roxo\\_br\\_5e530abc5b6a4525dbced18](https://www.huffpostbrasil.com/entry/marta-inocentes-belford-roxo_br_5e530abc5b6a4525dbced18) Acesso em: 14 mai. 2020.

<sup>41</sup> Extra. **Após eliminação da Seleção Brasileira na Copa, Marta faz declaração emocionada**. Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/marta-desabafa-faz-apelo-chorem-no-comeco-para-sorrir-no-fim23758800.html> Acesso em: 14 mai. 2020.

O conceito de arquétipo foi elaborado pelo psiquiatra Carl Jung (2016). De acordo com ele, os arquétipos são originados do inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo seria uma mistura de ideias e tendências inatas que são passadas de geração para geração desde os primórdios humanos. Essas ideias estruturam o modo de ver e julgar o que acontece no mundo, de acordo com as experiências pessoais de cada um. Essas estruturas estão ali desde sempre, e em algum momento serão utilizadas, gerando, assim, os arquétipos. Se muitas experiências individuais se combinam, juntas formam o inconsciente coletivo.

Ou seja, os arquétipos são figuras que representam as atitudes das pessoas. Essa representação faz com que o ser humano a associe a uma imagem. Alguns arquétipos simples de associar são: os animais como símbolo de poder, os super-heróis e as figuras utilizadas pela religião, que independentes da origem, têm personagens com as mesmas características, só que com nomes diferentes. Um exemplo seriam os mascotes dos times. Quando se escolhe um animal ou uma figura para representar um grupo de pessoas, as características dessa figura representam como esse grupo age ou como gostaria de ser visto.

Desse modo, dois arquétipos importantes são associados às mulheres: a heroína e a princesa. Desse modo, o arquétipo de heroína, refere-se à mulher como guerreira, que vai à batalha e ultrapassa limites. Já a princesa, é relacionado à inocência, delicadeza e pureza, normalmente associado às mulheres na infância. Pode evoluir, com a idade, para a rainha, acrescido de novas características: independência e autoridade (subordinada apenas ao rei, sua consorte), além de elegância e mais beleza.

## 6 METODOLOGIA

A metodologia desta monografia já foi apresentada na introdução. Agora, a pesquisadora parte para a fase dois da Análise de Conteúdo, baseada em Laurence Bardin (2011), que é a da decupagem dos materiais que serviram como objeto de estudo.

Esta pesquisa é qualitativa e o procedimento metodológico utilizado é a pesquisa bibliográfica. Além da Análise de Conteúdo, foi utilizada também a Análise de Discurso como métodos. A Análise de Discurso teve como autora de referência, Ruth Amossy (2018).

O tempo decupado de cada matéria consiste em: “Figurinhas da Copa de Futebol Feminino estão esgotadas nas bancas”, exibida pelo Globo Esporte RS, com duração de aproximadamente 5 minutos. Foram decupados 4 minutos e 21 segundos corridos desde o início da reportagem; “O futebol feminino no Brasil”, exibida pelo Esporte Espetacular na Rede Globo, com duração de 12 minutos. O conteúdo decupado ficou em 4 minutos e 30 segundos retirados de quatro trechos da matéria; “Qual o futuro do futebol feminino no Brasil? Exibida na TV Brasil”: duração de 4 minutos e 02 segundos, retirados de três recortes da matéria; “Marta é eleita a melhor jogadora do mundo pela sexta vez”, exibida no programa Hora Um, da Rede Globo, com duração de três minutos 45 segundos. “Recorde de Marta, Seleção da FIFA e disputa acirrada no Brasileirão”, matéria exibida no Jornal da Globo, Bate Papo Esportivo, com duração de 4 minutos e 49 segundos. Foram decupados 3 minutos e 41 segundos.

Com o objetivo de destacar trechos que a pesquisadora considerou de interesse para a análise, durante a decupagem dois pontos devem ser levados em consideração:

- a) Falas que estão em negrito se referem a expressões usadas de forma irônica, ou que enfatizam a desigualdade de gênero.
- b) Quando se destaca algum gesto ou movimento do jornalista, apresentador, ou da sonora, este estará entre parênteses e em itálico.

Algumas categorias foram definidas como o foco da decupagem, tendo como objetivo verificar o discurso dos jornalistas em relação á jogadora Marta e questões relacionadas ao mundo do futebol feminino:

b) O conteúdo do discurso jornalístico em termos de:

**Texto:** enfatizando os termos utilizados pelos jornalistas; o tom da fala e as expressões faciais e gestuais;

**Imagens:** enfatizando os planos e movimentos de câmera.

## 6.1 DECUPAGEM DO CONTEÚDO

Nesta fase, encontram-se as matérias escolhidas que estão na mesma ordem apresentada acima. Para melhor compreensão da decupagem, segue abaixo uma legenda<sup>42</sup> de alguns dos termos utilizados na televisão, para os enquadramentos e movimentos de câmera.

**Meio primeiro plano:** personagem enquadrada da cintura para cima.

**Passeio:** câmera acompanha o movimento do personagem ou coisa que se mova, na mesma velocidade.

**Plano aberto:** a câmera fica distante do objeto, de modo que ocupa apenas pequena parte do cenário.

**Plano americano:** câmera enquadra pessoa do joelho para cima.

**Primeiríssimo plano:** a figura humana enquadrada dos ombros pra cima.

**Plano médio:** a câmera ocupa uma distância média do objeto, mostrando boa parte do ambiente.

**Close:** a câmera está bem próxima do objeto, de modo que este ocupa quase todo o espaço de enquadramento.

**Zoom:** câmera aproxima-se do objeto (zoom in) ou afasta-se do objeto (zoom out).

**Sonoras:** são as entrevistas constantes das matérias telejornalísticas.

**Passagem:** trecho do repórter, em vídeo, fazendo parte desenvolvimento da matéria.

**Voice Over:** palavras que são ditas por alguém que não está sendo visto.

---

<sup>42</sup> Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Acesso em: 31 mai. 2020.

**OFF:** texto narrado pelo repórter, transformado em áudio e acrescido de imagens.

**Cabeça de reportagem:** texto falado pelo apresentador que introduz a matéria que entra a seguir.

('): minuto.

("): segundo.

## **PRIMEIRA MATÉRIA**

**Título:** Superando preconceitos e humilhações, o futebol feminino no Brasil. resiste às vésperas de mais uma Copa do Mundo.

**Programa:** Esporte Espetacular, Rede Globo.

**Data:** 19 de maio de 2019.

**Duração:** 12 minutos.

**Decupagem para análise:** 4'30"

Os apresentadores do Esporte Espetacular são Barbara Coelho e Felipe Andreoli e a repórter é Carol Barcellos.

Plano aberto câmera em *zoom in* nos dois apresentadores. A partir daí fica em meio primeiro plano. Eles fazem a cabeça da reportagem.

Recorte 1 - de 0' até 27"

Apresentador Felipe Andreoli: "Ó", dia 07 de junho começa a Copa do Mundo Feminina. Barbara Coelho, lá na França (*até esse momento eles estão sorrindo; a partir daí, ficam com expressões sérias*) "cê" sabia (*repórter arqueia as sobrancelhas*) que a primeira edição do torneio foi em 91, muitas décadas depois do futebol já ser o esporte mais popular do mundo "né cara"?

Apresentadora Barbara Coelho: É, pois é. E, no Brasil, esse início também foi difícil. Uma história feita de preconceitos, proibições, injustiças...que aos poucos foi sendo modificada, mas que ainda "tá" longe do cenário ideal. Conheça agora as pioneiras do nosso futebol.

Recorte 2 – de 1'25" até 2'22": repórter em meio primeiro plano em uma arquibancada.

Repórter Carol Barcellos: ofendidas, humilhadas, algumas mulheres foram até agredidas porque queriam jogar bola (*repórter com expressão de insatisfação*). Contar a história do futebol feminino é contar uma história de resistência e as mulheres que você vai ver agora foram as que quebraram a primeira grande barreira.

OFF da repórter Carol Barcellos. “Desviar não era uma opção, alguém tinha que enfrentar” (imagem de um muro em primeiro plano com palavras que representavam os xingamentos dirigidos às mulheres com uma animação que mostra uma jogadora chutando e derrubando o muro).

Ex-jogadora Pretinha em primeiríssimo plano: o futebol feminino tem história desde 88, então o pessoal, ah, só agora “né”? (*gesticula enfaticamente*) Eu vejo muito, ah, parece que é só, só existe 2004 pra cá. Não, o futebol feminino existe há muito tempo e nós tivemos grandes jogadoras em uma época (enquanto a ex-jogadora fala, imagens em plano aberto das Seleções anteriores aparecem na tela) muito mais difícil.

OFF da repórter Carol Barcellos. “São as pioneiras do futebol feminino no Brasil: desbravadoras, destemidas, mulheres que desconstruíram padrões” (imagens em meio primeiro plano e primeiríssimo plano de ex-jogadoras, em campo).

Recorte 3 – de 03’23” até 04’30”

Passagem da repórter: câmera em passeio enquanto repórter caminha em um museu do esporte, até parar em meio primeiro plano.

Repórter Carol Barcellos. “Elas transformaram em esporte o que era visto como **palhaçada**. Nos primeiros registros, o futebol feminino aparece no Brasil como se fosse **atração de circo** (*repórter indica fotos em preto e branco da Seleção ao seu lado*). Até que o tempo foi passando e em 1941 um decreto-lei (decreto aparece na tela no canto superior) **proibiu** que mulheres praticassem atividades que fossem contra, o que **eles** consideravam ser a **natureza feminina**. Não citava especificamente o futebol, mas “tava” subentendido. Futebol não **era coisa pra mulher**. Nem brincar de bola na rua era **permitido** a meninas. A justificativa, como aparece num artigo do jornal Folha de São Paulo de 1961, era: as mulheres têm ossos mais frágeis, menor massa muscular, bacia oblíqua, tronco mais longo e, por isso, menos resistente; centro de gravidade mais baixo, coração menor, menor

número de glóbulos vermelhos, respiração menos apropriada a esportes pesados, menor resistência nervosa e de adaptação orgânica. **Foram 38 anos de proibição** (*repórter enfatiza, lendo a frase com mais “força”*). (Imagem em zoom in de uma folha de jornal, com o que foi narrado pela repórter).

Recorte 4 – de 07’10” até 09’06”

OFF da repórter: “era a preparação pra primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino na China. Foi em 1991. Foi da zagueira Elani o primeiro gol de uma brasileira em mundiais sobre o Japão. Elas voltaram pra casa ainda na primeira fase, mas ganharam um título sim, o de Seleção. **A principal elas sabiam que ainda era outra**” (imagens em plano aberto e em meio primeiro plano de jogadoras treinando e fazendo jogadas em campo).

Áudio e imagens de arquivo da Seleção Brasileira Masculina na Copa, comemorando o título de tetra-campeão da Copa do Mundo de 1994.

OFF da repórter: “quando Romário e Bebeto voltaram da conquista do Tetra em 1994, o que sobrou de uniforme foi guardado pra elas”. (Imagens em meio primeiro plano da conquista do título).

Três entrevistadas, ex-jogadoras da Seleção Brasileira, em pé, todas usando seus antigos uniformes da Seleção. Em meio primeiro plano, a câmera vai em passeio até finalizar em plano aberto.

Ex-jogadora Elane junto com a ex-jogadora Marisa: olha aí o tamanho disso: (Elane segura a camisa da colega, câmera intercala entre as duas em primeiro plano) era deste tamanho porque era tudo masculino. O futebol feminino **não existia** pra CBF. Então a gente usava tudo do masculino: shorts, é camisa, não é porque a gente queria.

Ex-jogadora Sissi em primeiríssimo plano: mas quando você chegou lá, que “cê” olhava todo mundo bem né, “cê” olhava as americanas, todo mundo bem “né”, bem vestido e “cê” olhava pra gente assim e falava “caramba” (*risos*). Que que é isso? (Imagens de arquivo em primeiro plano da ex-jogadora em campo, comemorando) Mas, fala o que era “né”, foi **uma das coisas que a gente teve também** que, **que aguentar**, mas...(*voz embargada*).

Ex-jogadora em *voice over*: Era o que a gente era “né”, a gente **era sobra**.

Ex-jogadora Marisa em plano americano: essa camisa aqui (imagens de arquivo das jogadoras em primeiro plano em campo) não foi à toa, foi a paixão, foi o amor.

Repórter em OFF: “e que era cuidada com um carinho...” (imagens em meio primeiro plano das jogadoras lavando os uniformes).

Sonora recuperada de arquivo: **jogadora limpando** a chuteira, em primeiro plano: aqui cada um cuida da sua com bastante carinho “né”, já que a gente não tem a **mordomia do profissional**.

Repórter em OFF: “mas era um time profissional, e com brilho a pouco de ser revelado. 1999, Mundial nos Estados Unidos, 7x1 no México, 2x0 na Itália, avançaram pras oitavas. Venceram a Nigéria nas quartas com um gol de Sissi, que está entre obras-primas expostas em mundiais” (imagens de jogos em plano aberto).

## SEGUNDA MATÉRIA

**Título:** Marta é eleita a melhor jogadora do mundo pela sexta vez.

**Programa:** Hora Um, Rede Globo.

**Data:** 25 de setembro de 2018.

**Duração:** 3'45”

**Decupagem para análise:** matéria completa.

Os apresentadores são Monalisa Perrone e o jornalista esportivo é Cassio Barco. No fundo do cenário, uma tela com o nome do programa “Hora Um”.

Apresentadores em plano americano estão falando sobre os jogares que disputavam o prêmio de Melhor do Mundo na categoria masculina. Eles estão bastante à vontade, fazendo brincadeiras e piadas, de forma que em alguns momentos, não parecem seguir um roteiro.

Apresentador Cassio: bom, mas quem roubou a cena foi a Marta “né”?

Apresentadora Monalisa: foi demais!

Apresentador Cassio: nossa Marta, nossa **rainha**.

Apresentadora Monalisa: aliás, “**tava**” **linda** com aquele **vestido**, aquelas **joias**. **Marta maravilhosa**.

Apresentador Cassio: **glamourosa, rainha do funk, poderosa** ééé... Marta, sexta vez eleita Melhor do Mundo. E quem traz pra gente todas as informações dessa

festa muito bonita é a repórter Mariana Becker, que **também, “tava” super elegante,** Monalisa.

Apresentadora Monalisa: “vamo” vê.

A repórter em meio primeiro plano.

Mariana Becker: uma noite de gala para o futebol mundial e brasileiro.

A repórter em OFF: “o *The Best Awards* da FIFA premia, como o nome diz em inglês, os melhores do ano do futebol” (imagens da premiação).

A repórter em OFF: “Deschamps ganhou o troféu de Melhor Técnico. Ele, que foi campeão do mundo com a Seleção Francesa. Grande festa e uma quebra de escrita, que se repetia há dez anos. O croata Luka Modric, Melhor da Copa, o melhor da Europa, foi eleito também o Melhor do Mundo pela FIFA” (imagem em plano aberto. Câmera em passeio mostra o treinador Deschamps e o jogador Luka Modric subindo ao palco da premiação).

Repórter segue falando das categorias masculinas.

OFF da repórter: “a festa foi mundial e brasileira, porque Marta foi eleita pela sexta vez a Melhor Jogadora do mundo. **Ela deixa pra trás** Cristiano Ronaldo e Lionel Messi, que tem cinco troféus cada um.” (Imagens da Marta em plano aberto, recebendo o prêmio).

Marta em primeiríssimo plano.

Marta: pode ter certeza que há espaço na minha sala, é especial pra todos os prêmios que eu já ganhei até hoje, desde a primeira medalha “né”? (*expressa muita alegria*) Pequeninha, de colégio, e eu tenho um espaço reservado em casa e a gente vai arrumar um cantinho bem legal e especial pra ele.

A repórter em meio primeiro plano.

Mariana Becker: uma noite **histórica pro futebol feminino.** Mariana Becker, de Londres, para o Hora Um.

Apresentadores Monalisa e Cassio em plano americano.

Apresentadora Monalisa: obrigada Mariana, **“tava” linda também.** Demais a Marta “né”?

Apresentador Cassio: pois é, o que a gente “tava” falando, que o Modric desbancou o Cristiano Ronaldo e Messi, que há dez anos não era um outro jogador ali, quebrando o Melhor do Mundo, e mesmo assim, foi **ofuscado** pela **rainha**, como a Mariana Becker falou ali.

Apresentadora Monalisa: então, totalmente.

Monalisa pergunta para Cassio sobre o premio masculino e eles prometem voltar com mais detalhes sobre a premiação.

### TERCEIRA MATÉRIA

**Título:** Qual o futuro do futebol feminino no Brasil?

**Programa:** mesa redonda “No mundo da bola”, pelo canal da TV Brasil.

**Data:** 26 de junho de 2019.

**Duração:** 16 minutos.

**Decupagem para análise:** 4’02”

Programa realizado em uma bancada, com o apresentador Sergio Du Bocage; o comentarista esportivo Márcio Guedes; o jornalista convidado Toninho Nascimento e o segundo convidado, treinador de futebol, René Simões.

Recorte 1- de 1’20” até 3’43”

Apresentador em meio primeiro plano, na bancada, apresenta o convidado René Simões, treinador de futebol. O cenário é de fundo verde.

Sergio: boa noite René, a gente começou ouvindo ai a Marta, dizendo que nem tudo acabou e que ela teve orgulho do desempenho do Brasil. **É pra ter orgulho ou não?** Boa noite.

Convidado René em meio primeiríssimo plano responde ao cumprimento e cumprimenta também os outros colegas da bancada.

René: eu hoje fiz um...um vídeo em que eu disse assim: perdeu a Seleção Brasileira, ganhou o futebol feminino. Eu acho que o **respeito** que as **meninas** ganharam **hoje** é muito grande Sergio, com essa **barulho todo** que a imprensa fez **pela primeira vez**. A imprensa fez um barulho muito grande numa Copa. E depois eu abri um parêntese, dizendo, dizia o seguinte: de quatro em quatro anos **é muito fácil** você fazer esse barulho todo e cobrar delas.

O convidado segue em sua fala, comparando a Seleção Brasileira de Futebol Feminino com a dos Estados Unidos e a da França, enfatizando a falta de estrutura do Brasil.

O apresentador interrompe o convidado e pergunta.

Sergio: o Branco (treinador de futebol) te ligou? Convidando você pra assumir a Seleção?

Plano aberto de três integrantes da bancada.

René: não, o Branco não. O Branco é da Seleção masculina né?

Recorte 2 - de 8'20" até 9'41"

Apresentador Sergio em meio primeiro plano.

Sergio: risquei o pavio, Toninho boa noite (*apresentador faz gesto que imita o de acender uma bomba*).

Jornalista Toninho em primeiríssimo plano.

Toninho: vou **tomar cuidado um pouco** com as palavras.

Apresentador interrompe.

Sergio: eu deixei o Toninho para falar depois (*sorri*).

Jornalista cumprimenta os demais da bancada.

Toninho: não, eu acho só é que o desempenho da Seleção Feminina não pode ser só: olha, **heroicas, fantásticas**, não. Eu acho que tem que cobrar um pouco dessas **meninas**. E eu vou usar as palavras da Marta, depois vou usar uma boa frase do René sobre isso. A Marta deu uma entrevista depois do jogo, dizendo o seguinte: "temos que chorar antes, pra sorrir depois, no fim". **Que que ela tá querendo dizer:** é preciso se dedicar mais.

O jornalista segue, comparando a Seleção de 2019 com a de 2004 e enumerando melhorias na estrutura.

Recorte 3 – de 14'08" até 15'06"

Jornalista em meio primeiro plano, falando sobre estrutura.

Toninho: Então, olha quanto tempo se perdeu. O que eu questiono muito agora é que essa discussão de estrutura, ela “tá” quase resolvida, **claro que têm mil buracos, René tem razão**. Então, é hora de cobrar o seguinte:

**senhoras atletas**, vamos nos preparar melhor pra uma Copa do Mundo?

Plano aberto, os três da bancada aparecem.

Toninho: vamos ter um **desempenho** pra gente não ter que ficar **heroica, maravilhosa?** (*gesto de exagero*) (fala ininteligível) Não dá pra...pela campanha que fez contra a França, foi espetacular. Mas não dá pra ser **heroica, espetacular**. Entre elas, a Jamaica é **o show do futebol feminino** (*gesto de exagero*).

René: não, foi a pior partida nossa!

Toninho: quer dizer, **tem que tomar um cuidado só pra agora exigir delas um desempenho, de atleta**. Quando você não tinha nenhuma cobrança lá atrás, nenhuma, nenhum apoio, elas não tinham nada, **choravam**, tudo bem, agora já têm. Então, agora dá pra dizer “vamo” lá (*gesto batendo palma*).

Jornalista vira para o lado e questiona René. Em plano aberto, os três integrantes na bancada.

Toninho: René, se você for técnico, vai ser a sua Seleção da Olimpíada do ano que vem **também** vai ser baseada em Marta, Cristiane e Formiga? (*o jornalista e o apresentador ficam rindo*).

René: Formiga se aposentou.

Márcio: Pro ano que vem acho que ainda tem, vai ter que ser “né”?

René: Formiga se aposentou (*convidado René parece desconfortável*)

## QUARTA MATÉRIA

**Título:** Recorde de Marta, Seleção da FIFA e disputa acirrada no Brasileirão

**Programa:** Bate-papo esportivo, Jornal da Globo.

**Data:** 24 de setembro de 2018

**Duração:** 4'49''

**Decupagem para análise:** de 0' até 3'41''

Bancada do Jornal da Globo, com a apresentadora Renata Lo Prete, sentada, em plano aberto e o comentarista esportivo Caio Ribeiro, em pé, em frente a um telão.

Apresentadora Renata: hora do Bate-papo esportivo, Caio Ribeiro já está aqui. Boa noite Caio (ele responde ao cumprimento), pra fazer muitas coisas, mas antes de tudo, pra comemorar a **rainha** Marta. A Marta é hexa, é isso Caio?

No telão, atrás do comentarista, aparecem imagens em plano aberto da Marta, jogando e congela em uma foto dela, comemorando.

Caio Ribeiro: é um **orgulho** pra todos nós, ela é **fantástica**, ela é **considerada a Péle do futebol feminino**. E não é só por ter sido eleita pela sexta vez a melhor jogadora do mundo. É pela **humildade** com que ela lida com a fama, pelo **exemplo** que é pras jogadoras mais jovens, mais uma vez **super merecido**. A gente tem que ter muito **orgulho** de olhar pro futebol feminino e ter **uma Péle entre as mulheres**, com essa **qualidade** e acima de tudo com a **pessoa** que a Marta é (*tom enfático*).

Apresentadora Renata: escuta Caio, “vamo” então falar da premiação dos homens, rompendo uma década de polarização. Cristiano Ronaldo, Messi, Modric, melhor do mundo. Justa a premiação?

Ele responde que acha justa e explica sobre Luka Modric, vencedor do prêmio Melhor do Mundo. Enquanto aparecem imagens em plano aberto da premiação, os próximos minutos são dedicados apenas ao futebol masculino.

Plano aberto da apresentadora e do comentarista.

Renata: escuta Caio, e na Seleção da FIFA não tem Neymar, mas tem dois brasileiros?

Plano aberto somente mostrando o comentarista Caio apontando os melhores jogadores da FIFA, no telão.

Caio: saiu a Seleção dos melhores da Europa, da FIFA, melhor dizendo. E nós temos: no gol, De Gea, goleiro do Manchester United. Nas laterais, dois brasileiros: Daniel Alves, pela direita; Marcelo, pela esquerda; o zagueiro Sérgio Ramos, do Real Madrid e Varane, também do Real Madrid. No meio, Kanté, Hazard e Modric. E na frente, Messi, Cristiano e M'bappé. Neymar não apareceu entre os dez, acho que a lesão do Neymar atrapalhou um pouquinho esse tipo de votação.

Eles seguem, comentando sobre os jogadores.

Apresentadora Renata, em meio primeiro plano na bancada.

Renata: boa, então “vamo” agora “pros” gols da noite. Teve gol no Rio e em Chapecó, é isso?

Plano aberto somente do Caio.

Caio: foram dois jogos que encerram a rodada. Lembrando que agora faltam só doze (jogos) “pro” final do Brasileirão. “Vamo” dar uma olhada?

Caio em OFF descreve as jogadas e os gols, enquanto aparecem imagens em plano aberto dos lances em campo.

## QUINTA MATÉRIA

**Título:** Figurinhas da copa de futebol feminino estão esgotadas nas bancas.

**Programa:** Globo Esporte RS.

**Data:** 03 de junho de 2019.

**Duração:** 4'48''

**Decupagem para análise:** de 0' até 04'21''.

A apresentadora do Globo Esporte RS é Alice Bastos Neves e o repórter é Leonardo Müller. Plano aberto da apresentadora. Ao fundo do cenário, uma tela com um cartaz mostra a frase: “Joga que nem mulher”. Alice inicia cabeça de reportagem apontando para a tela.

Alice: e agora tem estreia no programa (*Alice indica frase na tela*) “Joga que nem mulher”, a marca que vocês já “tão” acostumados na nossa nova série de reportagens sobre o futebol feminino. A Copa do Mundo já começa na sexta-feira e você sabe aquela historia de antes da Copa, de “rolar” coleção de figurinhas, álbum, todo mundo querendo completar?

Apresentadora em meio primeiro plano.

Alice: só que você já viu um álbum só de mulheres?

Repórter caminhando na rua, em plano aberto, se aproxima de pessoas nas bancas.

Plano aberto do repórter, abordando as pessoas em frente à banca.

Repórter Leonardo Müller: tem figurinha da Copa do Mundo do Futebol Feminino?

Sonora 1, homem em frente à banca: não, essa não, amigo.

Plano aberto. O repórter caminha até outra pessoa em frente à banca.

Repórter Leonardo: tem do futebol feminino?

Sonora 2, mãe com o filho em frente à banca: não, feminino não, o dele (álbum) é da Copa América.

Repórter Leonardo: Copa América?

Repórter se dirige à outra pessoa.

Repórter Leonardo: tem figurinha?

Sonora 3, homem: só essas do... **das mulher não.**

Roda vinheta do Globo Esporte.

Repórter em OFF: “a gente foi ver se “colou” a ideia nos torcedores de fazer o álbum da Copa do Mundo de Futebol Feminino” (imagens do jornalista em plano americano, conversando com as pessoas, e em passeio em *zoom in*, de vários álbuns na banca).

Repórter aparece, agachado com crianças em círculo, todos em meio primeiro plano.

Repórter Leonardo: quero saber quem é que tem o álbum da Copa América?

Meninos em uníssono: eeeu.

Repórter Leonardo: quem é que tem o álbum da Copa do Mundo de Futebol Feminino?

Sem resposta, barulho de grilos.

Repórter em OFF: “tem gente que já completou o álbum da Copa América, a competição masculina começa esse mês, a Copa do Mundo também” (imagens das mãos das crianças em *zoom in*, colando figurinhas e menino em plano médio, agachado, folheando o álbum).

Repórter Leonardo, em *voice over*: qual é o próximo álbum que vem agora?

Menino, meio primeiro plano: eu não sei.

Repórter, agachado em plano médio, com o menino.

Repórter Leonardo: vou te dar uma ideia. O álbum de figurinhas da Copa do Mundo de Futebol Feminino.

Menino: pode ser legal.

Repórter aparece, agachado com crianças em círculo, todos em meio primeiro plano.

Repórter Leonardo: por que que ninguém “tá” fazendo?

Menino 2: porque **é de menina**.

Mãe com filha no colo, agachada com o repórter, também em plano médio: eu perguntei se ela queria fazer o álbum feminino e ela falou que era **coisa de menino**.

Repórter em meio primeiro plano para menino no colo do pai:

Repórter Leonardo: tem amiguinhas que jogam futebol?

Menino no colo do pai: só uma.

Repórter Leonardo Müller: e joga bem?

Criança no colo do pai: sim!

Repórter aparece, agachado com crianças em círculo, todos em meio primeiro plano.

Repórter Leonardo Müller: menina joga futebol?

Meninos: joga.

Repórter Leonardo Müller: tu conhece alguma jogadora da Seleção do Futebol Feminino?

Menino ao lado do pai, em primeiríssimo plano: não (*tímido*).

Sonora 4, mãe com filho, em meio primeiro plano: temos, “ahn”, duas gaúchas convocadas “né”? **Isso** é muito legal **mesmo**.

Repórter em OFF: “o álbum reúne as 24 seleções que vão disputar a competição na França. São 17 jogadoras por país. Também têm os estádios da Copa e aquelas figurinhas históricas. Claro que a Marta, eleita seis vezes a Melhor do Mundo, tem destaque nessas páginas. Essa é **apenas a terceira** vez que o Brasil tem a distribuição das figurinhas oficiais” (imagens do álbum sendo folheado em *zoom in* e passeio pelas páginas, passa por figurinha da Marta).

Sonora 5, mulher agachada, com filho em primeiríssimo plano: eu já tinha ouvido falar assim, mas eu ainda não vi o álbum.

Repórter em OFF: “o álbum da Copa do Mundo **masculina** do ano passado **fez mais sucesso por aqui**. O Brasil foi **o país que mais colecionou** as figurinhas” (imagens do “álbum masculino”, câmera em passeio em *zoom in*, passando pelas figurinhas dos jogadores).

Dono da banca Mozart Maciel, em primeiríssimo plano: Copa do Mundo masculina, quando tem, dá uma mais ou menos umas 350 pessoas aqui na calçada. É, realmente é uma febre “né”?

Repórter em OFF: “a procura foi tanta nas bancas, que nós, do Globo Esporte, criamos a figurinha que não existia. **A do Geromel, o zagueiro do Grêmio foi convocado pra Seleção Brasileira, mas ficou de fora do álbum do Mundial.** Quer dizer, não de todos” (imagens em close do álbum da Seleção Brasileira, imagens da figurinha do Geromel, que o Globo Esporte criou).

Depois do OFF, passam a ser exibidas imagens de arquivo de entrevista do ano passado com o jogador que o repórter dá como referencial, anteriormente.

Repórter faz passagem em frente a uma banca, com figurinhas das jogadoras femininas nas mãos. Close nas figurinhas sendo folheadas e passeio até o rosto do repórter. Primeiríssimo plano a partir daí.

Repórter Leonardo: eu vou falar baixinho porque descobri que tenho raridades nas mãos. Esta banca de revistas, (*indica a banca ao lado*) que reúne colecionadores todos os sábados, não tem mais pacotinhos pra vender. A única maneira de conseguir novas figurinhas aqui é trocando (*mostra as figurinhas, expressão de confusão*) Agora, se poucas pessoas compraram o álbum, **como é que elas “tão” faltando no mercado?**

Dono da banca Mozart Maciel, em primeiríssimo plano: sim, estoque baixo. Agora, como a gente já tem uma previsão que realmente as coisas vão ser **melhor que a gente pensa**, a gente já faz um estoque maior.

OFF do Repórter: “nessa outra banca de revistas também não tinha figurinha” (imagens das prateleiras, mostrando os álbuns em plano geral e *zoom in* no álbum da Seleção Feminina).

Dono da banca Jose Carlos Pereira, em primeiríssimo plano: não tem porque essa semana veio 300 e já estão todas esgotadas “né”.

Sonora 6, homem com figurinhas nas mãos, em meio primeiro plano, junto com repórter e moça: eu já “tô” no feminino “né”. Já fui completando os outros.

Sonora 7, moça: eu conheço duas pessoas que colecionam. Duas amigas, a gente jogava futebol junto, daí a gente, quando lançou o álbum, eu mandei pra elas. Queria ter pego essa época “na real”, que tem muito mais incentivo pro futebol feminino. Quem sabe eu não teria virado figurinha? (Imagem da entrevistada colocada em álbum).

Repórter Leonardo em meio primeiro plano, com entrevistado. Conversa e troca figurinha.

Repórter em OFF: “e lembra da gurizada que lá no início da reportagem “tava” pouco familiarizada com a Copa Feminina? Nós apresentamos o nosso álbum pra eles” (repórter aparece, agachado com crianças em círculo, todos em meio primeiro plano).

Menino: Formiga (jogadora da Seleção Brasileira) o nome dela.

Repórter Leonardo Müller: Formiga, isso aí.

Repórter em OFF: “de figurinha em figurinha, o futebol feminino vai “colando” nos torcedores” (imagens em *zoom in* das figurinhas sendo coladas no álbum).

## 6.2 ANÁLISE DO CONTEÚDO

De acordo com esta monografia, com o surgimento do feminismo, a luta pelos espaços das mulheres, começaram a gerar resultados. Sendo assim, o objetivo da Análise de Conteúdo (AC), que é o terceiro e último passo do método de Bardin (2011), é a análise, inferência e interpretação do que foi decupado.

Para Bardin (2011, p. 37), a AC “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, serve para ilustrar melhor o tom do discurso utilizado pelos jornalistas nos programas. Outro método que foi utilizado também nesta monografia é o de Análise do Discurso (AD), baseado em Ruth Amossy (2018). Para a autora, a AD é a análise de toda a comunicação, bem como as características de construção do texto. Também é a busca do que está escondido no significado das palavras e mensagens.

As características do jornalismo esportivo na TV, datado de 1953, eram originadas dos programas esportivos de rádio. Com o tempo, a televisão encontrou a sua própria linguagem, porém, algumas características permanecem até hoje. O jornalismo esportivo está relacionado ao Infotainment, visto na introdução e no terceiro capítulo, pois compreendem informar e entreter. Na análise, buscou-se também perceber se as matérias atendem a essas duas características.

### 6.2.1 ANÁLISE DOS RECORTES DO ESPORTE ESPETACULAR

O programa Esporte Espetacular é exibido pela Rede Globo, aos domingos pela manhã. O programa decupado foi apresentado por Bárbara Coelho e Felipe Andreoli, porém, Felipe Andreoli não faz mais parte do grupo de jornalistas da Rede Globo. Substituindo Felipe, agora faz dupla com Barbara Coelho, o apresentador Lucas Gutierrez. E a repórter desta matéria decupada é Carol Barcellos.

Os apresentadores têm um tempo de fala parecido e a linguagem que por eles é utilizada é informal de forma comedida, o que pode-se perceber na utilização de termos como: “ó”, “cê”, “tá” e “né cara”. Essa informalidade proposital visa gerar proximidade com o telespectador e, de acordo com Coelho (2004), é uma das características do jornalismo esportivo, pois o futebol, de acordo com o autor, se tornou uma “febre”, uma paixão. Isso significa mais público e mais intencionalidade de aproximação.

Conforme Marcondes Filho (2014), como visto no segundo capítulo, é papel do jornalista informar de forma clara a todo o público, nesse contexto, utilizando uma linguagem mais “simplificada”.

O primeiro recorte decupado é o dos apresentadores. Em plano aberto, ao iniciar o programa, Felipe se dirige à Barbara; porém, o apresentador dá apenas uma breve olhada para ela e rapidamente volta a olhar para a câmera, ao passo que Barbara se vira para ele e tenta manter contato visual. Portanto, pode-se presumir que o apresentador está utilizando como base o teleprompter<sup>43</sup> para continuar a chamada da matéria, o que faz a interação dos apresentadores parecer um pouco forçada e ensaiada.

Os dois apresentadores têm boa desenvoltura e dicção. Talvez, a escolha de iniciar a cabeça de reportagem com Felipe “contando” para Barbara quando foi a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminina e que o futebol era proibido para as mulheres pode ser equivocada. Como visto no capítulo quatro, do feminismo, de acordo com Coelho (2004), era curioso ver uma mulher saber mais de esporte do que um homem. Esse tipo de discurso pode ser associada à ideia da mulher que não entende de futebol, que já é algo esperado culturalmente. Por que não começar com a apresentadora abordando o assunto e respeitando o seu lugar de fala?

O enquadramento da chamada de reportagem é em *zoom in* em plano aberto dos dois apresentadores até ficar em meio primeiro plano. Este movimento de

---

<sup>43</sup>Teleprompter: equipamento que mostra o texto em frente à câmera para o apresentador. Disponível em: <http://www.casadosfocas.com.br/o-que-e-e-como-funciona-o-teleprompter/> Acesso em: 25 jul. 2020.

câmera provoca a sensação de proximidade com o telespectador. Isso pode ser relacionado com a forma que o jornalismo esportivo quer ser apresentado. O futebol é um esporte muito popular, e além disso, se apresenta em forma de espetáculo, como visto no terceiro capítulo. Marcondes Filho (1994) fala sobre criar um espetáculo para o telespectador, assim como Llosa (2016) também aborda a questão do futebol como espetáculo. Com essas relações, pode-se refletir que ao sentir-se mais próximo do conteúdo, o telespectador pode ter a sensação de fazer parte da representação, desse espetáculo.

No recorte dois, os termos utilizados são para enfatizar os preconceitos que as mulheres sofreram por gostar de futebol e querer praticá-lo, combinando imagem e discurso. No recorte três, quando a repórter Carol Barcellos utiliza determinados termos para definir como o futebol feminino era visto (palhaçada, atração de circo) e que não era da natureza feminina ou não era “coisa para mulher”, pode-se relacionar com o que Dorfman (2003) fala sobre que, culturalmente, as mulheres não deveriam praticar esportes porque exigia força física. Fica subentendido que as mulheres não possuíam essa característica

Como foi visto no capítulo três, sobre a televisão, é do imaginário que se formam as ideias e os julgamentos, as convicções que a sociedade cria, que estão relacionados também ao capítulo cinco, em que Jung (2016) explica que a figura feminina é associada com características do inconsciente coletivo, ou seja, a “natureza feminina” tem origem nos arquétipos onde a fragilidade da princesa é um dos exemplos. E a própria “mística feminina”, abordada no quarto capítulo por Friedan (1971), que diz que para os norte-americanos a “essência” da mulher seria o dever de ser esposa e mãe ajuda a “compor o quadro”.

Desse modo, pode-se considerar que, nas fábulas que são contadas às crianças, a princesa sempre precisa de um príncipe para resgatá-la; ela não tem autonomia por si só, para fazer as coisas. Ela fica em casa, aguardando ser salva. Ou seja, o “príncipe” destemido e corajoso tem qualificação e força necessárias para praticar esportes, enquanto a “princesa”, frágil e delicada demais, não deve conseguir tal feito. Adichie (2019), também no capítulo quatro sobre o feminismo, compara inclusive os brinquedos para crianças. De acordo com a autora, já há uma divisão, pois os brinquedos para meninos costumam ser “ativos”, como trens e carrinhos; para as meninas, em geral, são “passivos”, e em sua grande maioria,

bonecas. Isso retoma tanto o que Friedan (1971) aborda sobre o que se espera da mulher (ser mãe), como se relaciona com a ideia da princesa.

Quando a mulher consegue agir, ou nesse caso, jogar futebol, esse fato é banalizado, visto como “palhaçada”, como explorado no capítulo quatro sobre o feminismo, em que, depois da liberação para que as mulheres pudessem jogar futebol, colocaram-se regras para diminuir o peso da bola, o tempo jogado e o tamanho do campo, reforçando que o que as mulheres praticavam não era o considerado como o “verdadeiro futebol”.

No recorte quatro aparecem as jogadoras com os uniformes, e em uma imagem de arquivo, a jogadora limpa sua chuteira, o que não seria algo surpreendente, se os jogadores fizessem o mesmo. O que retorna ao padrão de mulher estabelecido, da mulher como dona-de-casa, mencionado por Friedan (1971). A partir dessa concepção, torna-se natural a atleta limpar sua chuteira, quando os atletas homens não precisam fazer isso.

Considera-se, por meio desta análise, que houve coerência ao abordar o tema. A matéria tem profundidade, como apontado por Coelho (2004), que é o que faz com que diversos públicos se interessem por esporte. E atende as características do Infotainment, com apenas ressalvas apontadas no decorrer desta análise. As imagens complementam o texto, levando em conta a construção de notícia em televisão, de acordo com Curado (2002). É coerente, inclusive, com o preconceito arraigado culturalmente.

### 6.2.2 ANÁLISE DO RECORTE DO PROGRAMA HORA UM

O programa Hora um da notícia também é exibido pela Rede Globo, diariamente. Era apresentado pela jornalista Monalisa Perrone até 2019 e agora é apresentado pelo jornalista Roberto Kovalick. O jornalista esportivo da matéria decupada é Cassio Barco; porém, na ocasião, estava cobrindo as férias do jornalista Thiago Oliveira. E a repórter correspondente é Mariana Becker.

Os apresentadores do Hora um também utilizam a linguagem informal e os termos como “né”, “tava”, “vamo”. Mas, nesse programa, a linguagem informal é usada de forma mais acentuada. Até mesmo em um momento em que o jornalista utiliza uma música brasileira, um funk, como referencial para se referir à jogadora Marta. Será que ela gosta de funk? Ou isso também é um conceito arraigado

culturalmente; ou seja, o funk é ligado às camadas marginalizadas da sociedade, economicamente falando?

A interação entre os dois apresentadores é bastante descontraída e enquadramento dos apresentadores é o plano americano. Eles têm scripts em suas mãos, com o texto que pretendem falar. Não parecem estar utilizando o teleprompter, apenas os scripts estão conduzindo o programa. Conforme explica Souza (2015), no terceiro capítulo a respeito da televisão, cada programa tem um roteiro, tem uma performance esperada e isso é o formato.

Já no início da matéria, o jornalista Cassio refere-se à Marta como “rainha”, e ao longo da chamada para a reportagem, a apresentadora Monalisa destaca a beleza de Marta no evento, o seu vestido, as joias: “Marta maravilhosa”. Quando, conforme a decupagem, o jornalista utiliza o termo “rainha” e Monalisa ressalta a sua beleza, pensa-se no arquétipo da rainha, de Jung (2016), caracterizado no quinto capítulo. Ao utilizar essa narrativa, os jornalistas reforçam o arquétipo e o “colam” à Marta.

No momento em que Cassio fala que Marta estava “glamourosa, rainha do funk, poderosa,” e comenta sobre a “elegância” da repórter correspondente Mariana Becker, antes de ela passar as informações da matéria, pode parecer um comentário inocente. Porém, esse arquétipo vem mascarado de “elogio”; ele é supostamente inofensivo, mas coloca a figura da mulher como um objeto, inalcançável. Parece o maior elogio de todos, busca-se empoderar a mulher, enfatizando o preconceito. Isso reafirma também o arquétipo da princesa, linda e encantadora com seu vestido. A repórter Mariana Becker informa que Marta ganhou o prêmio de seis vezes Melhor Jogadora do Mundo e, quando volta para o estúdio, o comentário da apresentadora para o seu colega é sobre como a Marta estava linda. A própria mulher apresentadora “entra na onda” e não percebe o quanto sua fala é problemática.

Relembrando Dorfman (2003), no capítulo quatro, quando o autor diz que nos Jogos Olímpicos, em Atenas, as mulheres eram vistas como o “belo sexo”, isso faz pensar a respeito da construção do imaginário apresentado por Machado (2003). Na época do Renascimento, as mulheres eram julgadas apenas pela beleza que possuíam e no século XXI, aparentemente, ainda o são.

Em nenhum momento da matéria e da cabeça de reportagem foi destacada a qualidade da Marta como atleta, a trajetória da jogadora durante o ano, que foi o que a fez chegar ao prêmio; nada foi contextualizado. Isso se relaciona com o que

Barbeiro e Rangel (2016) criticam, apresentado no capítulo dois sobre o jornalismo esportivo ser muitas vezes, só factual, sem aprofundamento, deixando a matéria, de acordo com os autores, “fria”. E, ao colocar a mulher como um objeto, retorna-se ao que foi abordado no quarto capítulo, onde Adichie (2019) destaca como a mulher é retratada do jeito que deve ser perante a sociedade, ao invés de ser retratada como de fato é. Nesse caso, Marta, como uma atleta do futebol.

O jornalista Cassio, em seu discurso, diz que Marta ofuscou Cristiano Ronaldo e Messi. Ao pretender elogiar, reforça a teoria de Beauvoir (2009), que caracteriza como a sociedade enxerga a mulher, ou o sexo feminino como algo negativo. Então, mesmo que pareça um comentário positivo, coloca a mulher como o lado negativo em relação aos homens; que, de acordo com a autora, são vistos sempre como seres positivos.

Entende-se a partir dessa análise, que o programa foi bastante superficial; que o discurso jornalístico foi um tanto infeliz por reforçar o arquétipo da rainha e da princesa. Além disso, o desenvolvimento da matéria não tem profundidade, ao informar a conquista da jogadora Marta, mas dedicou-se apenas ao entretenimento, enfatizando somente a beleza do evento e da jogadora. Informação zero. Llosa (2016) fala sobre o futebol ser apresentado como um espetáculo de massificação e frivolidades, pois pouco agrega ao conteúdo dito.

### 6.2.3 ANÁLISE DOS RECORTES DO NO MUNDO DA BOLA

O programa No mundo da bola é exibido pela TV Brasil e apresentado por Sergio du Bocage, com dois comentaristas fixos: os jornalistas Márcio Guedes, que participa da matéria decupada e Alberto Léo. Além disso, o programa de debate esportivo também conta com convidados. No bate-papo decupado, os convidados são o jornalista Toninho Nascimento e o técnico de futebol, René Simões.

Por se tratar de um bate-papo, a linguagem utilizada é bastante informal e característica dos programas de rádio de mesa redonda. Durante as falas dos convidados, o apresentador interrompe normalmente, o que geralmente acontece nos programas esportivos de rádio; porém, na televisão, parece um tanto desrespeitoso. Talvez o seja no rádio também. Como abordado no terceiro capítulo, sobre a TV, o primeiro programa de mesa-redonda exibido na televisão foi em 1953. Desde então, a televisão não mudou quase nada a linguagem herdada pelo rádio para programas

desse gênero. Os enquadramentos não têm uma grande variedade, indo de meio primeiro plano para o primeiríssimo plano, quando enfatiza alguém que está falando. No programa, são utilizadas expressões como "né", "vamo" e inclusive a postura, tanto do apresentador como dos jornalistas, é de descontração, com risadas em tom de deboche e ironias.

O primeiro ponto a destacar não é especificamente um recorte, mas o programa completo, pois o tema em debate é: "O futuro do futebol feminino". Não há nenhuma participante convidada para representar o gênero. O que, novamente, leva ao que Coelho (2004), no capítulo dois, menciona sobre não existirem tantas mulheres jornalistas falando sobre futebol por (parecerem ) não entender de esporte, mas 16 anos após a publicação do livro, as mulheres ainda não são vistas nos programas e nem consultadas sobre aspectos ligados a seu próprio gênero.

Lembrando do capítulo dois, sobre o jornalismo e o papel social do jornalista, Barbeiro e Rangel (2006) reforçam a importância de fugir do trivial para aprofundar o conteúdo. Bacellar e Bistane (2005) também abordam que jornalismo é discorrer sobre o que tem relevância pública. Portanto, não seria mais adequado convidar uma mulher, seja atleta ou jornalista para ganhar em representatividade e identificação com o público? Historicamente, as mulheres não são levadas a sério nesse meio, mas isso não pode servir como desculpa aos jornalistas.

Faz-se relação com o já mencionado no capítulo quatro, sobre o feminismo: o patriarcado é a construção social onde os homens detêm poder sobre as mulheres; nesse caso, sobre o conhecimento do esporte. Adichie (2019) considera que tanto a mulher quanto o homem têm capacidade de ser inteligentes, inovadores e criativos, de modo que o mesmo conhecimento que um homem pode ter sobre futebol, uma técnica ou jornalista esportiva também pode ter.

O primeiro recorte destaca a apresentação. Inicia-se questionando a declaração que a jogadora Marta fez após a eliminação da Seleção Brasileira na Copa, na França. A jogadora diz que é para ter orgulho do que elas conseguiram realizar na Copa, mesmo que tenham sido eliminadas, e o jornalista pergunta ao convidado René, se deveria ter orgulho mesmo. Ou seja, pergunta-se ao homem para validar a opinião da mulher. Pode-se ponderar sobre as consequências que essa dúvida utilizada na narrativa do jornalista contém, pois diminui a importância das conquistas das atletas que, pela primeira vez, tiveram cobertura em TV aberta.

No segundo recorte, o apresentador passa a palavra para o jornalista Toninho e, ao fazer isso, diz “risquei o pavio”. Com gestos, imita o de acionar uma bomba. Esse discurso falado e representado deixa um questionamento sobre o que seria a “bomba”: o assunto futebol feminino? A Seleção? Ou o futuro da Seleção? De qualquer modo, a “bomba” é algo que está para explodir, ou seja, não é relacionado a algo positivo ou bom, como diz Beauvoir (2009), quando fala sobre o feminino ser associado sempre à negatividade.

Além disso, em um trecho da narrativa do jornalista Toninho, ele explica o que a Marta falou, o que no feminismo tem um termo, chamado de *mansplaining*<sup>44</sup>, que é quando um homem explica o que a mulher já disse de uma forma simples, como se ela não soubesse, ou não tivesse se expressado de forma clara.

Quando, no terceiro recorte da decupagem, o jornalista ressalta e repete que as jogadoras precisam ter desempenho de atletas, fala de forma irônica sobre o “show” de futebol feminino; ou diz que elas são sempre “heroínas, maravilhosas”, o que fica subentendido é que as jogadoras da Seleção não são profissionais, não jogam bem; são, ao contrário do que ele diz, nada heroínas, nada maravilhosas. Inclusive, diz que quando não tinham estrutura para jogar, elas “choravam” e que agora que têm apoio e estrutura, tinham que “se mexer”. Isso pode ser relacionado com o que o Dorfman (2003) fala no capítulo quatro, sobre as mulheres serem vistas como o “sexo frágil”. E o “choro”, nesse caso, é visto como uma fragilidade feminina e algo até natural. Mulheres não protestam, não argumentam; elas choram.

Mais tarde, ele faz uma pergunta ao técnico René, questionando de maneira irônica, caso ele fosse treinar a Seleção Brasileira, se o time formado por ele também dependeria só de Marta, Cristiane e Formiga, o que leva a refletir se o jornalista acredita que somente essas jogadoras têm potencial na Seleção. No momento em que ele faz essa pergunta, todos, exceto René, começam a sorrir em tom de deboche, o que reforça a ideia de que o futebol feminino não é levado a sério, como explicado no capítulo quatro, sobre o feminismo.

Ao concluir essa análise, pode-se perceber que apesar das mulheres conquistarem espaços, ainda precisam lutar contra o imaginário coletivo de que elas não são capazes de jogar futebol de forma profissional. E que os programas esportivos, conforme abordado no capítulo dois, sobre o papel do jornalismo e do

---

<sup>44</sup> *Mansplaining*. Disponível em: <https://superela.com/mansplaining-termos-machistas> Acesso em: 24 jul. 2020.

jornalista por Barbeiro e Simons (2019), a atividade realizada pelo jornalista é social. Mas, ao contrário disso, esses jornalistas riem das mulheres, quando deveriam utilizar um discurso que não contribuísse com o preconceito.

#### 6.2.4 ANÁLISE DOS RECORTES DO BATE-PAPO ESPORTIVO

Bate-papo esportivo é um quadro que faz parte do programa Jornal da Globo, exibido diariamente. Na bancada, a apresentadora Renata Lo Depre e o comentarista esportivo, Caio Ribeiro. Os dois jornalistas têm boa desenvoltura e dicção e a linguagem utilizada é informal, de forma comedida. Algumas expressões utilizadas por eles são: “vamo” e “pro”. Além disso, o enquadramento é básico. Em quase todo o programa utiliza-se o plano aberto, por ser um quadro de informação rápido, sem muita profundidade.

Durante a chamada para falar sobre o prêmio de Marta, de Melhor Jogadora do Mundo, a apresentadora já utiliza o termo “rainha”. Problematizando o uso desse termo, vai-se ao contexto histórico. Entende-se que o “poder” da maioria das rainhas era apenas de moeda de troca entre reinos e de parideira dos herdeiros homens da Coroa.

Quando o comentarista Caio fala, há um excesso de elogios para a jogadora e, inclusive, a repetição de palavras positivas, como “orgulho”, em momentos em que destaca a premiação da Marta. Quando o jornalista se refere a ela como “maravilhosa, fantástica, um orgulho, super merecido”, essa ênfase nos adjetivos se relaciona com o que Jung (2016) apresenta como o arquétipo da heroína. O discurso do jornalista faz parecer que somente a heroína Marta pode jogar futebol qualificado. Há um certo espanto, um exagero, um endeusamento no momento de falar de uma mulher que conquistou tanto no esporte, o que faz parecer inacreditável que uma atleta consiga praticar futebol como a categoria masculina. O apresentador é o homem que também passa a imagem de “consciência sobre o *girl power*” e, nessa demonstração, cobre a mulher de elogios, mascarando a inferioridade social, política e econômica feminina.

Ele também a compara duas vezes com o jogador Pelé, considerado o “rei do futebol”, dizendo que Marta é considerada o “Pelé de saias” e o Pelé do futebol feminino. Essa comparação denota falta de autonomia quanto ao papel da mulher, ao associar a imagem da jogadora a de um jogador. Isso é recorrente. Parece que para

obter "respeito" ou para ser uma boa atleta, precisa-se ser comparada com um homem. O discurso permite refletir sobre como a imagem da mulher está relacionada e associada com a do homem. Caso não esteja, torna-se inválida. A sociedade precisa dessa comparação para validar que a mulher passa do "negativo" para o "positivo". Utilizando-se os arquétipos, já que Marta é uma "rainha", necessita de um "rei". A rainha, apesar de seu poder, também precisa da validação masculina.

Além de outra problematização: quando o comentarista fala "Pelé de saias", associa a figura da mulher com o padrão que é esperado pela sociedade de que a mulher use saia em suas vestimentas, porque saia seria uma roupa feminina. E logo adiante, quando fala dos melhores jogadores na categoria masculina, o jornalista não utiliza nenhum adjetivo, nenhum elogio, apenas relata as informações. Isso porque, culturalmente, de acordo com o imaginário coletivo abordado por Machado (2003) no capítulo três sobre o feminismo, se entende que homens jogam bem futebol. Por isso, não é preciso enfatizar o que já é positivo e aceito pela sociedade.

Ao concluir a análise deste quadro, pode-se perceber que quando a mulher é reconhecida no esporte, não consegue desassociar sua imagem com a de outro homem. E o endeusamento que é direcionado ao talento de Marta é simplesmente o resultado da cultura machista em que estamos inseridos.

De acordo com Marcondes Filho (2014), no segundo capítulo, o jornalismo diz respeito à relação do homem com o mundo e com as coisas, ou seja, se o discurso é de espanto quando uma mulher conquista algo e de neutralidade quando um homem o faz, as mulheres ficam com o arquétipo de heroínas e os homens detêm um talento natural. De modo que Marta, por suas conquistas, foi separada do restante das mulheres; ela é a exceção, como rainha, em posição de heroína do país, colocada em um lugar inalcançável, e não no lugar de atleta competente e esforçada.

#### 6.2.5 ANÁLISE DOS RECORTES DO GLOBO ESPORTE

O programa Globo Esporte RS, é exibido diariamente e apresentado por Alice Bastos Neves. A reportagem decupada foi realizada pelo repórter Leonardo Muller. Os dois jornalistas têm boa desenvoltura e dicção. A linguagem utilizada é informal e alguns termos utilizados pelos jornalistas são: "tô", "né" e "tava".

A matéria explora o fato de não haver figurinhas nas bancas que serviram como fontes e cenários para as reportagens, mas mostra que poucas pessoas estão

coleccionando. Apesar de o assunto ser o desconhecimento da existência do álbum de figurinhas da Copa do Mundo Feminina, não há contextualização. O formato do programa, como explica Souza (2015) no terceiro capítulo sobre a televisão, uniria duas categorias, informação e entretenimento, Dejavite (2006) define essa união com o conceito de Infotimento. Porém, nesse programa, a reportagem segue de forma superficial, apenas entretendo. E, repetindo o formato de matérias anteriores, não tem nenhuma sonora com as jogadoras da Seleção. Somente dois programas tiveram sonoras de mulheres: o programa Hora Um, em que a fala de Marta é curta e parece apenas cumprir roteiro e no programa Esporte Espetacular, em que as sonoras são relevantes para contextualizar a história da mulher no esporte. E só.

O repórter enfatiza o "sucesso" que o álbum masculino faz em todas as Copas, diferente da pouca popularidade do álbum feminino. É inserido um arquivo de matéria feita com um jogador que não tinha figurinha. Então, o Globo Esporte criou uma figurinha dele. Reafirma-se o que Coelho (2004) fala sobre a paixão nacional pelo futebol e o empenho do programa em captar a atenção e a adesão dos telespectadores. Além disso, se as pessoas não conhecem o álbum de figurinhas da Seleção Feminina, será que é por que o próprio programa não aborda com mais frequência e aprofundamento o futebol feminino?

Os enquadramentos utilizados durante a reportagem são variados, o que dá dinâmica e movimento à matéria; porém, as inúmeras sonoras feitas não resultaram em um conteúdo informativo. Quando Barbeiro e Simons (2019) dizem que a atividade jornalística é social, nesta reportagem aparece apenas o trivial.

Ou seja, em contraponto à deficiência de representantes da Seleção, Feminina, o repórter menciona o álbum masculino, e inclusive encaixa uma reportagem do ano anterior com sonora de jogador que não agrega em nada à reportagem e parece estar deslocada de contexto. Isso apenas ressalta o motivo de as pessoas conhecerem o álbum masculino e o feminino não, contribuindo para o imaginário coletivo de que certo é o homem jogar, e que o apoio é para o esporte masculino. Relaciona-se essa reflexão ao que Thompson (1998) fala sobre herança cultural, mas ressalta-se que a cultura é um corpo dinâmico, que deve evoluir. Desse modo, a evolução pode aparecer a partir da própria narrativa dos jornalistas. Mendonça (2008), no capítulo dois, sobre o jornalismo, diz que é função dos jornalistas mostrar todos os ângulos de um tema, para comunicá-lo da melhor maneira possível.

Ao concluir a análise deste programa decupado, pode-se perceber que sempre há uma tendência de relacionar o esporte praticado pelas mulheres com o futebol praticado pelos homens. E sempre há perda para as mulheres na comparação. Mesmo que não se encaixe no contexto. Além disso, essa falta de representatividade no esporte gera a reflexão: se o futebol, de acordo com Coelho (2004), é uma paixão nacional, o futebol praticado pelas mulheres ainda não é. O quanto desse fato é ocasionado pela abordagem jornalística pode e deve continuar sendo discutido.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O feminismo é um movimento que tem como propósito a igualdade entre homens e mulheres. Os debates e estudos sobre as questões de gênero acontecem cada vez mais, principalmente com o aumento da utilização das redes sociais.

Sendo assim, resolveu-se abordar como tema para esta monografia o discurso jornalístico sobre as mulheres no esporte, retratado a partir da carreira da jogadora de futebol, Marta. Após os capítulos que foram apresentados, este trabalho de pesquisa chega às considerações finais. Neste último capítulo, vão ser consideradas as hipóteses e os objetivos que foram estabelecidos anteriormente e que estão, também, na introdução desta monografia.

A primeira hipótese afirma que a mulher tem espaços em programas esportivos da televisão apenas para manter a aparência de igualdade de gênero. A afirmação se refere à mulher que é atleta esportiva ou que comenta futebol, sendo atleta ou ex-atleta. Esta hipótese é confirmada, pois de acordo com o que foi apresentado no capítulo três, que explora a história da televisão, não era comum às mulheres participarem de esportes, em especial, de futebol. E como visto na decupagem da matéria “O futuro do futebol feminino”, em que não há uma mulher para debater junto à mesa-redonda completamente masculina, isso continua acontecendo. Ou seja, o espaço que foi “dedicado” às mulheres, nem sequer cogitou a possibilidade de representatividade, tirando o lugar de fala daquelas que praticam esportes ou comentam sobre eles.

Em outra reportagem, “Figurinhas da Copa de Futebol Feminino estão esgotadas nas bancas”, se observa que o tema é futebol feminino, porém, não há profundidade. Para além disso, ressalta-se que durante a reportagem, entra uma entrevista sobre o álbum de futebol masculino do ano anterior, mas em nenhum momento entram sonoras de jogadoras da seleção. Enfatiza-se a preferência pelo futebol masculino, tirando a oportunidade que as jogadoras poderiam ter de falar sobre esporte e sobre a Copa que estava para começar.

Outra hipótese levantada diz respeito ao “endeusamento”, enquanto forma de discurso, que é usado para se referir ao desempenho das mulheres no futebol, e que isso apenas comprovaria a desigualdade de gênero e o machismo da sociedade. Esta hipótese se confirma a partir do capítulo cinco, em que fala-se sobre a carreira de Marta e também se faz relação com os arquétipos. De acordo com a teoria que

aborda os arquétipos femininos, as mulheres são observadas e julgadas a partir de alguns pré-conceitos, que são reproduzidos há gerações. E, por isso, Marta é considerada a “rainha do futebol”, “uma heroína”, pela mídia - pelo menos nos programas analisados.

Esses pré-conceitos ficam evidentes também, na quarta matéria: “Recorde de Marta, Seleção da FIFA e disputa acirrada no Brasileirão”, em que o jornalista utiliza termos como “rainha” e “maravilhosa”, entre outros “elogios” de exaltação, ao passo que quando ele se refere aos homens, não utiliza nenhum adjetivo. Sendo assim, o machismo, que é uma consequência da cultura em que estamos inseridos, considera a mulher “comum” como incapaz de alcançar os mesmos feitos que a jogadora Marta.

A terceira hipótese afirma que a mulher pode praticar e falar sobre futebol, desde que tenha um especialista homem para confirmar o que ela faz ou diz. Esta hipótese é confirmada com base, especialmente, no capítulo sobre o feminismo, que apresentou a condição da mulher no esporte, retratada como o “sexo frágil” e, portanto, com “permissão” apenas para praticar esportes não considerados “brutos” demais. Quando, no Brasil, o futebol feminino deixou de ser proibido, foram estabelecidas regras e condições para que as mulheres pudessem praticar o esporte. Essa “aprovação” masculina aparece na reportagem “o futuro do futebol feminino”, em que o apresentador questiona a declaração que Marta concedeu no final do jogo.

E volta a aparecer em outro momento da mesma matéria, quando o jornalista Toninho Nascimento explica o que Marta quis dizer, ou seja, ele sabe melhor do que a própria jogadora o que ela desejava falar. Ainda, no bate-papo esportivo “Recorde de Marta, Seleção da FIFA e disputa acirrada no Brasileirão”, o comentarista Caio Ribeiro aprova, ou seja, valida o desempenho da jogadora e depois complementa, comparando seu talento ao de Pelé. Provavelmente, pensava estar elogiando-a “no mais alto grau”.

Outra hipótese que foi levantada é de que as mulheres estão quebrando tabus no meio esportivo, mesmo que aos poucos, lentamente, ao longo da história. Esta hipótese, durante o desenvolvimento da monografia, se confirma, pois, como visto a partir do capítulo sobre o feminismo, as lutas por direitos deram a força que as mulheres precisavam para entrar no esporte. E isso também como jornalistas.

Mesmo que, por diversas vezes, o comportamento da sociedade sugerisse que o esporte não era lugar para mulher, elas estão conquistando seu espaço. Seja

com a primeira árbitra a apitar jogos do Grêmio, em 2019, ou quando os times masculinos passaram a ter equipes femininas, também em 2019. E isso se vê na própria luta contra o machismo, quando em situações de machismo explícito, as mulheres se unem em marchas, movimentos virtuais de apoio e sororidade. Consegue-se observar “uma certa” evolução sobre a consciência a respeito da problemática de gênero no esporte durante a primeira reportagem, que contextualiza a história do futebol feminino, os desafios que as esportistas enfrentaram e a valorização da opinião das jogadoras.

A quinta e última hipótese é de que os movimentos feministas contribuem para que as mulheres conquistem espaços, e na área do jornalismo esportivo também houve resultados favoráveis. Esta hipótese se confirma, porque os movimentos feministas, como abordado no capítulo dedicado ao feminismo, estão legitimando esta causa e problematizando o lugar e o querer da mulher.

Elas conquistaram sim, respeito para poderem jogar como atletas. Porém, em situações como a da segunda matéria decupada, em que a mulher é vista como objeto de beleza, retomando aos tempos da Grécia, e em reportagens como “O futuro do futebol feminino”, em que o apresentador e os jornalistas claramente debocham da atuação da Seleção Feminina, esses exemplos deixam claro que o machismo ainda existe no esporte, e que as mulheres ainda parecem ser retratadas pelos jornalistas de uma forma que se relaciona com o que foi dito no capítulo quatro, sobre o feminismo: a partir da ideia de que as mulheres não podem e nem devem jogar futebol, fugindo ao que é abordado no capítulo dois, sobre o jornalismo ter responsabilidade social.

O objetivo geral destinado a este trabalho de pesquisa foi analisar o discurso utilizado pelos programas esportivos de televisão no que se refere à igualdade de gênero, a partir da carreira da jogadora de futebol, Marta. Considerando que foi estudado o discurso em vários programas, o objetivo geral pode-se considerar alcançado.

Quanto aos objetivos específicos que foram definidos, o primeiro é o de compreender a narrativa televisual. Pode ser considerado como parcialmente alcançado, pois o terceiro capítulo foi dedicado a contextualizar a história da televisão. Mas as discussões em torno do discurso televisual podem ser mais ampliadas, levando em consideração que a maneira de comunicar ainda está em

processo de evolução. Como ocorreu neste momento da pandemia<sup>45</sup>, em 2020, em que os meios de comunicação, em especial a TV, precisaram se adaptar às condições de isolamento e distanciamento social para continuar comunicando.

Sobre o propósito de compreender historicamente e caracterizar o jornalismo esportivo, este pode ser considerado alcançado, já que no capítulo dois, além de explorar a história e o papel do jornalista em geral, também foi contextualizado historicamente o jornalismo esportivo e a sua relação com a linguagem do espetáculo.

Outro objetivo elaborado foi perceber, a partir do movimento feminista, o que se considera machismo no esporte. Este objetivo foi alcançado, pois no capítulo sobre o feminismo foi abordada a história do movimento, exemplificando situações de machismo patriarcal no meio esportivo e sobre o modo como as mulheres são vistas e julgadas no esporte.

Quanto ao objetivo de entender o conceito de cultura e de que forma o preconceito de gênero se inclui no processo, este é alcançado a partir do capítulo sobre o feminismo, em que é explanado o conceito de cultura, bem como discorre-se sobre como as questões culturais são reproduzidas, no contexto da herança cultural. E no capítulo cinco, sobre a jogadora Marta, mostra-se que os arquétipos são a consequência das crenças culturais, ou seja, o preconceito é uma herança e uma crença cultural.

Foi possível analisar o discurso jornalístico no esporte para entender se as mulheres são tratadas com igualdade em relação aos homens. E pode-se considerar que este objetivo foi alcançado, pois no capítulo da metodologia, especialmente a partir dos objetos de estudos, mostra-se a narrativa utilizada pelos jornalistas nos programas televisivos.

O último objetivo foi compreender a contribuição do feminismo para o processo de inserção das mulheres no esporte, em especial no futebol. De acordo com o desenvolvimento da monografia, este objetivo pode ser considerado alcançado, já que no capítulo sobre o feminismo, exploram-se as conquistas do movimento. Além disso, o capítulo cinco, a respeito da jogadora Marta, também

---

<sup>45</sup> A pandemia causada pelo COVID-19 é uma doença originada pelo coronavírus, que causa infecção respiratória. Esta doença afetou o mundo inteiro e é transmitida pelo contato próximo; portanto, uma das formas de prevenção adotada é o distanciamento social, além da higienização das mãos e o uso de máscara. Com o distanciamento social necessário, vários setores, da indústria, do comércio e de prestação de serviços fecharam, o que fez com que muitas pessoas ficassem em casa, em quarentena. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca> Acesso em: 03 jul. 2020.

mostra a trajetória da menina que fugia para jogar bola na rua, para seis vezes Melhor Jogadora de Futebol Feminino do mundo e embaixadora da ONU Mulheres para a igualdade de gênero no esporte.

Para o estudo desta pesquisa, foi estabelecida a seguinte questão norteadora: “como o discurso utilizado pelos programas esportivos da televisão expõe as questões de gênero, a partir da jogadora de futebol, Marta?” Com o desenvolvimento da pesquisa, foi possível observar que o discurso ainda pode e deve evoluir em direção a uma discussão e consciência mais amplas em relação à questão da igualdade entre gêneros.

Além disso, ao analisar as matérias com base nos capítulos que serviram como contexto e base, pode-se perceber uma melhoria em relação à presença da mulher no esporte. Agora há mais incentivos, como o Brasileirão formando times femininos. Mas, ao mesmo tempo, levanta-se o questionamento a respeito do papel dos jornalistas: quando falam sobre a mulher no esporte e continuam julgando-a pela beleza e comparando-a ao homem em termos de desempenho e consideração. Por isso, a luta contra o machismo precisa continuar.

Reitera-se o que foi dito na introdução sobre a importância desta pesquisa, já que foi possível perceber que ainda há uma longa caminhada a percorrer para conquistar os direitos de igualdade de gênero no esporte. A monografia também proporcionou uma visão sobre o papel social desempenhado pelo jornalista, que, no jornalismo esportivo, vem sendo feito de uma forma que reforça o preconceito, pelo menos no que se refere aos recortes estudados. É necessário que os jornalistas compreendam a profundidade das questões de gênero e para que esta compreensão exista, é preciso debater nas universidades e na mídia sobre o papel da mulher.

Cabe aos jornalistas, bem como à sociedade em si, prestarem atenção aos discursos reproduzidos de modo que não alimentem e nem propaguem mensagens de preconceito. Reproduzir discursos preconceituosos não é praticar jornalismo.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. **Para educar crianças feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- \_\_\_\_\_. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2004.
- BUITONI, Dulcília. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1990.
- COELHO, Paulo. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CURADO, Olga. **A notícia na TV**. São Paulo: Alegro, 2002.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DORFMAN, Jorge. **A mulher brasileira e o esporte**: seu corpo, sua história. São Paulo: Mackenzie, 2003.
- DUARTE, Elizabeth; CASTRO, Maria. **Televisão entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Sulina, 2006
- DEJAVITE, Fabia Angélica. **INFOTenimento**: Informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.
- FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo:Contexto, 2003.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2013.
- LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.
- MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.
- MACHADO, Juremir. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003
- MARCONDES Filho, Ciro. **Para entender a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2014.

\_\_\_\_\_. **Ser jornalista:** O desafio das tecnologias e o fim das ilusões. São Paulo: Paulus, 2009.

\_\_\_\_\_. **Televisão.** São Paulo: Scipione, 1994.

\_\_\_\_\_. **Televisão:** a vida pelo vídeo. São Paulo: Moderna, 1988.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira:** uma visão econômica, social e política. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV:** Manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano:** da Cultura das Mídias à Cibercultura. São Palo: Paulus, 2003.

THOMPSON, Palmer. **Costumes em Comum:** estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

## E-BOOKS

AMOSSY, Ruth. **A argumentação do discurso.** São Paulo: Contexto, 2018. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/158453/pdf/1>. Acesso em: 10 dez. 2019

BARBEIRO, Heródoto; SIMONS, Udo. **Jornalismo para leigos.** Rio de Janeiro: Alta Books, 2019. Disponível em: <https://play.google.com/store/books/details?id=9rmxDwAAQBAJ> Acesso em: 10 mar. 2020

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo.** São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1574/pdf/1> Acesso em: 10 mar. 2020.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-o-segundo-sexo-simone-de-beauvoir-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> Acesso em: 25 mar. 2020.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classes no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2015. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-feminismo-e-consciencia-de-classes-no-brasil-mirla-cisne-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> Acesso em: 25 mar. 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Boitempo, 2016. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-mulheres-raca-e-classe-angela-davis-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> Acesso em: 10 abr. 2020.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Vozes, 1971. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-mistica-feminina-betty-friedan-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> Acesso em: 10 abr. 2020

GIL, Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** – São Paulo: Atlas, 2018. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597012934/cfi/6/24!/4/68/4@0:0>. Acesso em: 25 nov. 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-cultura-da-convergencia-henry-jenkins-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> Acesso em: 20 mar. 2020.

JUNG, Carl. **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. São Paulo: Vozes, 2016 . Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/158599/epub/0?code=jwSSGA4Sk/9I2rVZVYZkC93rsDXydJIg1PGNa2FKIzfEsl9rxhujmvDpJnytl3AJPT5NmVL2nHsAOADaP4Vmdg> Acesso em: 20 mar. 2020

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Disponível em: <http://lelivros.love/book/download-a-civilizacao-do-espetaculo-mario-vargas-llosa-em-epub-mobi-e-pdf/> Acesso em: 05 abr. 2020.

MENDONÇA, Thaís. **Manual do Foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Loader/1578/epub> Acesso em: 20 abr. 2020

SOUZA, Aronchi. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2015. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/42289/epub>. Acesso em: 29 out. 2019.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo: relatos de uma paixão**. São Paulo Saraiva: 2009. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502117341> Acesso em: 15 mar. 2020.

## MONOGRAFIAS E DISSERTAÇÕES

NUNES, Marina Lima. **Gilmore girls: o feminismo na série a partir de suas personagens centrais**. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade de Caxias do Sul, Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, Caxias do Sul, 2018.

PANIZZON, Priscilla Breda. **A mulher tpm: a representação da mulher brasileira contemporânea pelas páginas da revista TPM**. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade de Caxias do Sul, Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, Caxias do Sul, 2016.

SPIGOLON, Juliane. **A presença feminina em programas esportivos de televisão**. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade de Caxias do Sul. Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, Caxias do Sul, 2018.

## SITES E REVISTAS

HUFF POST BRASIL. **Carreira de Marta samba enredo**. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/marta-inocentes-belford-roxo\\_br\\_5e530bab5b6a4525dbced18](https://www.huffpostbrasil.com/entry/marta-inocentes-belford-roxo_br_5e530bab5b6a4525dbced18) Acesso em: 14 mai. 2020.

CAPITAL, CARTA. **Globo transmite pela primeira vez Copa do Mundo de Futebol Feminino**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/globo-transmite-pela-primeira-vez-copa-do-mundo-de-futebol-feminino/> Acesso em: 27 mar. 2020.

CASA DOS FOCAS. **Teleprompter**. Disponível em: <http://www.casadosfocas.com.br/o-que-e-e-como-funciona-o-teleprompter/> Acesso em: 25 jun. 2020.

E BIOGRAFIA. **Marta**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/marta/> Acesso em: 10 mai. 2020.

ELER, Guilherme. **Super Interessante**, 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-vez-do-futebol-feminino/> Acesso em: 01 mar. 2020.

ÉPOCA, GLOBO. **Mexeu com uma mexeu com todas**. Disponível em: <https://epoca.globo.com/sociedade/noticia/2017/04/mexeu-com-uma-mexeu-com-todas.html> Acesso em: 30 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Tudo Sobre Marta**. Publicada em 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tudosobre/noticia/2016/07/marta.html> Acesso em: 10 mai. 2020.

ESPORTE, GLOBO. **Marta como maior artilheira em Copa do Mundo**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/e-recorde-marta-supera-klose-ese-torna-a-maior-artilheira-em-copas-do-mundo.ghtml> Acesso em: 13 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. **Marta conquista pela sexta vez o título de melhor jogadora de futebol do mundo**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/fifa-the-best-marta-e-eleita-melhorjogadora-do-mundo.ghtml> Acesso em: 13 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. **“Deixa ela trabalhar”**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/deixaelatrabalhar-jornalistas->

lançam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml Acesso em: 28 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Marta eleita Melhor Jogadora do Mundo.** Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/fifa-the-best-marta-e-eleita-melhor-jogadora-do-mundo.ghtml> Acesso em: 26 mar. 2020.

ESPORTES, UOL. **“Intrusas” no gramado.** Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm> Acesso em: 30 mar. 2020.

ESPN. **Marta maior artilheira de Copas.** Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/563554\\_martasupera-pele-e-vira-a-maior-artilheira-da-historia-da-selecao](http://www.espn.com.br/noticia/563554_martasupera-pele-e-vira-a-maior-artilheira-da-historia-da-selecao) Acesso em: 12 mai. 2020.

EVANS, Claire L. **An Oral History of the First Cyberfeminists.** Motherboard Vice, 2014. Disponível em: [https://www.vice.com/en\\_us/article/z4mqa8/an-oral-history-of-the-first-cyberfeminists-vns-matrix](https://www.vice.com/en_us/article/z4mqa8/an-oral-history-of-the-first-cyberfeminists-vns-matrix) Acesso em: 27 mar. 2020.

EXTRA GLOBO. **Marta desabafa.** Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/marta-desabafa-faz-apelo-chorem-no-comeco-para-sorrir-no-fim23758800.html> Acesso em: 14 mai. 2020.

GALLARAGA, Naiara; PIRES, Breiller. **ELPAIS: Marta, a rainha do futebol.** Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/04/eps/1559648295\\_962249.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/04/eps/1559648295_962249.html) Acesso em: 11 mai. 2020.

GALVAO, PATRÍCIA. **Marcha das Vadias.** Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/diversas/mulheres-de-olho-antigo/04062011-mulheres-com-pouca-roupa-fazem-a-marcha-das-vadias-em-sp/> Acesso em: 01 abr. 2020.

GUIA DE CAXIAS. **Festa da Uva.** Disponível em: <https://www.guiadecaxiasdosul.com/agenda/pode-ir-tambem/2021-02-12%7C2021-02-28/festa-nacional-da-uva-caxias-do-sul-1184>. Acesso em: 28 abr. 2020.

IANONI, Marcus (2009). **Políticas públicas e Estado: O plano real.** Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-Acwssoem:64452009000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-Acwssoem:64452009000300009). 10 dez. 2019.

MAFFESOLI, Michael. **O imaginário é uma realidade.** Revista Famecos. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395#>. Acesso em: 30 abr. 2020.

MÁXIMO, J. (1999). **Memórias do futebol brasileiro**. Estudos Avançados. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9493> Acesso em: 29 out. 2019.

MENDONÇA, Renata. **2018 foi o ano das mulheres no jornalismo esportivo**. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/12/27/2018-foi-o-ano-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo/> Acesso em: 30 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Marta ganha em um ano o que Borja recebe em três meses**. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/04/02/marta-ganha-em-1-ano-o-que-borja-recebe-em-3-meses-o-que-explica/> Acesso em: 14 mai. 2020.

ONU, Mulheres. **Marta embaixadora da ONU Mulheres**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onumulheres-anuncia-jogadora-marta-como-embaixadora-global-da-boa-vontade/> Acesso em: 10 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. **Marta aparece em sétimo lugar em lista da ONU Mulheres**. Disponível em: <https://avozdacidade.com/wp/onu-mulheres-poe-marta-vieira-da-silva-entresuas-15-personalidades-em-2019/> Acesso em: 10 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. **Mulheres e meninas no esporte**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/artigo-mulheres-e-meninas-no-esporte-podem-mudar-o-jogo-global/> Acesso em: 13 mai. 2020.

O SUICIDARIO. **Emily Davison**. Disponível em: <http://osuicidario.blogspot.com/2012/05/suicida-homenageada-do-dia-emily.html>. Acesso em: 29 mar. 2020

PLANALTO. **Constituição de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 26 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **Sororidade**. Disponível em: <https://plan.org.br/o-que-e-sororidade/> Acesso em: 28 mar. 2020.

PORTCOM. **Internert**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5be0d57f5fde664d948d9c2cbc80b619.PDF> Acesso em: 23 nov. 2019.

PRIMEIRO FILME. **Enquadramentos e ângulos**. Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>. Acesso em: 31 mai. 2020.

QG FEMINISTA. **Patriarcado**. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/teorias-do-patriarcado-7314938c59b> Acesso em: 01 abr. 2020.

RUBRONEGRO, MUNDO. **Marilene Dabus**. Disponível em: <https://mundorubronegro.com/flamengo/moca-do-flamengo-marilene-dabus> Acesso em: 30 mar. 2020.

SANTOS. **Futebol feminino**: Santos. Matéria sobre as maiores conquistas do futebol feminino. Disponível em: <https://www.santosfc.com.br/en/futebol-feminino/> Acesso em: 11 mai. 2020.

SAÚDE. **COVID-19**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca> Acesso em: 03 jul. 2020.

SUPER ELA. **Mansplaining**. Disponível em: <https://superela.com/mansplaining-terminos-machistas> Acesso em: 24 jun. 2020.

TODA MATÉRIA. **Ditadura militar no Brasil**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/ditadura-militar-no-brasil/>. Acesso em: 27 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Iluminismo**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/iluminismo/> Acesso em: 30 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Renascimento**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/caracteristicas-do-renascimento/> Acesso em: 30 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **Revolução Francesa**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/revolucao-francesa> Acesso em: 29 mar. 2020.

TRUTH, SOJOURNER. **Ain't I a woman? In: SCHNEIR, Miriam. Feminism: the essential historical writings**. New York: Vintage Books, 1994. Disponível em: <http://www.historyisaweapon.com/defcon1/aintwomantruth.html>. Acesso em: 30 mar. 2020.

UNESCO. **Direitos Humanos**. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139423> Acesso em: 11 abr. 2020.

UOL. **Marta joga sem patrocínio**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/06/14/por-opcao-marta-joga-sem-patrocinio-esportivo-e-carrega-recado-em-chuteira.htm> Acesso em: 14 mai. 2020

ZH, GAUCHA. **Pela primeira vez na história mulher apitara um jogo do Grêmio**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/gremio/noticia/2019/10/pela-primeira-vez-na-historia-mulher-apitara-um-jogo-do-gremio-ck1javnom04e101r220xucypr.html> Acesso em: 26 mar. 2020.

## VÍDEOS

GLOBO PLAY. **Marta é eleita a Melhor Jogadora do Mundo pela sexta vez**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7041679/> Acesso em: 29 mai. 2020.

GLOBO PLAY. **Bate papo esportivo: recorde de Marta, seleção da Fifa e disputa acirrada no Brasileirão.** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7041639/> Acesso em: 29 mai. 2020.

YOUTUBE. **Figurinhas da Copa de Futebol Feminino.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d-suO6c8-tE&feature=youtu.be>. Acesso em: 28 ago. 2019.

YOUTUBE. **Museu do Futebol.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XNI4W7EaHYM> Acesso em: 15 mai. 2020.

YOUTUBE. **O futebol feminino no Brasil.** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7627105/>. Acesso em: 21 ago. 2019.

YOUTUBE. **O futuro do futebol feminino no Brasil.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4j6G9CO7K00&feature=youtu.be>. Acesso em: 28 ago. 2019.

## ANEXOS

Reportagens jornalísticas analisadas

## Anexo I

Referente à reportagem jornalística “Superando preconceitos e humilhações, o futebol feminino no Brasil resiste às vésperas de mais uma Copa do Mundo”. O programa tem duração de 12 minutos. Os trechos analisados constam abaixo:

Recorte 1 - de 0' até 27" disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/1zWwoSbnWjO8Slc6aFx1WgEUo\\_cryEFP1/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1zWwoSbnWjO8Slc6aFx1WgEUo_cryEFP1/view?usp=sharing)

Recorte 2 – de 1'25" até 2'22" disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1zfuivPoD8rce3MqL-JLZwdFL3Wmb0ZIs/view?usp=sharing>

Recorte 3 – de 03'23" até 04'30" disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1zheDZr32B7ut0z9sr8U-f-ZubOZvNFQ1/view?usp=sharing>

Recorte 4 – de 07'10" até 09'06" disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1zjXD39VG6WmhK1k6Ng4bFc9wNOyatkXs/view?usp=sharing>

## Anexo II

Referente à reportagem jornalística “Marta é eleita a melhor jogadora do mundo pela sexta vez”. A reportagem tem duração de 3’45”. Os trechos analisados constam abaixo:

Matéria completa disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/1zRfwml\\_sy5rXxexWnS\\_I3NdfWjGPLPvC/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1zRfwml_sy5rXxexWnS_I3NdfWjGPLPvC/view?usp=sharing)

## Anexo III

Referente à reportagem jornalística “Qual o futuro do futebol feminino no Brasil?” A reportagem tem duração de 16 minutos. Os trechos analisados constam abaixo:

Recorte 1- de 1’20” até 3’43” disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1IBFS8PEbrkV9fxx0OzAOzJaKzAFRCmX/view?usp=sharing>

Recorte 2 - de 8’20” até 9’41”:

<https://drive.google.com/file/d/1ebVxtoioxgBtt2YmxY2gWIJCJMOD9dJ/view?usp=sharing>

Recorte 3 – de 14’08” até 15’06”:

<https://drive.google.com/file/d/1IBFS8PEbrkV9fxx0OzAOzJaKzAFRCmX/view?usp=sharing>

## Anexo IV

Referente à reportagem jornalística “Recorde de Marta, Seleção da FIFA e disputa acirrada no Brasileirão”. O programa tem duração de 4’49”. O trecho analisado consta abaixo:

Recorte de 0’ até 3’41” disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/1zu6P1oMbIcWWSWdS1RO-5aW6tG3qk3\\_/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1zu6P1oMbIcWWSWdS1RO-5aW6tG3qk3_/view?usp=sharing)

## Anexo V

Referente à reportagem jornalística “Figurinhas da copa de futebol feminino estão esgotadas nas bancas”. A reportagem tem duração de 4’48”. O trecho analisado consta abaixo:

Recorte de 0’ até 04’21” disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1kR9bG37lvaUZjLFkkt7I2q1eZOIqCC68/view?usp=sharing>

## APÊNDICE

### PROJETO DE MONOGRAFIA I

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**EDNA MORGANA BRASIL DA SILVA**

**DRIBLANDO O MACHISMO: UM ESTUDO DO DISCURSO JORNALÍSTICO  
SOBRE AS MULHERES NO FUTEBOL**

**Caxias do Sul  
2019**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**EDNA MORGANA BRASIL DA SILVA**

**DRIBLANDO O MACHISMO: UM ESTUDO DO DISCURSO JORNALÍSTICO  
SOBRE AS MULHERES NO FUTEBOL**

Projeto de Trabalho de Conclusão de  
Curso apresentado como requisito para a  
aprovação na disciplina de Monografia I.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Marliva Vanti  
Gonçalves

**Caxias do Sul  
2019  
SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>99</b>
<b>2 TEMA</b> .....	<b>109</b>
<b>3 JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>109</b>
<b>4 QUESTÃO NORTEADORA</b> .....	<b>112</b>
<b>5 HIPÓTESES</b> .....	<b>112</b>
<b>6. OBJETIVOS</b> .....	<b>112</b>
6.1 OBJETIVO GERAL .....	112
6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	113
<b>7 METODOLOGIA</b> .....	<b>114</b>
<b>8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	<b>117</b>
<b>9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS</b> .....	<b>119</b>
<b>10 CRONOGRAMA</b> .....	<b>119</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>120</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido para este projeto de pesquisa, é a forma como o jornalismo esportivo contribui para a igualdade de gêneros, a partir da carreira da jogadora de futebol, Marta. A pesquisa com foco no audiovisual, pretende analisar o discurso utilizado pelos meios de comunicação de forma efetiva. Para entendimento do assunto explorado, alguns conceitos são necessários a fim de elucidar a compreensão.

Juarez Bahia (1990 p. 9) entende que jornalismo é “apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação”. Paternostro (1999) completa o conceito de jornalismo como uma das formas que o ser humano, em sua carência de comunicar, desenvolveu. “A necessidade de conhecimento levou o homem a um desafio: a conquista de meios mais eficientes para a propagação e o intercâmbio de informações” (PATERNOSTRO, 1999, p.19). Esse desafio começa por meio da conquista do público, através das palavras e no caso da televisão em especial, pelas imagens.

As imagens, segundo Marcondes Filho (1998), surgem desde a Pré-História, há mais de 40 mil anos, como uma forma do homem representar as coisas que almeja para si, utilizando elementos visuais. Para além dessa definição, as autoras Bacellar e Bistane (2008) afirmam que a imagem não é a realidade, mas sim uma representação do que é real. E a televisão, ao se fundamentar nela, torna o telespectador uma testemunha do que aconteceu.

Fundamentada nas imagens, a televisão surgiu no mundo, em meados de 1920 somente em preto e branco. Segundo Machado (2000), o sistema em cores, para o comércio, foi apresentado somente em 1966. De fato, a televisão só foi chegar ao Brasil em 1950, em 18 de setembro, 30 anos depois do seu surgimento, período esse, de crescimento industrial do país. Implementada pelo jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, a televisão brasileira, em seus primórdios, possuía um discurso muito parecido com o do rádio, isso porque ainda não havia desenvolvido uma linguagem própria. Inclusive, era completamente ao vivo.

Mas, diferente do rádio, que era o principal veículo de comunicação da época, a TV não requer descrição ou narração, a imagem precisa vir acompanhada de um texto que a complemente, e não a descreva, já que a interpretação sobre ela cabe ao telespectador, conforme explica Paternostro (1999). De certa forma, ela tem relação com o pertencimento. “A televisão, por sua vez é pensada como uma instituição social e agente mediador entre a sociedade e o receptor, a qual produz agregação social e cultural, dando às pessoas a sensação de fazerem parte de uma coletividade” (DUARTE; CASTRO, 2006, p. 33).

A TV brasileira passou por diversas fases ao longo dos anos. Marcondes Filho (1994) considera que a primeira fase da televisão ocorreu de 1950 até o final da década de 1970. Foi um período de descobertas e também de críticas à TV, que foram se desenvolvendo sobre o grande alcance que ela possuía e a influência que gerava. Três anos após seu surgimento, iniciou-se o jornalismo esportivo na televisão. Em 1953, na TV Record, houve a transmissão de uma “Mesa Redonda”, modelo utilizado nas rádios, até os dias de hoje, que foi adaptado para a televisão. A segunda fase, na visão de Mattos (1990), iniciou um pouco antes do que Marcondes Filho (1994) considera o final da primeira fase: 1964 até 1975, período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), que durou 21 anos. Essa fase ele chama de “Populista”, em que começaram a surgir os programas de auditório, também quando o poder militar controlava e cesurava os meios de comunicação.

Para afirmar a importância dessa década para a televisão, foi justamente em 1965 que ocorreu o surgimento das Organizações Globo, no Rio de Janeiro, empresa criada pelo jornalista Roberto Marinho e considerada, hoje, uma das maiores redes de televisão no mundo. No dia 1º de setembro de 1969, a Globo colocou no ar o Jornal Nacional, que até os dias de hoje é transmitido para todo o Brasil.

De 1975 a 1985 ocorre o que Mattos (1990) classifica como a terceira fase, denominada por ele como “Desenvolvimento Tecnológico”. E nessa fase que os militares começam a perder o poder. Já a quarta fase ocorreu entre 1985 até 1988.

Foi a “Fase de Transição e da Exploração Internacional”, um período de transição política e que foi marcado pela Constituição de 1988, que proibia a censura. Após estas quatro etapas, teve início a fase que Mattos (1990) define como “Fase da Multiplicidade da Oferta”, quando começaram as primeiras experiências da TV por assinatura, que de fato estava sendo comercializada em 1995. Considerada um avanço revolucionário para a televisão no Brasil, conforme Paternostro (1999), já que é a partir dela que os telespectadores puderam optar pelo que desejavam assistir. De acordo com isso, Mattos (1990) diz ainda que, de 1996 a 1998 ocorreu uma grande ascensão da televisão, pois muitas pessoas puderam adquirir aparelhos televisores devido ao Plano Real<sup>46</sup>.

Quase junto com a TV por assinatura também ocorreu a chegada da internet<sup>47</sup> ao país. Em 1988 houve um avanço na propagação de informações, e conseqüentemente, no jornalismo. “A internet, com notícias *online*, é uma aliada pois atualiza quem está na redação durante a produção do jornal” (BACELLAR; BISTANE, 2008, p. 48, grifo das autoras). A internet, revolucionou a televisão mais uma vez, e permite agora novas maneiras para o jornalístico. Isso leva à próxima fase da televisão definida por Mattos (2010) como a da Convergência e da Qualidade Digital.

Jenkins (2013, p. 30) traz a definição, ‘cultura da convergência’, que para o autor, é o caminho que as informações passam a ter a partir da internet. Segundo o autor, a convergência é a “transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos”. Ele defende a participação do público na produção de conteúdo, o que de certo modo, tira o telespectador do lugar de apenas receptor, para que interaja com as formas comunicativas nas diferentes plataformas.

Finalizando as fases da televisão brasileira iniciada em 2010, Mattos (2010) intitula esta, de Portabilidade, mobilidade e interatividade digital, que

---

<sup>46</sup> IANONI, Marcus (2009). Políticas públicas e Estado: O plano real. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452009000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452009000300009) Disponível em:

<sup>47</sup> A internet surgiu no Brasil em 1988, inicialmente para estudantes e funcionários de universidades e instituições de pesquisa. Em 1995 passou a ser disponibilizada para o público em geral. Em 1997 houve o início do processo de comercialização do acesso privado à Internet e o país passou a ter 150 mil usuários, o que representou um crescimento de três vezes o número de em relação ao ano de 1994. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5be0d57f5fde664d948d9c2cbc80b619.PDF>. Acesso em: 23/11/2019.

para ele, é um novo momento vivenciado pela televisão já que começam a surgir novas mídias.

De acordo com Marcondes Filho (1994, p. 8), o ser humano assiste a televisão como um costume antigo, em busca de respostas e principalmente, através das imagens, que são encantadoras e fazem ligação com outras realidades. Isso significa que a televisão trabalha com o poder do imaginário. Este é definido por Machado (2003) como uma construção social, que vai se modificando ao longo do tempo. Segundo ele, o imaginário, contrariando a lógica do senso comum, é algo concreto e está ligado à nossa realidade, totalmente relacionado com o nosso cotidiano. O autor entende que o imaginário é uma educação dos nossos sentidos, uma percepção, e é também por meio dele que o ser humano estabelece seus valores. Mas essa percepção não acontece de maneira racional, e sim, é uma forma instintiva de existir, seja individualmente ou em um grupo.

Desse modo, pode-se refletir que o imaginário é a sensação que a representação por meio da imagem causa em cada um; as imagens fazem uma ponte entre o real e o imaginário, reforçando uma ideia. “Demonstra que a TV não precisa inventar nada. Ela pode, apenas com a seleção de imagens reais, criar uma realidade mais forte do que a que de fato aconteceu” (ROSSI, 1980 p. 16).

Na televisão, essa realidade é apresentada através de um gênero, o telejornal. Souza (2015) compreende e explica que os programas são divididos em três conceitos, categoria, gênero e formato.

Segundo o autor, as categorias são divisões, ‘gavetas mentais’, do que é o programa, e o que deseja oferecer. Portanto, as categorias podem ser: entretenimento, informação, educação, publicidade e outros. É a partir da divisão de categoria, que o gênero do programa irá ser definido.

No caso do gênero, Souza (2015, p. 32) define como “conjunto de espécies que apresentam certo número de caracteres comuns”. Ou seja, o gênero contempla a ordem e a estrutura que o programa irá ser apresentado. Já o formato, refere-se as características gerais do programa. Souza (2015) entende que o formato na televisão é o que vai definir como vai ser o programa.

Dessa forma, todos os conceitos estão correlacionados, pois um programa em determinada categoria pode ter mais de um gênero em um formato. Chama-se a esse movimento de inter-relação de hibridismo.

Nesse contexto, o programa esportivo na televisão, se enquadraria no conceito de Infotimento. Infotimento, nada mais é do que a união de duas categorias, informação e entretenimento, que juntas formam uma nova categoria. Djavite (2006) aborda essa nova característica para o jornalismo, o Infotimento, que além de entreter, também informa. A autora coloca ainda, como uma necessidade para o bom profissional de jornalismo, na sociedade contemporânea conseguir unir a informação ao entretenimento.

Machado (2000) afirma que, em geral, se pensa que a característica principal do telejornal é a divulgação de informações e notícias de interesse social. Mas ele diz que, também de certa forma, a informação não vem pronta:

(...) o telejornal é uma colagem de depoimentos e fontes numa sequência sintagmática, mas essa colagem jamais chega a constituir um discurso suficientemente unitário, lógico ou organizado a ponto de ser considerado “legível” como alguma coisa “verdadeira” ou “falsa” (MACHADO, 2000, p.110, grifos do autor).

A partir dessa ideia, o autor diz que as informações parecem chegar “soltas” para cada um, e é de acordo com a própria experiência que o telespectador vai interpretar as notícias. Além de informar, o autor destaca que a TV tem um papel importante nas tomadas de decisões e na formação de opinião: “(...) muitos conflitos são ganhados ou perdidos mais na televisão do que nos campos de batalha” (MACHADO, 2000, p.111). Mas, para definir o que é ou não notícia, precisa-se, além de um fato, que o mesmo tenha importância pública. “Para os jornalistas, os assuntos são considerados relevantes à medida que interessam um grande número de pessoas, quando causam impacto ou afetam a vida dos cidadãos” (BACELLAR, BISTANE, 2005, p. 41). Sendo assim, as autoras complementam que uma notícia pode se originar de forma tradicional, por fontes oficiais por exemplo, mas também de uma denúncia anônima ou até mesmo de um boato.

Paternostro (1999) destaca que o primeiro telejornal brasileiro foi o Imagens do Dia, da TV Tupi, em São Paulo, no ano de 1950. E foi dez anos

depois, em 1960, que ela definiu como o ano da consolidação da TV no Brasil. Isso porque naquela época, a TV assumiu a publicidade e o seu papel comercial, com o objetivo de alcançar o público. “A fim de receber uma maior quantidade de anúncios, a televisão, começou a direcionar seus programas para grandes audiências, aumentando assim seus lucros” (MATTOS, 2010, p. 31).

Após sua consolidação, a televisão precisou desenvolver a sua própria narrativa; “O espetáculo é a linguagem da televisão. E é segundo a lógica do espetáculo — a única lógica possível à TV — que tudo nela é transmitido” (MARCONDES FILHO, 1998, p. 41). O conceito da linguagem do espetáculo é melhor compreendido a partir da teoria crítica da sociedade do espetáculo, de Debord (1991). Para ele, tudo o que fazemos, a partir dos adventos dos veículos de comunicação, tem relação com espetáculo, ou seja, o que antes era vivenciado de verdade, agora não passa de mera representação. Em especial, via imagens da TV.

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, ele é expressamente o sector que concentra todo o olhar e toda a consciência. Pelo próprio facto de este sector ser separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência: e a unificação que realiza não é outra coisa senão linguagem oficial da separação generalizada (DEBORD, 1991, p. 10).

O autor, de acordo com a sua teoria, faz um julgamento do modelo de discurso televisivo, mas ao mesmo tempo, entende que a televisão não pode fugir disso, porque ao utilizar as imagens (que como destacado anteriormente, não são a realidade, mas uma representação), transforma-as em representação e nesse sentido, a TV nada mais seria do que espetáculo. Ao encontro das afirmações de Debord (1991) e também bastante pessimista, Llosa (2012) diz que o jornalismo tem responsabilidade de trazer à luz os assuntos de interesse público através do noticiário e que se este se não possuir a característica de entretenimento - conceito ligado ao de espetáculo - nos dias de hoje, pode acabar no esquecimento.

A televisão, em sua gama de programação, oferece programas diversos para os telespectadores. Um deles é a transmissão esportiva, com foco no

jornalismo esportivo, responsável por apresentar grandes espetáculos ao público. E o principal desafio do jornalista esportivo, segundo Coelho (2004), é superar o preconceito de ter se especializado para falar de esporte. Isso porque em alguns momentos, é valorizada a opinião de um comentarista que é atleta, pela sua experiência profissional no esporte. Esse comentário não leva em conta o conhecimento técnico ou teórico. Porém, o fato de um atleta vivenciar a prática esportiva, não o torna apto a trazer informação jornalística de qualidade.

Marcondes Filho (1998) diz que a televisão vai além no futebol e cria um espetáculo à parte. Isso faz com que a televisão tenha certa autonomia e escolha qual campeonato gostaria de destacar, fazendo o espetáculo a seu modo. Coelho (2004), em suas considerações concorda e complementa essa afirmação.

O debate real implica o que é jornalismo e o que é show. A TV Globo tem os direitos exclusivos de transmissão do Campeonato Brasileiro desde 1995. Os clubes acharam que iriam aumentar seus dividendos com o dinheiro da TV mas não criaram campeonato suficientemente lucrativo para que a televisão dele precisasse. Ao contrário, hoje são os clubes que dependem da televisão (COELHO, 2004, p. 63).

Se observarmos, o principal protagonista das transmissões esportivas ainda é o futebol. E foi no Rio de Janeiro, no começo do século XX, que os jornais começaram a abrir mais espaço para o futebol. De acordo com o jornalista Máximo (1999)<sup>48</sup>, a história do país com o futebol não é totalmente clara. O que se tem são muitos boatos, mas, de fato, o que é documentado é que Charles Miller, filho de ingleses, após retornar de seus estudos na Europa, trouxe o futebol para São Paulo em abril de 1895. Por isso, ele é considerado até os dias de hoje, “o pai do futebol brasileiro”.

Nesse começo, o futebol não era popular e nem bem visto pelos meios de comunicação. Acreditava-se que não se tornaria algo relevante. De acordo com Coelho (2004), era inferior ao Remo, o esporte mais popular no Brasil naquela época. O autor acredita que o momento para o esporte se tornar uma “febre” no país foi em 1925, quando o Brasil já era Bicampeão Sul-Americano

---

<sup>48</sup> MÁXIMO, J. (1999). Memórias do futebol brasileiro. *Estudos Avançados*, 13(37), 179-188. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9493>. Acesso em: 29/10/2019.

de Futebol. A primeira grande conquista da Seleção Brasileira foi em 1919, contra o Uruguai e depois, em 1922 contra o Paraguai. E foi em 1957 que ocorreu a primeira transmissão da Copa do Mundo pela televisão.

Como o futebol, a televisão se apropria da linguagem e do conceito de espetáculo, até porque, quem acompanha as transmissões de casa, vivencia uma experiência muito diferente daquela de quem está no estádio. Marcondes Filho (1998, p. 70) exemplifica essa diferença, explicando o fato de que quando o torcedor está no local em que ocorre a partida, ele tem domínio sobre o que está vendo. No caso da TV, ela vai trazer uma representação sobre o que está acontecendo, com closes e revisões; de certa forma, ditando quem é o melhor e o pior em campo ao reprisar lances e focar mais em alguns detalhes e menos em outros. “O jogo existe independentemente do público e este, encerrado em sua casa, assiste a um espetáculo construído só para câmeras de tevê, como um jogo imaginário, realizado nas gramas de plástico dos cenários televisivos”.

Porém, apesar de se autointitular o país do futebol, no Brasil esse espetáculo demorou a ser inclusivo e as mulheres só passaram a fazer parte desse mundo, tanto como jornalistas como atletas profissionais, com muita luta. É claro que esse comportamento dos brasileiros e essa crença de que o futebol é um mundo masculino, faz parte de uma herança cultural. Santaella (2003) traz o sentido epistemológico da palavra, do latim *cultura*, que significa cultivar o solo. Ou seja, compara a cultura com algo a ser plantado que vai depender das condições em que está inserida para se desenvolver.

Complementando essa definição, Thompson (1998) caracteriza a cultura como um corpo dinâmico, que pode mudar a todo momento conforme os fatores sociais. São costumes herdados por gerações. E justamente por esse motivo, não é fácil mudar o padrão de pensamento de toda uma cultura. Desse modo, retomando o conceito de imaginário de Machado (2003) pode-se compreender como se origina o preconceito de gênero. Nesse caso, o machismo surge do imaginário coletivo, ou seja, dos costumes de uma sociedade, que através das ideias que são passadas por gerações, validam esse comportamento. E ao se tratar de coletivo, entende-se que homens e mulheres podem ter comportamentos machistas, pois ambos estão expostos à

construção do pensamento cultural. Esse pensamento preconceituoso e desigual, chamamos de cultura do machismo.

Visando mudanças, as mulheres precisaram tomar para si a responsabilidade de transformação de pensamento dessa cultura do machismo. E isso se deu, somente com muita luta. Precisaram reclamar o que consideravam seu lugar por direito. E a luta para conquistar os direitos de participar tanto no esporte como na imprensa esportiva, só ganhou voz e vez para as mulheres, com o suporte do feminismo.

O feminismo é um movimento que surgiu após a Revolução Francesa<sup>49</sup> (1789-1799) para reivindicar os direitos das mulheres, como um movimento social e político. A primeira grande conquista do feminismo no Brasil foi o direito ao voto, conquistado em 1932.

Ao afirmar que o sexo é político, pois contém também relações de poder, o feminismo rompe com os modelos políticos tradicionais, que atribuem uma neutralidade ao espaço individual e que definem como política unicamente a esfera pública, 'objetiva'. Dessa forma, o discurso feminista, ao apontar para o caráter também subjetivo da opressão, e para os aspectos emocionais da consciência, revela os laços existentes entre as relações interpessoais e a organização política pública (ALVES ; PITANGUY, 1991, p. 8, grifo das autoras).

A busca por reconhecimento é necessária, pelo que Beauvoir (1949) define como uma série de processos sociais e históricos que criaram esta situação da mulher ser vista como o “segundo sexo” ou o “outro”. Conforme a autora, a mulher somente vai conseguir autonomia através do trabalho e é por meio dele que as mulheres, aos poucos, diminuem o espaço entre elas e os homens, para se tornarem enfim, iguais. Mesmo que a luta tenha começado lá atrás, ainda no século XVIII, a igualdade de gênero ainda é vista com negatividade. Adichie (2014) faz uma comparação de que a pessoa, ao se declarar feminista é quase como ser considerada a favor do terrorismo.

Com o surgimento do movimento feminista, que surgiu também a imprensa feminista. Segundo Buitoni (1990, p. 30), a mídia, pela primeira vez, preocupou-se com o interesse político, a fim de abordar essa batalha em busca do lugar da mulher. Mas, a autora fala que apesar de ter sido criada para a luta

---

<sup>49</sup> A Revolução Francesa, iniciou em 1789 e foi um movimento impulsionado pela burguesia europeia e os camponeses e das massas urbanas que viviam na miséria. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25437/27182>. Acesso em: 29/10/2019.

em prol das mulheres, a linguagem utilizada pelo jornalismo brasileiro era uma ordem velada, um tipo de “aconselhamento” às mulheres sobre o que deveriam fazer em suas vidas.

Da mesma maneira que o público feminino não era bem-vindo para o jornalismo profissional esportivo, as mulheres tardiamente começaram a ter a possibilidade de ingressar nesse meio como atletas, e mais ainda, a obter respeito em qualquer área esportiva. “Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70” (COELHO, 2004, p. 24). Foi em 1896, somente após os Jogos Olímpicos Modernos, que as mulheres passaram a ganhar mais força e visibilidade nos esportes. Segundo KNI (2003), essa luta para participar dos jogos, durava mais de cem anos.

O movimento feminista das décadas de 1960/1970 e, principalmente, a constante e crescente participação feminina no mercado de trabalho fizeram que as mulheres começassem a mostrar-se presentes em todos os campos sociais- e no esporte, competitivo ou não, essa realidade não seria diferente. Pelo contrário, também o esporte e a atividade física e recreativa para mulheres tornaram-se, muitas vezes, fatores para impulsioná-las no sentido de sua liberação (KNIJNIK, 2003 p. 25).

Já no futebol, a luta foi ainda mais intensa. Isso porque, no Brasil, de 1941 até 1979 as mulheres eram proibidas de jogar futebol e poderiam ser presas pela prática esportiva. A falta de representatividade era tanta que Coelho (2004) define como ser algo curioso quando uma mulher entendia mais de futebol do que um homem. Isso acontece justamente pelo fato de que, culturalmente, as mulheres não deveriam praticar esportes considerados “masculinos”, que exigiam força e preparo físico. “Historicamente, procurou-se, de todas as formas, afastar a mulher do esporte, sendo dito e frisado que o corpo dela não podia, não devia, não cabia” (KNIJNIK, 2003, p .66).

Uma cultura machista, que vê as mulheres de forma inferior, só pode ser transformada com educação. Se em pleno 2004, quando Coelho publicou o livro

“Jornalismo Esportivo” era considerado anormal uma mulher gostar ou até mesmo entender de esporte, agora, 15 anos depois, existe a possibilidade de mudança, desse conceito, se desde a infância isso for encarado e abordado como uma coisa comum para ambos os sexos. Adichie (2017, p. 35) aborda

justamente a questão da educação como chave. “Ensine (...) a questionar a linguagem. A linguagem é o repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças, de pressupostos”. Portanto, a forma como as crianças são criadas e a linguagem utilizada para o tratamento das questões de gênero são determinantes para gerar uma nova forma de pensar e de se comportar, tanto para homens como para mulheres.

Se for levado em consideração que a primeira Copa do Mundo Feminina só foi disputada em 1991, mais de 60 anos depois que ocorreu a Copa masculina em 1930, pode-se pensar que esse fato só contribuiu para que o ambiente futebolístico excluísse as mulheres, ou não as reconhecesse de forma igual. Mas, em contraponto à idéia de que o futebol é um lugar apenas masculino, a última Copa do Mundo Feminina derrubou esse argumento, no momento em que os ingressos para a abertura da semifinal e final da Copa, esgotaram-se em apenas 48 horas.

Para se adequar ao interesse das pessoas pelo futebol feminino, que está em crescimento nos últimos tempos, a televisão aberta, que é veiculada em todo país, transmitiu a Copa do Mundo de Futebol Feminino em 2019, pela primeira vez. Desse modo, a Globo torna esse feito histórico e, portanto, mais um marco nas conquistas femininas, o que é muito importante, mas também acentua e reflete os efeitos que o machismo acabou deixando no esporte e, nesse caso em específico, no futebol feminino.

## **2 TEMA**

Análise do discurso de gênero utilizado pelos programas esportivos na televisão, a partir da carreira da jogadora de futebol, Marta.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Em busca de formas eficazes de comunicação e por depender dela para sua sobrevivência, o ser humano desenvolveu maneiras de propagação de informações.

Paternostro (1999, p.19) complementa que essa busca é “(...) tão antiga quanto o ser humano, é a luta que ele enfrenta para criar meios de registrar e passar adiante informações”.

A chegada da televisão, em 1950, é apenas mais uma dessas formas que o homem encontrou. Mas, além disso, a televisão se tornou o principal veículo de comunicação, a partir do momento em que deixou de ser tão cara e acessível somente para a classe média alta, e economicamente falando. Ao ser disponibilizada ao grande público em 1990, com o processo de segmentação ela ganhou outra forma. Foi nessa época que a programação da televisão começou a ser pensada para telespectadores como públicos específicos, segundo as autoras Bistane e Bacellar (2008).

De acordo com o que foi mostrado anteriormente na introdução, a televisão mexe com o imaginário das pessoas através, e principalmente, das imagens. Segundo Marcondes Filho (1994, p. 110), a visão é o sentido que direciona o homem para que decisão ou caminho tomar. Quando se diz que a televisão trabalha com o imaginário e, conseqüentemente, com nossa visão de mundo, é preciso compreender que as informações serão entendidas de acordo com a experiência que cada telespectador carrega, portanto, a influência existe, mas o público tem a livre interpretação. “Por mais que se queira ou se possa manipular as informações, elas chegam ao telespectador ainda não inteiramente processadas, portanto brutas, contraditórias, sem ordenação, sem acabamento final”.

Isso significa que se, culturalmente, temos visões machistas, a interpretação de uma matéria vai impactar na vida da pessoa de acordo com a vivência dela em relação ao assunto. Sabendo que o preconceito está diretamente ligado com a cultura e os costumes da sociedade, este assunto de pesquisa se mostra importante para o desenvolvimento da consciência social. Quando se entende que é partir do que vemos que são naturalizados os nossos princípios, entende-se melhor o papel da televisão e do jornalismo dentro dela.

Essa realidade, entendida através da imagem mostrada na televisão, é uma representação do real e os discursos reproduzidos possuem credibilidade e a confiança do público. Passa a existir também, a ciência de que se houver

discurso irresponsável, de forma equivocada e talvez até tendenciosa, esse discurso tem muita chance de se tornar a representação aceitável da realidade de milhares de pessoas e, conseqüentemente, de milhares de imaginários.

Apesar do movimento feminista ser relativamente jovem, surgindo em meados do século XIX, reclamando direitos básicos das mulheres como o direito ao voto, que no Brasil só foi conquistado em 1932, a discussão da figura feminina no meio profissional vem se tornando cada dia mais forte e necessária. Afinal, a mulher agora está em muitos lugares, falando e fazendo muitas coisas, que antes ou era proibido ou visto como incomum.

Por isso, a pesquisadora acredita que é primordial para o profissional de comunicação em formação, estar inteirado dessas mudanças de comportamento social e de tempo. Compreender de que forma não propagar discursos equivocados, que estimulem ou influenciem comportamentos machistas e sim, lutar para que a profissão procure, cada vez mais, ser inclusiva em relação às diferenças das pessoas. Se o jornalista conhece a história dos movimentos, os motivos e as causas, o discurso se torna consciente e com propósito. Então, ele não tem como ignorar os fatos e as narrativas que corroboram com o machismo, seja no meio esportivo ou no audiovisual como um todo. Além disso, existem os preceitos básicos do jornalismo a serem levados em conta.

O futebol é um esporte muito popular no Brasil. É administrado na TV como um show, um espetáculo. Coelho (2004) destaca que, muitas vezes, se perde a noção do que é show e do que é jornalismo. A verdade é que, segundo a teoria da linguagem do espetáculo de Debord (1991), a televisão não pode fugir do espetáculo, pelo motivo de que a imagem nada mais é do que uma representação do real. Sendo assim, muitas vezes, o jornalismo utiliza-se do espetáculo futebolístico para engrandecer, ou endeusar as mulheres que conseguem se destacar no esporte, como forma de as “igualar” aos homens, o que apenas reforça o quanto isso não é comum ou natural para mulheres.

A Copa do Mundo Feminina de 2019 deixa essa noção bem explícita, no momento em que as mulheres são exaltadas e apresentadas como heroínas por defenderem a nossa nação. Nisso, há um exagero. Mas, esse “ato heroico” foi completamente esquecido em menos de três meses após o término da

Copa, já que a Seleção Feminina de Futebol continua disputando outras competições. Mas, pouco se fala sobre isso. Se elas são tão importantes, não há motivo para deixarem de estar nas notícias principais, fato que acontece com os jogadores dos times masculinos.

Por essas e outras razões essa discussão é de muita importância para que tanto o público como as profissionais jornalistas consigam decifrar o que é um discurso machista e o que deveria ser o discurso jornalístico que preza a igualdade.

#### **4 QUESTÃO NORTEADORA**

Como o discurso utilizado pelos programas esportivos da televisão expõe as questões de gênero, a partir da carreira da jogadora de futebol, Marta?

#### **5 HIPÓTESES**

- a) A mulher tem espaços em programas esportivos da televisão apenas para manter a aparência de igualdade de gênero.
- b) O “endeusamento” das mulheres nos esportes apenas comprova a desigualdade de gênero e o machismo da sociedade.
- c) A mulher pode praticar esportes e entender sobre ele, desde que tenha um especialista homem para confirmar o que ela faz ou diz.
- d) As mulheres estão quebrando tabus no meio esportivo, mesmo que aos poucos.
- e) Os movimentos feministas contribuem para que as mulheres conquistem espaços, e na área do jornalismo esportivo também tiveram resultados favoráveis.

#### **6 OBJETIVOS**

##### **6.1 Objetivo geral**

Analisar o discurso utilizado pelos programas esportivos de televisão no que se refere à igualdade de gênero, a partir da carreira da jogadora de futebol, Marta.

## 6.2 Objetivos específicos

H A.

- a) Compreender a narrativa televisual.
- b) Compreender o jornalismo esportivo.
- c) Perceber, a partir do movimento feminista, o que é considerado machismo no esporte.
- d) Analisar se o discurso jornalístico no esporte trata a mulher com igualdade em relação aos homens.

H B.

- a) Compreender a narrativa televisual.
- b) Compreender o jornalismo esportivo.
- c) Perceber, a partir do movimento feminista, o que é considerado machismo no esporte.
- d) Analisar se o discurso jornalístico no esporte trata a mulher com igualdade em relação aos homens.

H C.

- a) Compreender a narrativa televisual.
- b) Compreender o jornalismo esportivo.
- c) Perceber, a partir do movimento feminista, o que é considerado machismo no esporte.
- d) Analisar se o discurso jornalístico no esporte trata a mulher com igualdade em relação aos homens.

H D. e H.E

- a) Compreender a narrativa televisual.
- b) Compreender o jornalismo esportivo.
- c) Perceber, a partir do movimento feminista, o que é considerado machismo no esporte.
- d) Entender o conceito de cultura e de que forma o preconceito se inclui no processo.
- e) Analisar se o discurso jornalístico no esporte trata a mulher com igualdade em relação aos homens.
- f) Compreender a contribuição do feminismo para o processo de inserção das mulheres no esporte.

## **7 METODOLOGIA**

Levando em consideração o tema escolhido para essa pesquisa, criou-se então, a questão norteadora, juntamente com suas hipóteses, e por fim, foram definidos os objetivos. Para realizar o estudo do discurso jornalístico sobre as mulheres no futebol, a pesquisadora desse projeto irá utilizar a perspectiva qualitativa. Quanto ao processo metodológico da pesquisa, será adotada a pesquisa bibliográfica. Com relação ao método, será feita a Análise de Conteúdo, baseada em Laurence Bardin (2011) e a posterior Análise de Discurso utilizando como autora de referência, Ruth Amossy (2018).

### **7.1 Pesquisa qualitativa**

Para Bardin (2011), a pesquisa qualitativa acontece de forma mais dedutiva sobre acontecimentos específicos e, portanto, é de certa forma variável. É diferente da pesquisa quantitativa, que se baseia na frequência que os elementos aparecem e leva em conta números e dados estatísticos.

Esse projeto de monografia, ao ter enfoque qualitativo, propõe analisar as características do discurso jornalístico sobre as questões de gênero nos programas esportivos. Desse modo, possibilitar a reflexão a respeito do assunto tema da monografia.

## **7.2 Pesquisa bibliográfica**

A pesquisa bibliográfica é toda a base que vai sustentar as ideias apresentadas no projeto.

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet (GIL, 2018, p.28).

Os autores referenciados são utilizados para a compreensão e para a definição de conceitos, para termos como, feminismo, história da televisão, cultura, e outros temas abordados ao longo da pesquisa.

### **7.1.2 Análise de Conteúdo**

Para realizar a pesquisa, será utilizado principalmente o método de Análise de Conteúdo, utilizando como objetos de estudo, matérias retiradas em programas esportivos da televisão brasileira. Nessas matérias, pretende-se analisar, o discurso utilizado, quando refere-se ao público feminino no futebol. Sendo que no total serão três matérias, o como critério será analisado apenas 5 minutos de cada uma. Bardin (2011), divide o método em três fases, sendo a primeira a pré-análise, que consiste na coleta dos materiais que serão analisados. Na futura monografia esta fase será representada por matérias coletadas em programas de esportes. Ao escolher, também contribui para formular as hipóteses e os objetivos do tema de pesquisa. Para o estudo dos materiais, alguns livros e artigos vão ser bases para elucidar conceitos. Sendo assim, pretende-se abordar o surgimento do jornalismo esportivo e também, como o

discurso de gênero utilizado para tratar do futebol, influencia. Os objetos de estudos escolhidos, consistem em três matérias:

- O futebol feminino no Brasil, com duração de 12 minutos. Essa matéria foi exibida no Esporte Espetacular no dia 19 de maio de 2019. O conteúdo geral aborda a história do futebol feminino no Brasil.
- Qual o futuro do futebol feminino no Brasil? Programa de mesa redonda com 16 minutos de duração, debate exibido no *YouTube* pelo canal TV Brasil. Esse material foi publicado no dia 26 de junho de 2019. Refere-se aos resultados da Copa do Mundo do Futebol Feminino, programa composto apenas por homens.
- Figurinhas da Copa de Futebol Feminino estão esgotadas nas bancas. Matéria exibida pelo Globo Esporte RS, com duração de 5 minutos, exibida em 03 de junho de 2019. A matéria fala sobre a escassez de figurinhas e sobre o fato de que está escasso justamente pelo fato de não saberem que o álbum existe.

Já a segunda fase é de exploração do material e comporta a aplicação do conteúdo adquirido na primeira fase. Fazendo os recortes e a escolha dos cinco minutos que serão utilizados de cada matéria. Depois será feita a decupagem dos materiais separados. Nesta pesquisa, a atenção estará voltada para: o tempo de discurso dos profissionais de ambos os sexos durante a matéria, o conteúdo desse discurso e os termos utilizados nessa narrativa.

Portanto, a terceira e última fase é a exploração do material, análise dos resultados obtidos nas fases anteriores, ou seja, a interpretação do material coletado. Logo, nesta interpretação poderá se observar se as hipóteses pesquisadas, foram confirmadas.

### **7.1.3 Análise do Discurso**

A Análise do Discurso pretende analisar a linguagem que os jornalistas dos programas de esporte utilizam ao se referir as mulheres no futebol. Essa análise, é uma técnica de pesquisa que estuda a linguagem e as consequências do discurso.

De acordo com Amossy (2018) é perceber que todo discurso, seja consciente ou não, traz algum tipo de impacto. Portanto a análise observa como o discurso age sobre o outro. A AD, considera que o discurso é heterógeno, pois ela surge do contexto histórico e ideológico.

## **8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

O referencial teórico é o embasamento para este projeto que, posteriormente, se tornará a monografia de conclusão do curso. As obras e os conceitos a seguir, são fundamentais para a análise das narrativas do jornalismo esportivo, que é o tema central desse projeto.

### **8.1 TELEVISÃO**

Para conceituar a TV, utiliza-se como base teórica, o livro de Sérgio Mattos (2010), História da Televisão Brasileira. O mesmo divide as fases da televisão no Brasil, assim como a obra de Marcondes Filho (1994), com o título Televisão, que também divide a televisão em fases.

Os dois autores contribuem para a melhor compreensão da evolução da TV. Paternostro (2006), com O texto na TV, complementa com as definições e características do texto que é usado no veículo e também com marcos históricos da televisão brasileira.

### **8.2 JORNALISMO ESPORTIVO**

O livro de Coelho (2004) situa o Jornalismo Esportivo no Brasil. Ele relaciona também a questão das mulheres nesse meio, fato que é mais profundamente abordado na obra A mulher brasileira e o esporte: seu corpo,

sua história, escrita por Jorge Knijnik (2003), em que o foco principal é a mulher no esporte.

### 8.3 FEMINISMO

A obra de Simone Beauvoir (1980), *O segundo sexo*, aborda a luta da mulher pelos seus direitos. Somando-se também à coletânea de crônicas de Marta Suplicy (1985), no livro *Condição da Mulher– Amor, Paixão, Sexualidade*, que são livros de quase três décadas atrás, mas reforçam as mesmas bandeiras e lutas dos dias atuais.

E reforçando a necessidade de falar sobre esses preconceitos que vêm há décadas, Adichie (2019) contribui com livros que são muito importantes na pesquisa:

Como educar crianças feministas e *Sejamos todos feministas*. Esses dois livros, além de atuais, retomam as mesmas questões que são abordadas pelas demais autoras.

### 8.4 ESPETÁCULO

O projeto de pesquisa é focado no discurso jornalístico esportivo em relação às mulheres no futebol. Portanto, no desenvolvimento desse projeto, percebe-se que o futebol é também um espetáculo na televisão, além, é claro, de ser informação. Desse modo, Debord (1997) em *A sociedade do espetáculo* e Llosa (2016), com *A civilização do espetáculo*, ajudam a entender o conceito de espetáculo.

### 8.5 MÉTODO

Como já citado anteriormente na metodologia, o método de pesquisa adotado para o projeto é a Análise de Conteúdo e Análise de Discurso. Embasado no livro de Laurence Bardin (2011), denominado *Análise de Conteúdo*, compreende-se o primeiro conceito. Além do livro *A argumentação do discurso*, de Ruth Amossy (2018), para compreensão da Análise de

Discurso. Esses dois livros contribuem com a pesquisadora para abordar a metodologia aplicada no projeto de pesquisa.

## **9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS**

### 1 INTRODUÇÃO

### 2 JORNALISMO

#### 2.1 JORNALISMO ESPORTIVO

#### 2.2 IMAGEM E IMAGINÁRIO

#### 2.3 TELEJORNALISMO ESPORTIVO E ESPETÁCULO TELEVISIVO

### 3 O FEMINISMO E O FEMININO

#### 3.1 HISTÓRIA DO FEMINISMO E A CULTURA DO MACHISMO

#### 3.2 A MULHER NO ESPORTE

#### 3.3 IMPRENSA FEMININA

#### 3.4 A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO

### 4 JOGADORA MARTA

#### 4.1 HISTÓRIA DE VIDA

#### 4.2 MARTA E A MÍDIA

### 5 METODOLOGIA

#### 5.1 ANÁLISE DE DISCURSO E OS ARQUÉTIPOS

### 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

## REFERÊNCIAS

## **10 CRONOGRAMA**

Período	Atividade
---------	-----------

Dez 2019 (segunda quinzena)	Leitura de livros e artigos
Janeiro 2020 (primeira quinzena)	Produção do cap 1, leitura, fichamentos e pesquisa.
Janeiro 2020 (segunda quinzena)	Produção do cap 1, leitura, fichamentos e pesquisa.
Fevereiro 2020 (primeira quinzena)	Produção do cap 1, leitura, fichamentos e pesquisa.
Fevereiro 2020 (segunda quinzena)	Correção do cap 1
Março 2020 (primeira quinzena)	Produção do cap 2 e 3
Março 2020 (segunda quinzena)	Correção do cap 2 e 3
Abril e Maio 2020	Produção do cap 4
Maio 2020 (segunda quinzena)	Correção do cap 4
Junho 2020 (primeira quinzena)	Produção do cap 5
Junho 2020 (segunda quinzena)	Correção do cap 5
Julho 2020	Produção do cap 6 última correção e entrega final.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **Para educar crianças feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação do discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.  
Disponível em:  
<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/158453/pdf/1>.  
Acesso em: 10/12/2019

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2004.

BUITONI, Ducilia. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1990.

COELHO, Paulo. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2004.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade de espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

KNIJNIK, Jorge. **A mulher brasileira e o esporte**: seu corpo, sua história. São Paulo: Mackenzie, 2003.

DUARTE, Elizabeth; CASTRO, Maria. **Televisão entre o mercado e a academia**.

Porto Alegre: Sulina, 2006

DJAVITE, Fabia Angélica. **INFOtenimento**: Informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.

GIL, Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** – São Paulo: Atlas, 2018. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597012934/cfi/6/24!/4/68/4@0>:

0. Acesso em: 25/11/2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo : Aleph, 2013.

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2014.

MACHADO, Juremir. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003 MARCONDES Filho, Ciro. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994.

\_\_\_\_\_. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Moderna, 1988.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV**: Manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da Cultura das Mídias à Cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SOUZA, Aronchi. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2015. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/42289/epub>. Acesso em: 29/10/2019.

THOMPSON, Palmer. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

**SITES**

**A política de implantação da Internet no Brasil.** Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5be0d57f5fde664d948d9c2cbc80b619>. PDF Acesso em: 23/11/2019.

IANONI, Marcus (2009). **Políticas públicas e Estado: O plano real.** [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452009000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452009000300009). Disponível em: 10/12/2019.

MÁXIMO, J. (1999). **Memórias do futebol brasileiro.** Estudos Avançados. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9493>. Acesso em: 29/10/2019.

**Revolução Francesa.** Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25437/27182>. Acesso em: 29/10/2019.

YOUTUBE. **Figurinhas da Copa de Futebol Feminino.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d-suO6c8-tE&feature=youtu.be>. Acesso em: 28/08/2019.

YOUTUBE. **O futebol feminino no Brasil.** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7627105/>. Acesso em: 21/08/2019.

YOUTUBE. **O futuro do futebol feminino no Brasil.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4j6G9CO7K00&feature=youtu.be>. Acesso em: 28/08/2019.